FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.095 DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2025 R$ 9,90

INFORME PUBLICITÁRIO









Sem recomendação médica e com cara de irregular? **Tô fora!**

Sua saúde pode estar em risco.

BR25NNM00030 – MAIO/2025



Movimento #TôFora

Saiba identificar medicamentos irregulares!

Desconfie de promessas exageradas, aspecto suspeito e preço abaixo do usual. Também vale conferir condições de armazenamento e se o local tem autorização para comercialização.

É importante ressaltar que o uso de medicamentos sujeitos a prescrição não deve ser indiscriminado. Sempre busque a orientação e o acompanhamento de um médico. Não pratique a automedicação!



Acesse novonordisk.com.br ou aponte a câmera do celular para o QR Code.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA SBC 1943

BR25NNM00030 – MAIO/2025

Eufrázio

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.095 — DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2025 — R$ 9,90

ilustrada ilustríssima

LADY GAGA HOMENAGEIA O BRASIL EM ÓPERA POP

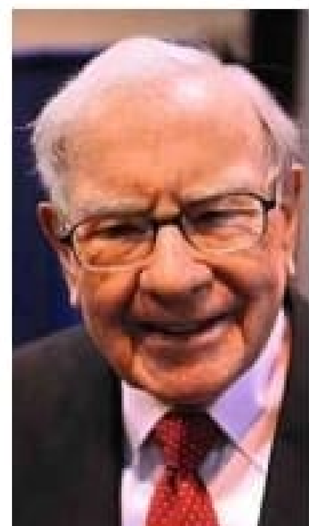
Em megashow em Copacabana, cantora usou figurinos com as cores do país, exibiu a bandeira brasileira e emocionou milhares de fãs com hits **B11**

FICAR MUITO SENTADO É RUIM ASSIM COMO FUMAR

OMS afirma que sedentarismo vai alcançar o cigarro em mortes precoces e evitáveis no nosso século **B4 e B5**



Vestida com as cores do Brasil, Lady Gaga se apresenta no show gratuito na praia de Copacabana, no Rio Pablo Porciuncula/AFP



Scott Morgan - 4.mai.2019/Reuters

Buffett, conhecido como 'Oráculo de Omaha'

mercado

O INVESTIDOR MAIS FAMOSO DO MUNDO SE APOSENTA

Warren Buffett, 94, anuncia que deixará comando do gigante financeiro Berkshire Hathaway **A22**

Posto de mais influente ficará vago, analisa João Sandrini **A23**

Metade dos que bebem afirma ter reduzido consumo, diz Datafolha

No geral, população se divide entre os que ingerem álcool (51%) e os que não o fazem (49%)

Metade dos brasileiros maiores de 18 anos que bebem afirmam ter reduzido o consumo de álcool no último ano, aponta nova pesquisa Datafolha. Eles são 53%, enquanto 12% dizem ter aumentado a ingestão de bebidas e 35% não veem mudança.

No geral, a população maior de idade se divide entre os que dizem consumir a substância (51%) e os que afirmam não o fazer (49%). Os entrevistados que ingerem álcool contaram ainda ter bebido, em média, 4,5 doses na semana anterior à pesquisa.

Segundo o Datafolha, 10% relataram que tomaram 11 ou mais doses, 13% consumiram de seis a dez, 16%, de três a cinco, e 19%, até duas. Outros 36% disseram não ter ingerido álcool, e 5% não responderam. A dose equivale a um copo, lata, taça ou drinque.

A maioria (81%) avalia que consome bebidas na medida adequada, e 18% falam em excesso. A pesquisa foi realizada entre 8 e 11 de abril, com 1.912 entrevistados em 113 municípios. A margem de erro é de dois pontos, para mais ou menos. **Saúde A36**

Essencial para o sistema, Belo Monte encara desafio da mudança climática

Operando há quase 10 anos, Belo Monte (PA) contabiliza R$ 8 bilhões em ações socioambientais e se tornou essencial no sistema elétrico brasileiro.

A usina, porém, segue criticada por ambientalistas e terá que lidar com secas mais drásticas na Amazônia, afetando a geração de energia. **Mercado A20**

Investimento em maquinário cresce com importações

No acumulado em 12 meses até março, o consumo de máquinas novas pelas empresas do Brasil aumentou 13,2%, segundo o Ipea. A compra de importados saltou 30%, enquanto a de equipamentos nacionais, apenas 4,9%. Indústria de bens de capital brasileira perde espaço para China. **Mercado A16**

Oposição diz ter número para CPI mista do INSS que dribla a Câmara A17

JHSF
SURPREENDENTE
SHOPS JARDINS
MODA E GASTRONOMIA NO
SHOPS JARDINS
NA HADDOCK LOBO

EDITORIAIS A4

Saída de Lupi, inevitável, não encerra escândalo Sobre descontos fraudulentos na Previdência.

Liberdade de imprensa em declínio no mundo Acerca de ranking da Repórteres sem Fronteiras.



Vinicius Torres Freire

Enrolação no caso da Previdência expõe governo incapaz

A roubança no INSS é exemplo de que o governo não governa em extensas partes da administração, que está de algum modo largada ou inerte, sem reformas fundamentais ou que permitam que o sistema funcione sem fraudes e inoperâncias críticas. **Mercado A22**

Conclave vai decidir futuro do legado de Francisco

A partir de quarta-feira (7), 133 cardeais se trancam na Capela Sistina e, incomunicáveis, elegem o próximo papa diante da necessidade de manter a relevância da Igreja Católica. **A27**

Cracolândia, em SP, registra 39 furtos e roubos por dia A31

entrevista

AFFONSO R. DE SANT'ANNA
poeta e crítico literário

Poesia brasileira perdeu a fúria

Em 2015, Affonso Romano de Sant'Anna, um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea, repassou sua trajetória literária e pessoal em entrevista em Paris. O poeta morreu em março, aos 87 anos. **Ilustríssima Ilustrada B8**

Eufrázio

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Saída de Lupi, inevitável, não encerra escândalo

Omissão de ministro diante de fraudes no INSS, que dispararam sob Lula, é particularmente inquietante para um governo de óbvias conexões com sindicatos; CPI pode pôr investigação em mãos oposicionistas

Em seu pronunciamento para o 1º de Maio, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) apresentou rapidamente a versão oficial para o escândalo recém-revelado no INSS —foi seu governo que desmontou o esquema criminoso de desvios do dinheiro de aposentados e pensionistas, que será devolvido, discursou.

Os fatos, porém, são bem mais graves para a administração petista, como mostrou a queda do ministro da Previdência Social, Carlos Lupi, logo no dia seguinte ao feriado dos trabalhadores.

Ficou evidente a omissão da pasta diante de sinais óbvios de desmandos no Instituto Nacional do Seguro Social, o órgão responsável por pagamentos de benefícios que somam quase R$ 1 trilhão ao ano. Providências só foram tomadas quando a Controladoria-Geral da União e a Polícia Federal deflagraram uma operação contra a fraude.

Já no primeiro ano deste governo, em junho de 2023, o tema foi tratado em reunião do Conselho Nacional de Previdência Social —uma participante relatou o aumento no número de denúncias de irregularidades em acordos com o INSS que permitiam a sindicatos e outras entidades receberem recursos retirados dos benefícios previdenciários.

O alerta não evitou uma disparada dos montantes sob Lula e Lupi. Em 2016, quando Michel Temer (MDB) ocupava o Palácio do Planalto, os descontos ficaram em R$ 413 milhões. No final da gestão de Jair Bolsonaro (PL), em 2022, foram R$ 706 milhões. No ano passado, a cifra subiu a nada menos que R$ 2,6 bilhões.

Auditoria da CGU entrevistou uma amostra de 1.273 beneficiários do INSS, dos quais 97,6% disseram não ter autorizado desconto nenhum. Isso foi entre abril e julho de 2024. Tratando-se de um governo com óbvias conexões sindicais, os dados são particularmente inquietantes.

Era inevitável, pois, a saída de Lupi, presidente do PDT e titular da pasta do Trabalho em administrações petistas anteriores —e que deixou o cargo em 2011 sob suspeita de relações indevidas com ONGs ligadas ao partido. A demissão está longe de encerrar o escândalo, todavia.

Para não melindrar ainda mais o partido aliado, Lula deixou no comando da Previdência Wolney Queiroz, correligionário de Lupi que era o número dois do ministério e participou da fatídica reunião de 2023. Não é obviamente a melhor saída para mostrar disposição de esclarecer a fundo o caso e punir todos os envolvidos.

O ressarcimento do dinheiro roubado de aposentados e pensionistas é medida óbvia e urgente. Falta explicar como o esquema de desfaçatez se expandiu sob a guarda de um órgão público e mostrar que ele não se repetirá

Com sua reação tardia e hesitante, o governo corre o risco de ver a investigação da fraude nas mãos da oposição, que articula uma comissão de inquérito no Congresso Nacional. A despeito do trabalho meritório da CGU e da PF, será difícil negar a pertinência da atuação parlamentar.

O ressarcimento do dinheiro roubado de aposentados e pensionistas é medida óbvia e urgente. Falta explicar como o esquema de desfaçatez se expandiu sob a guarda de um órgão público e mostrar que ele não se repetirá.

Liberdade de imprensa em declínio no mundo

Ranking aponta recuo em 60% dos 180 países avaliados, até nos EUA, mas Brasil avança 19 posições, apesar de estar em situação problemática; guerras, populismo e economia afetam atividade essencial à democracia

Pela primeira vez nos últimos 23 anos, a liberdade de imprensa global está em situação categorizada como "difícil" pela organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF).

Segundo seu ranking de 2025, houve queda na pontuação em 60% dos 180 países avaliados, inclusive nos EUA, cuja democracia está historicamente alicerçada na imprensa livre. Em 90 deles, o status é "difícil" ou "muito grave".

A listagem se baseia em dados do ano anterior —no caso, 2024. Mas considera eventos ocorridos na passagem entre os anos que impactem a atividade.

Assim, os atos de Donald Trump durante as eleições e nos quatro primeiros meses do seu segundo mandato —ataques verbais a jornalistas, proibição de acesso de veículos à Casa Branca e corte de financiamentos para comunicação pública— contribuíram para que o país caísse duas posições em relação ao ranking anterior e ficasse na 57ª.

Na América Latina, a Argentina de Javier Milei, seguidor do ideário trumpista, perdeu 21 posições ante a edição de 2024 e figura no 87º lugar. Em países onde há muito observa-se fragilidade da livre imprensa, o quadro agravou-se, como em Venezuela (160º), Nicarágua (172º) e México (124º).

Já o Brasil foi uma das exceções do ranking, no âmbito regional e global, ao escalar 19 posições em relação a 2024 e alcançar o 63º lugar. Quando se compara com o último ano do governo Jair Bolsonaro (PL), que também era hostil ao trabalho jornalístico, o país avançou 29 colocações.

Mesmo assim, o país ainda está na categoria "problemático", o que exige ações do poder público, principalmente sobre a segurança dos profissionais de imprensa —mais vulneráveis em cidades pequenas, regiões isoladas como a amazônia ou dominadas por facções criminosas.

Guerras, conflitos armados e declínio institucional também contribuíram para a piora mundial. São os casos de nações africanas, do Leste Europeu e do Oriente Médio, como Sudão, Rússia, Ucrânia, Israel e Palestina.

O Brasil está na 63ª colocação. Quando se compara com o último ano do governo Jair Bolsonaro (PL), que, assim como Donald Trump, também não tinha apreço pelo trabalho jornalístico, o país avançou 29 colocações

O relatório da RFS destaca, ainda, a deterioração do indicador econômico. A competição com plataformas online vem fazendo cair as verbas publicitárias dos jornais, e a concentração de propriedade dos meios de comunicação mina a pluralidade.

Trata-se de um cenário desafiador. A ascensão global de populismos e da polarização política impacta a liberdade de imprensa, mas deve-se lembrar que ela é uma das principais ferramentas para preservar as instituições democráticas que esses fenômenos tendem a desestabilizar.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (comercial)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

O cérebro ideológico

Hélio Schwartsman

Uma boa pedida para quem quer entender melhor os tempos estranhos em que vivemos é "The Ideological Brain", da neurocientista política Leor Zmigrod.

Gostamos de imaginar que aqueles que abraçam ideologias com as quais não concordamos são pessoas rasas, que nem se dão ao trabalho de pensar direito sobre as questões em relação às quais se posicionam. Zmigrod mostra que não é bem assim.

Na mais simples de suas muitas definições, a ideologia é um tipo de narrativa que conta uma história atraente sobre o mundo. Mas, diferentemente das histórias produzidas pela cultura, as da ideologia têm caráter absolutista e cobram adesão dogmática. Não toleram contestação e vêm com prescrições. Quem se torna presa de uma ideologia passa por transformações cerebrais profundas, que deixam marcas físicas. Em casos extremos, a ideologia sequestra o próprio pensamento. A pessoa se torna menos singular, menos curiosa, menos livre.

"The Ideological..." não é um livro difícil, mas não simplifica. As inafastáveis descrições neuroanatômicas estão presentes, mas restritas a poucas passagens. Idem para os vários experimentos (da própria autora e de outros) que tentam mostrar quais são os tipos psicológicos mais vulneráveis à ideologia. A rigidez cognitiva é provavelmente o melhor preditor de suscetibilidade.

Histórica e filosoficamente informada (graduou-se em Cambridge), Zmigrod traça a genealogia do termo ideologia, cunhado por Louis Claude de Tracy no século 18 para designar o que deveria ser a ciência que estuda como temos ideias.

Uma desavença entre De Tracy e Napoleão fez com que, após campanha do corso, a palavra fosse ganhando contornos pejorativos até tornar-se quase que um palavrão com Karl Marx.

Algo que chama a atenção é a transparência com que Zmigrod apresenta as limitações e os pontos fracos de suas pesquisas. Se é o antidogmatismo que caracteriza o pensamento não ideológico, Zmigrod nos oferece uma prova prática de como agir.

PS —dou duas semanas de férias ao leitor.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

Casuísmo ao jeitinho brasileiro

Dora Kramer

As coisas andam de tal maneira disfuncionais em nossa paisagem institucional que é visto como normal um acerto para mudança de leis de interesse geral, no atendimento a circunstâncias específicas. E com o jogo em andamento.

O nome disso é casuísmo. Particularmente anômalo se acrescentarmos à cena o olhar complacente do Supremo Tribunal Federal. O conjunto dos ministros se mantém discreto, mas o presidente do STF, Luís Roberto Barroso, já deu entrevista dizendo ver como naturais as tratativas.

O governo "não vai se opor", nas palavras da ministra Gleisi Hoffmann (PT), das Relações, note-se, Institucionais. E assim temos nossa já tão ofendida Constituição prestes a sofrer nova afronta via alterações no Código Penal, desta vez para se adaptar a uma situação da conveniência exclusiva de um grupo político.

Um drible na anistia. Assim é interpretada a proposta em gestação a partir do Senado sob a condução do presidente Davi Alcolumbre (União Brasil), para aliviar a pressão sobre a ideia de se conceder perdão total aos envolvidos na conspirata golpista.

De acordo com o sugerido, a legislação serviria, em resumo, para reduzir as penas dos condenados pelo 8/1, deixando de fora os inspiradores e financiadores a serem julgados pelo Supremo.

Desse modo, o termo anistia sairia da ribalta. Argumenta-se que o entendimento é necessário para pacificar os ânimos e evitar o pior que seria a aprovação do projeto tal como querem os bolsonaristas que, aliás, não vão abandonar a bandeira.

Portanto, nada indica a existência no horizonte da presumida paz. Trata-se sem enfeites nem meias-palavras de um plano elaborado ao molde do malfadado jeitinho brasileiro.

Em tempos normais, o Supremo preservaria sua autoridade, o Congresso encaminharia suas propostas e o Executivo mobilizaria suas forças se quisesse participar. Ocorre, porém, que a banda toca ao som da disfuncionalidade de um governo fraco, um tribunal em palpos e um Parlamento no comando da agenda.

RIO DE JANEIRO

Quem influenciou quem?

Ruy Castro

Elis Regina, que teria feito 80 anos em março, parece estar de volta —pelo menos nos termos que o Brasil permite isso a uma pessoa que já se foi há tanto tempo. O magnífico filme "Elis & Tom", de Roberto de Oliveira e Jom Tob Azulay, de 2022, já foi um renascimento. "Elis", sua biografia por Julio Maria, saiu de novo, agora pela Companhia das Letras. E, incrível, Elis está presente até no rádio de táxis que tenho tomado. Sua voz volta para fazer companhia às de Leila Pinheiro, Marisa Monte e Maria Rita, suas mais aplicadas herdeiras. Mas, se Elis teve seguidoras, ela própria teria sido herdeira de quem? De Angela Maria, claro, depois temperada com Nora Ney, a resultar numa cantora que sabia cantar e dizer.

Influências são sempre discutíveis e podem ser surpreendentes. Ella Fitzgerald, para muitos, foi a maior cantora negra. Por quem ela se dizia influenciada? Pela branca, e também grande, Connie Boswell. E qual era a cantora que, segundo ela própria, tinha Ella como modelo? Doris Day. Bing Crosby saiu de quem? Do tenor irlandês John McCormack e de Louis Armstrong. E quem saiu de Bing? Frank Sinatra, Billy Eckstine, Mel Tormé, Dean Martin e dezenas de outros, inclusive o nosso Dick Farney —e, num palpite ousado, mas facilmente defensável, Orlando Silva.

Orlando Silva? Sim, de quem saíram Cyro Monteiro, Lucio Alves e, confessadamente, João Gilberto, todos no início da carreira. E enganam-se os que dão João Gilberto como influenciado por Chet Baker. João Gilberto e Chet Baker é que foram influenciados por Joe Mooney, Matt Dennis, Bobby Troup e uma quantidade de americanos que já cantavam baixinho e quase sem vibrato em fins dos anos 1940. Os quais, todos, podem ter saído do jovem Nat King Cole.

Raul Seixas queria ser Elvis Presley. Há quem ouça ecos de Jerry Adriani em Renato Russo. E não ria, mas sempre achei Roberto Carlos um Waldik Soriano suavizado por Tito Madi.

Bem, eu disse que essa história de influência de um cantor sobre outro era discutível.

O crime no fundo das redes

Hoje, a internet é uma espécie de terceira natureza, que conduz mentes vulneráveis por veredas sinistras

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Em intervenção exemplar, a polícia carioca antecipou-se a um crime, prendendo três jovens maiores de idade que planejavam matar um morador de rua no domingo de Páscoa. A execução seria transmitida online a um público pagante, expectadores habituais de suas exibições de maus tratos a animais e pregações contra mulheres, negros e homossexuais. Apurou-se que é largo o espectro de adolescentes atraídos por essa iniciação à barbárie.

É coisa antiga a atração pública pelo crime. Richard Speck, conhecido como "o monstro de Chicago" por ter assassinado em uma noite de verão (1966) oito enfermeiras, recebia, na prisão, cartas de amor anônimas, algumas com dinheiro, outras com sua foto marcada de batom. As paixões inflamadas por anomalias alimentam o espetáculo do crime. Isso que Jean-Paul Sartre atribuía, na França, à "imprensa de direita da bunda e do sangue" e o levou a participar da fundação do Libération como um diário que contribuísse para o desenvolvimento real da democracia política por meio de uma "escrita-falada", próxima ao mundo do trabalho.

O alvo crítico de Sartre era o "fait-divers", isto é, os relatos jornalísticos sobre a irrupção do insólito, identificado sempre com alguma violação das normais culturais ou naturais, como o acidente, o crime, a catástrofe. Só que isso não estava necessariamente ligado à direita política, e sim à imprensa sensacionalista, que explorava o fascínio sadomasoquista dos leitores pelo mórbido ou pelo horror. O que aí conta de fato são os sentimentos mais arcaicos do indivíduo, em geral apreendidos pelas lentes da psicanálise e da psiquiatria.

As paixões inflamadas por anomalias alimentam o espetáculo do crime. Isso que Sartre atribuía, na França, à "imprensa de direita da bunda e do sangue"

Mas a recente notícia, pela imprensa francesa, da morte de uma jovem estudante em Nantes, assassinada com 57 facadas, oferece outra perspectiva. Segundo o relato, o assassino, também adolescente, num manifesto delirante, "sintetiza todas as loucuras ideológicas que gangrenam hoje as nossas sociedades". Em 13 páginas, fascinado por Hitler, ele denuncia o "neurocapitalismo", supostamente responsável pela transformação dos cérebros em instrumentos de dominação econômica e tecnológica, que promoveriam um "ecocídio globalizado". É a sua justificativa para "vingar a humanidade", assassinando uma desconhecida.

A cobertura jornalística não configura um "fait-divers". Embora confinado a um hospital psiquiátrico, esse jovem não é mero doente, protagonista isolado de um fato. Ao olhar crítico, ele seria "talvez uma prévia da assustadora racionalidade dos loucos de amanhã". Mais do que uma prévia, porém, um padrão ideológico já em curso na realidade paralela e transnacional das redes sociais, onde se multiplicam grupos organizados com motivações fascistas.

Os três jovens apreendidos pela polícia carioca (o mais velho, de 24 anos, é militar) demonstravam racionalidade operativa, comprovada no planejamento de suas lives de horror. As redes constituem uma espécie de terceira natureza (a segunda é o hábito), que conduz consciências vulneráveis por veredas sinistras. Não se trata de moldar cabeças, velha hipótese sobre a influência da mídia, mas de caminhar na escuridão moral aberta pelo espaço virtual. Se o motor do percurso é o prazer transgressivo inerente à adolescência, o ponto de chegada é o crime real no fundo das redes.

Eufrázio

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Como a trajetória dos políticos influencia as políticas públicas

Garantir representatividade vai além de regular o lobby ou o financiamento de campanha; deve-se avaliar tais jornadas com outros exercícios de poder

Raquel de Mattos Pimenta e Iana Alves de Lima
Professora da Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV Direito SP)
Pesquisadora de pós-doutorado na FGV Direito SP

Em março último, ao comentar a proposta de reforma que busca instituir um Imposto de Renda mínimo para os mais ricos, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que os super-ricos estão sobrerrepresentados no Congresso Nacional. A declaração ocorreu em meio ao debate sobre a viabilidade da medida, necessária para compensar a isenção do IR para quem ganha menos de R$ 5.000.

O apontamento de que a representação de super-ricos poderia ser um empecilho à aprovação de medidas mais progressivas é uma percepção manifestada em pesquisas de opinião pública. Em 2023, os dados do Latinobarómetro revelaram que 54,2% dos brasileiros acreditavam que o país era governado por um pequeno grupo de poderosos em benefício próprio, em vez de atender ao bem comum de toda a população.

Mas, afinal, há um problema de super-representação dos mais ricos? Como isso se traduz nas políticas que eles promulgam e defendem?

A afirmação do ministro é consistente com pesquisas que mostram que políticos tendem a vir de origens econômicas mais privilegiadas do que a população em geral. Esse padrão é observado globalmente, e não só no Brasil, independentemente da métrica utilizada (riqueza, renda, ocupação ou educação).

Mais recentemente, estudos descritivos passaram a incorporar não apenas diferenças de ocupações profissionais, mas de gênero, raça e outros marcadores sociais. Contudo, faltam evidências sistemáticas sobre como a trajetória e o background influenciam as tomadas de decisão política, com algumas exceções. Os estudos da área, majoritariamente realizados em países europeus e sistemas parlamentaristas, mostram, por exemplo, que governantes que são empregadores e profissionais liberais, especialmente advogados e banqueiros, são menos favoráveis à redistribuição de renda.

Evidências sugerem que as trajetórias dos políticos não só formam suas crenças e opiniões, mas de fato influenciam as políticas adotadas. Uma pesquisa em 18 democracias parlamentaristas, em um período de 60 anos, demonstrou que gabinetes compostos por profissionais liberais promovem mais cortes em políticas sociais, enquanto gabinetes compostos por profissionais socioculturais tendem a ampliar essas políticas.

Na América Latina, embora mais escassos, trabalhos indicam que o background dos legisladores molda suas opiniões sobre políticas econômicas, o que se traduz em ações que expressam diferenças mais evidentes durante o processo de construção da agenda legislativa do que nas votações finais, onde outros fatores institucionais, como a disciplina partidária, exercem maior influência.

A representação desigual é moldada não só na votação final de um projeto, mas no seu percurso, na incerteza e na negociação anterior a ela. Nesse roteiro, trajetória, opiniões e atitudes dos 'policymakers' importam para moldar a própria política

Em síntese, o que essa agenda de pesquisa parece apontar é que a representação desigual é moldada não só na votação final de um projeto, mas no seu percurso, na incerteza e na negociação anterior a ela. Nesse roteiro, trajetória, opiniões e atitudes dos "policymakers" importam para moldar a própria política.

Em 2024, o Núcleo de Direito e Economia Política (Nudep) da FGV Direito SP iniciou um projeto de pesquisa sociojurídica, em parceria com universidades internacionais, para investigar o impacto da trajetória dos formuladores de políticas na concentração de renda. O estudo analisará 50 democracias entre 2005 e 2020, com estudos de caso em quatro países, incluindo o Brasil. No país, o foco será a tributação da renda, atualmente em debate. O objetivo é mapear o processo de formulação dessas políticas e identificar barreiras a iniciativas pró-distribuição.

Se a trajetória dos políticos influencia políticas públicas, garantir representatividade vai além de regular o lobby ou o financiamento privado de campanha. Compreender como essas trajetórias interagem com outras estratégias de influência e de exercício de poder é essencial.

Do burnout ao propósito: a nova jornada psicológica nas organizações

Caminho consiste em abordagens preventivas, que fomentem um ciclo virtuoso de produtividade, comprometimento e bem-estar

Clécio Branco
Psicólogo, é coordenador de medicina comportamental do Rituaali; mestre e doutor em filosofia

O trabalho sempre ocupou um lugar central em nossas vidas —mas raramente a saúde de quem trabalha foi tratada com a mesma importância. Isso começa a mudar, ainda que lentamente. Agora, até mesmo a linguagem normativa dá sinais de transformação: a nova redação da Norma Regulamentadora 1 (NR-1), que entra em vigor neste mês, passa a reconhecer os riscos psicossociais —como ansiedade, estresse e depressão— como parte da realidade que precisa ser cuidada no ambiente laboral.

Esse avanço regulatório é consequência de um cenário que já vinha se agravando: o crescimento dos transtornos mentais associados ao trabalho, os altos índices de afastamento e a dificuldade de retenção e engajamento dos profissionais. O adoecimento psíquico se tornou, infelizmente, uma marca da era contemporânea.

Desde os primórdios da industrialização, o bem-estar dos trabalhadores foi negligenciado. Os departamentos de pessoal, no passado, limitavam-se à lógica da produtividade. A saúde mental só passou a ser levada a sério quando os impactos econômicos do esgotamento se tornaram evidentes.

Hoje, a transformação é mais profunda. Vivemos na chamada sociedade do desempenho, em que a pressão não vem apenas do chefe: ela está internalizada. Cada profissional tornou-se gestor de si mesmo, cobrando-se o tempo todo, respondendo a e-mails no jantar, gerenciando metas pessoais como se fosse uma empresa. O telefone celular se transformou no símbolo dessa vigilância constante, dissolvendo as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de vida.

Nesse contexto, o trabalho deixou de ser apenas atividade e passou a ser identidade. E isso trouxe consequências. Condições como burnout, déficit de atenção e ansiedade crônica têm se tornado comuns —não por fragilidade individual, mas por estruturas que não reconhecem limites humanos.

As novas gerações não se reconhecem mais nos modelos tradicionais. A ideia de uma carreira estável numa única empresa parece anacrônica. Ganha espaço uma busca por propósito, por coerência entre o que se faz e o que se acredita. O trabalhador contemporâneo quer mais do que salário: quer sentido, autonomia e saúde emocional.

Ganha espaço uma busca por propósito, por coerência entre o que se faz e o que se acredita. O trabalhador contemporâneo quer mais do que salário: quer sentido, autonomia e saúde emocional

Esse cenário exige um novo olhar das empresas. A "ecosofia", proposta pelo filósofo Félix Guattari, oferece uma chave de leitura interessante ao propor o cuidado simultâneo com três dimensões: o ambiente, as relações sociais e o mundo interno de cada pessoa. Negligenciar uma dessas esferas compromete o sistema como um todo.

A saúde no trabalho, portanto, não pode mais ser pensada apenas como ergonomia ou ergonomia emocional. É preciso ir além dos benefícios pontuais e promover uma mudança cultural real — onde cuidar da mente não seja exceção, mas prática cotidiana.

Apesar do avanço tecnológico, as relações de trabalho não acompanharam essa evolução. Elas se tornaram mais líquidas, mais impessoais e, muitas vezes, mais desumanas. Normas como a NR-17 já apontavam para fatores biopsicossociais, mas a mudança necessária não virá apenas por meio da legislação.

Sem saúde, a realização pessoal torna-se inviável; sem realização, o engajamento sustentável é impossível. O caminho consiste em políticas eficazes de saúde ocupacional, com abordagens preventivas, que fomentem um ciclo virtuoso de produtividade, comprometimento e bem-estar nas organizações.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Opinião pública

"Parcela de brasileiros que nega risco das mudanças climáticas cresce para 9%, mostra Datafolha" (Ambiente, 1º/5). Quem mora no Rio Grande do Sul, depois das enchentes, sabe muito bem o que são mudanças climáticas.
Aldomar Rückert (Porto Alegre, RS)

*

A ignorância humana avança. 9% de mais de 200 milhões é muito danoso. Imaginem o número de queimadas, desmatamento, que esse número de pessoas pode causar. Isso para não citar outras agressões ao meio ambiente.
Ana Maria Rocco (Rio de Janeiro, RJ)



Região central de Porto Alegre inundada após chuvas intensas em maio de 2024 Nelson Almeida - 8.mai.24/AFP

Fraude na Previdência

"Carlos Lupi pede demissão do ministério da Previdência em meio a escândalo no INSS" (Mercado, 2/5). Vamos falar sério! Eu não autorizei o desconto! Quem autorizou o desconto? Foi o INSS que descontou indevidamente! Portanto, é o INSS que tem que devolver o meu dinheiro sem que eu tenha que mover uma palha!
Noel Neves (Poços de Caldas, MG)

*

Um raro gesto de hombridade e sensatez na política brasileira.
Celso Augusto Coccaro Filho (São Paulo, SP)

Dias melhores

"Entregador encontra R$ 1.000 e usa câmeras de rua para devolver a vendedor de frutas" (Cotidiano, 2/5). Pessoas assim nos deixam com uma leve esperança que ainda há uma chance para a humanidade.
Laudgilson Fernandes (Rio de Janeiro, RJ)

*

Parabéns pela honestidade!
Marco Jorge (São Paulo, SP)

Mapa global

"Ataque de Trump à ciência dos EUA redesenha geopolítica acadêmica" (Rodrigo Toniol, 2/5). Perfeito, Rodrigo! Difícil acreditar que dentro deste oceano de mediocridade que nos cerca um projeto desta importância possa prosperar. Mas este sem dúvida é um dos caminhos para tirar o país do berço nada esplêndido do atraso em que dorme.
João A. Silva (Rio de Janeiro, RJ)

Assunto O que você lembra do governo Collor?

Lembro-me de minha avó dormir com seu dinheirinho guardado a custa de muito suor e acordar com tudo confiscado. Nunca entendeu bem o que aconteceu. Tinha esperança de receber o valor corrigido. Faleceu em 2018, aos 93 anos, e nunca viu a cor do dinheiro. Os filhos aguardam para, quem sabe, conseguir.
Rosana da Silva Gasparini (São Paulo, SP)

*

Collor foi eleito pela "caça aos marajás". Foi o presidente mais jovem da história republicana brasileira. Em seu curto governo implementou o "plano Collor", com o confisco sistemático da poupança. Seu testa de ferro, PC Farias, e seu irmão o levaram a enfrentar um processo de impeachment. Foi um governo liberal convicto. Na economia, foi um desastre. O resultado de sua biografia política está aí. A condenação por corrupção.
Christyan Matheus de Brito Silva (Aparecida, SP)

A maior bomba do governo Collor foi o confisco da poupança. Na época, em 1990, meu pai perdeu um bom dinheiro. Mas soube de pessoas que tinham valores vultosos e que usariam para compras consideráveis, especialmente imóveis. Houve quem perdeu o dinheiro da casa própria, quem "cancelou o próprio CPF" pelo desespero.
Cláudio Roberto Strajac (São Bernardo do Campo, SP)

*

Me lembro que quem votou no Collor acreditava que tudo seria diferente. De fato: modernizou veículos abrindo o mercado para empresas internacionais, confiscou a poupança, houve o caso PC Farias... Revoltou a nação e até levou algumas pessoas à morte diante de suas economias bloqueadas. Nas ruas, os caras-pintadas pediram seu impeachment — que veio, mas não antes de sua renúncia. Nossa primeira sensação de desesperança.
Patricia Buturi Silva (São Paulo, SP)

Lembro-me que iria "acabar com os marajás". Que matou muita gente porque bloqueou o dinheiro dos brasileiros. Que foi denunciado por seu irmão, Pedro Collor, por corrupção em licitações através de PC Farias. E que PC foi morto antes de qualquer delação.
Eliana Toffoli Batista (Rancharia, SP)

*

O desespero diante do confisco das poupanças, que vitimou em cheio as classes média e baixa, além das explicações confusas dadas pela ministra da economia Zélia Cardoso de Mello. Os assassinatos de PC Farias e de Suzana Marcolino, que até hoje causam dúvidas. E do impeachment, é claro.
Pedro Valentim (Bauru, SP)

*

Confisco, inflação, abertura para importações, impeachment.
Carlos Augusto Beetz de Souza (Cotia, SP)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

TRANSPORTE PÚBLICO

Mudanças na operação da CPTM na capital paulista e Grande São Paulo neste domingo (4)

SERVIÇO 710 Das 9h30 às 20h, os trens do serviço 710, que seguem no sentido Rio Grande da Serra, não prestam serviço na Estação Prefeito Saladino. Usuários que desembarcam nesta estação devem seguir viagem até Prefeito Celso Daniel-Santo André e retornar.

Já para quem pretende embarcar em Prefeito Saladino, é necessário pegar o trem até Utinga e embarcar na composição na plataforma oposta.

Outra mudança se dará na estação Prefeito Celso Daniel-Santo André, onde o embarque e desembarque ocorrerá pela plataforma 4. Quem utiliza a estação Tamanduateí deve usar a plataforma 3.

LINHA 12-SAFIRA Das 8h até o fim da operação comercial, os trens circularão pela plataforma 7 na estação Brás e pela plataforma 4 na estação Tatuapé.

As mudanças operacionais ocorrem para a serviços na via permanente e carga de materiais inservíveis, de acordo com a CPTM.

Em São Miguel Paulista, os trens circulam pela plataforma central 1 para a execução de serviços de substituição de calhas na cobertura da estação.

BLOQUEIO DE RUAS

Vias fechadas para carros neste domingo (4) em SP, devido ao programa Ruas Abertas

ONDE
- Avenida Paulista;
- No bairro da Liberdade: rua dos Estudantes (entre a av. da Liberdade e a r. da Glória); rua Américo de Campos (entre a r. Galvão Bueno e a r. da Glória); rua Galvão Bueno (entre a r. dos Estudantes e a r. Américo de Campos); e a rua dos Aflitos.

QUANDO Neste domingo (4), das 9h às 16h.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 4.MAI.1925



Folha da Noite

Pela politica

EINSTEIN

DIVERSÕES

Einstein viaja ao Rio de Janeiro antes de retornar para a Europa

O notável cientista alemão Albert Einstein, que volta a bordo do navio Valdivia da sua viagem para a Argentina e Uruguai, chegará ao Rio de Janeiro nesta segunda-feira (4). Ele passará alguns dias na cidade brasileira antes de retomar a viagem de regresso para a sua pátria (na ida, o cientista já havia permanecido algumas horas no Rio, no dia 21 de março).

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Alinhados

Em um esforço para reduzir a quantidade de vetos do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) aos projetos de lei dos deputados estaduais, o presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, André do Prado (PL), criou um grupo de trabalho com o Executivo para ajustar as propostas que serão levadas ao plenário. O objetivo, diz Prado, é identificar eventuais vícios de iniciativa e, com isso, diminuir a incidência de vetos por parte da gestão estadual. A Casa Civil representa o governo no GT.

MÃO PESADA Prado também solicitou à Secretaria Geral da Alesp um estudo sobre os vetos, com a finalidade de analisar a relevância de cada proposta e verificar, por exemplo, se algumas já foram contempladas por outra legislação vigente. Levantamento feito pela **Folha** em janeiro deste ano mostra que Tarcísio chegou ao final da primeira metade do seu mandato como recordista de vetos na Alesp.

ALTO RISCO Alvo de remoção pelo governo estadual, a favela do Moinho, na região central de São Paulo, tem incidência de contaminação por tuberculose 54 vezes maior do que a ocorrência média registrada pela OMS (Organização Mundial da Saúde), segundo dados obtidos pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Estado.

BOLETIM Relatório fornecido pela UBS Boraceia, responsável pelos atendimentos na região, indica que há cinco casos entre os 1.491 usuários. "Isto é o equivalente a 335,3 por 100 mil habitantes, número 54 vezes maior do que a incidência média de 6,7 por 100 mil habitantes registrada pela OMS", diz a CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de SP).

MEMÓRIA
A Marinha fará no próximo dia 8 de maio, no Rio de Janeiro, uma homenagem aos heróis brasileiros que combateram na Segunda Guerra. Na data, é comemorada em todo mundo a derrota dos nazistas na Europa. No evento, também será lançado o livro "A bordo do Contratorpedeiro Barbacena", que relata a vida dentro de um navio da Marinha durante o conflito.

DECORATIVO O ex-ministro da Previdência Social Carlos Lupi esvaziou funções de seu secretário-executivo, Wolney Queiroz, desde o começo da gestão e as atribuiu ao chefe de gabinete, Marcelo Panella, incluindo nomeações, exonerações e transferência de servidores, segundo técnicos da pasta. Eles dizem que Lupi tinha receio de que Wolney, primeira opção do presidente Lula (PT) para comandar o ministério, conspirasse para tomar seu lugar.

DISCURSO UNIFICADO Vice-líder do governo na Câmara, o deputado federal Aliel Machado (PV-PR) vai pedir uma conversa com o ministro da Secom, Sidônio Palmeira, para sugerir que o Planalto nomeie um porta-voz. "Nessa crise do INSS, por exemplo, uma comunicação oficial mostraria a preocupação do governo e listaria as medidas que estão sendo tomadas."

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O vice-prefeito de SP, **Mello Araújo (PL)**, que, interino, exonerou servidores e acelerou obra no Minhocão à revelia do prefeito Ricardo Nunes (MDB).

PERDEDOR DA SEMANA
O ex-ministro da Previdência **Carlos Lupi**, que pediu demissão após se ver sem apoio no governo por causa da crise da fraude do INSS.

FIQUE DE OLHO
Lula vai à Rússia e se reúne com o presidente **Vladimir Putin**; CCJ da Câmara vota pedido para sustar ação penal contra Alexandre Ramagem (PL-RJ)

Com Danielle Brant e Carlos Petrocilo



Lula (PT) com Arthur Lira (PP-AL) e o ministro Silvio Costa Filho (Republicanos) Pedro Ladeira - 18.set.24/Folhapress

Lula caminha para 2026 junto de base com políticos que torcem por Tarcísio candidato

União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos têm 11 ministérios, mas são fonte de instabilidade e não garantem estar no palanque do petista

Ranier Bragon

BRASÍLIA O anúncio do presidente da República de que é "candidatíssimo" à reeleição no ano que vem, feito em jantar com deputados no último dia 23, soou a congressistas como uma tentativa de afastar a sensação de um fim antecipado da era Lula (PT), mas os prognósticos na sua base de apoio continuam com viés negativo.

Os cinco partidos de centro e de direita que compõem sua coalizão —União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos— são fontes constantes de instabilidade, não asseguram apoio à possível tentativa do petista de tentar um quarto mandato e, mais do que isso, são entusiastas da possível candidatura presidencial do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

A **Folha** ouviu congressistas e dirigentes das cinco legendas, que somam quase metade do tamanho da Câmara —240 deputados.

Uma situação simboliza o grau de dificuldades: o fato de a prometida reforma ministerial se arrastar há seis meses sem sair do papel.

Em 2024, aliados de Lula pregavam a necessidade de dança de cadeiras após as eleições municipais, cotejando a força demonstrada por cada um e privilegiando os que se comprometessem a cerrar fileiras na campanha do PT em outubro de 2026.

Passados seis meses, apenas peças do próprio PT foram trocadas, além de duas que não têm relação com acomodação da base: Carlos Lupi (Previdência), do PDT, pelo escândalo do INSS, e Juscelino Filho (Comunicações), do União Brasil, pela denúncia contra ele da Procuradoria-Geral da República.

Essa última se deu ainda em meio a um bate-cabeça adicional. O líder da bancada na Câmara, Pedro Lucas Fernandes (MA), foi escolhido pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), reuniu-se com o governo, recebeu o convite, aceitou e foi anunciado pela ministra Gleisi Hoffmann, responsável pela articulação política do Palácio do Planalto.

Dias depois, recuou devido à artilharia interna contra o governo, um sintoma, de resto, que em maior ou menor grau está em todos os outros quatro partidos da aliança.

Até para alguns dos mais próximos ao Planalto há a avaliação de que a reforma ministerial não saiu ainda porque não há perspectiva de bons resultados para o governo.

As cinco legendas têm 11 ministérios, mas nenhum dirigente, líder ou deputado ouvido pela **Folha** assegurou adesão à possível candidatura de Lula.

Tão preocupante quanto para o governo é o fato, também disseminado entre essas legendas, de que uma possível candidatura de Tarcísio teria o condão de unir as forças políticas fora da esquerda.

Apesar do aparente paradoxo, deputados dizem não esperar mexidas relevantes no tabuleiro governamental no futuro próximo.

Primeiro, os cinco aliados incômodos de Lula têm amplo histórico —alguns mais do que outros— de fisiologismo, não sendo razoável supor que abandonariam cerca de um ano garantido de acesso à máquina federal.

Segundo, o PT não dispõe de força no Congresso Nacional para prescindir dessas alianças, mesmo que indigestas.

O prazo para definições sólidas em relação a 2026 é outubro, dizem uns —um ano antes da eleição—, ou o primeiro semestre do ano que vem, dizem outros.

Há também muitas variáveis.

Entre elas: Tarcísio irá se candidatar à Presidência ou tentará a reeleição em São Paulo? Jair Bolsonaro (PL) conseguirá recuperar a elegibilidade? Se não, apoiará ou pressionará Tarcísio a se lançar? Ou escolherá alguém da própria família, como os filhos Flávio e Eduardo? A economia, incluída a inflação de alimentos, estará no mesmo patamar, irá piorar ou melhorar? A popularidade de Lula, que atingiu o pior nível em fevereiro, irá se recuperar?

O presidente, que estará para completar 81 anos na eleição, tentará mesmo um quarto mandato?

Apesar de ter se classificado como "candidatíssimo", ele mesmo já citou a própria idade e disse que não sabia se será candidato ou não. "Eu tenho 79 anos, não posso mentir para ninguém nem para mim. Se eu tiver 100% de saúde, como estou hoje..."

Das cinco legendas, uma das mais emblemáticas é o União Brasil, do vaivém nas Comunicações.

Continua na pág. A9

Eufrázio

A grande base instável de Lula

	União Brasil	PSD	MDB	PP	Republicanos
Histórico	Resultado da fusão do PSL e DEM, em 2022; o DEM era o antigo PFL que, por sua vez, foi fundado a partir de uma dissidência do PDS, partido sucessor da Arena, legenda de apoio à ditadura militar	Fundado em 2011 por Gilberto Kassab a partir de uma dissidência do DEM	Partido com trajetória de divisão entre lideranças regionais, foi a sigla de oposição à ditadura militar	Tem em sua origem no malufismo, mais especificamente o PDS, herdeiro da Arena, o partido de apoio à ditadura militar	Criado em 2005 por meio de forte mobilização da Igreja Universal do Reino de Deus
Posição ideológica*	Direita	Centro	Centro	Centro-direita	Centro-direita
Deputados federais	60	44	44	49	45
Senadores	7	14	11	7	4
Governadores	4	3	3	2	2
Prefeitos eleitos em 2024	583	887	856	745	433
Ministros no governo Lula 3	**Celso Sabino**, ministro do Turismo **Frederico de Siqueira Filho**, ministro das Comunicações **Waldez Góes**, ministro da Integração Nacional**	**Alexandre Silveira**, ministro de Minas e Energia **André de Paula**, ministro da Pesca **Carlos Fávaro**, ministro da Agricultura	**Jader Filho**, ministro das Cidades **Renan Filho**, ministro dos Transportes **Simone Tebet**, ministra do Planejamento	**André Fufuca**, ministro do Esporte	**Silvio Costa Filho**, ministro dos Portos e Aeroportos
Principais lideranças	**Antonio Rueda**, presidente do partido **Davi Alcolumbre**, presidente do Senado **Antonio Carlos Magalhães Neto**, ex-prefeito de Salvador **Ronaldo Caiado**, governador de Goiás	**Gilberto Kassab**, fundador e presidente do partido **Alexandre Silveira**, ministro de Minas e Energia **Antonio Brito**, líder da bancada na Câmara dos Deputados **Otto Alencar**, líder da bancada no Senado **Eduardo Paes**, prefeito do Rio de Janeiro	**Baleia Rossi**, presidente do patido **Helder Barbalho**, governador do Pará **Renan Calheiros**, senador por Alagoas **Michel Temer**, ex-presidente **Ricardo Nunes**, prefeito de São Paulo	**Ciro Nogueira**, presidente do partido **Arthur Lira**, ex-presidente da Câmara dos Deputados	**Marcos Pereira**, presidente do partido **Hugo Motta**, presidente da Câmara dos Deputados **Tarcísio de Freitas**, governador de São Paulo

Números gerais (todos os partidos)

Total das legendas
Total disponível
% de controle das siglas



*Segundo o GPS Ideológico da **Folha** | **Waldez Góes não é filiado ao partido, mas foi indicado pela cota da legenda na Esplanada dos Ministérios

Fontes: Câmara dos Deputados, Senado, Governo federal, TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

Continuação da pág. A8

O partido, que tem três ministérios, é fruto da fusão em 2022 de DEM e PSL. O primeiro é o ex-PFL, sigla com origem no partido de apoio à ditadura militar e que por 40 anos foi, ao lado do PSDB, o principal adversário do PT e da esquerda. Já o PSL era um partido nanico que só cresceu devido à filiação de Bolsonaro em 2018, atualmente o principal antípoda eleitoral de Lula.

A sigla abriga ao menos três alas hoje. A liderada por Davi Alcolumbre, mais fisiológica e próxima ao Planalto, a de entusiastas do bolsonarismo e a de ex-demistas históricos, que defendem uma atuação independente do lulismo e do bolsonarismo.

Integra esse último grupo, por exemplo, o governador Ronaldo Caiado (GO), pré-candidato ao Palácio do Planalto, mas que por ora conta com apoio insuficiente no próprio partido.

Na semana que passou, a legenda anunciou uma federação —aliança pelos próximos quatro anos— com o PP, que foi marcada pelo discurso de oposição, quase sem presença de governistas.

PSD e MDB, também com três ministérios cada, têm uma atuação menos instável e são apontados por petistas como siglas mais abertas a uma composição eleitoral, mas mesmo nelas há muitos entraves, vide as movimentações e declarações do presidente do PSD, Gilberto Kassab.

O MDB também está alinhado a Tarcísio em São Paulo e, embora tenha importantes quadros próximos a Lula —como o governador Helder Barbalho (PA) e o senador Renan Calheiros (AL)—, abriga expressiva ala de oposição no Sul e Sudeste, além de ter sido o partido que, não esquece o PT, comandou o impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Até para alguns dos mais próximos ao Palácio do Planalto há a avaliação de que a reforma ministerial não saiu ainda porque não há perspectiva de bons resultados para o governo

O PP tem a pasta dos Esportes e a Caixa Econômica Federal, feudo do ex-presidente da Câmara Arthur Lira. Apesar disso, é presidido pelo senador Ciro Nogueira (PP-PI), um dos principais críticos a Lula. Nos bastidores, integrantes do partido dizem considerar pouco o que controlam tendo em vista o tamanho do PP no Congresso.

Já o Republicanos, além de ser o partido de Tarcísio, é ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, importante foco do antipetismo. Assim como os outros partidos, tem mais simpatizantes a Lula no Nordeste e abriga forte oposição no Sul e Sudeste.

Eufrázio

Luka Gonzales - 10.abr.19/AFP



Reprodução



O ex-presidente do Peru Pedro Kuczynski e a ex-chefe de Estado boliviana Jeanine Áñez, ambos já presos; ela se escondeu em cama box

América do Sul teve pelo menos 20 ex-presidentes presos neste século

Collor engrossa lista que tem maior parte relacionada a acusações de corrupção e de crimes contra a democracia

Ana Gabriela Oliveira Lima

SÃO PAULO A prisão do ex-presidente Fernando Collor por corrupção no último dia 25 fez engrossar para ao menos 20 os casos de ex-mandatários detidos desde o início deste século na América do Sul.

No Brasil, Collor, que conseguiu autorização para prisão domiciliar na última quinta-feira (1º), é o terceiro preso nos últimos anos, antecedido por Michel Temer (MDB) e Lula (PT), todos detidos sob acusação de corrupção.

Essa é a causa mais comum a gerar as ao menos 20 prisões registradas na região nos últimos anos, de acordo com levantamento feito pela Folha. Em seguida, a maior parte das detenções está ligada a crimes contra a humanidade relacionados a períodos ditatoriais ou ainda tentativas de golpe e violação da Constituição.

Nessa seara, destacam-se países como Argentina e Uruguai, ambos com ditadores responsabilizados por seus crimes, e a Bolívia, com Jeanine Áñez (2019-2020) presa em 2021 acusada de dar um golpe de Estado. Ela diz ser presa política.

No Brasil, o número de ex-presidentes presos pode aumentar se Jair Bolsonaro (PL) for condenado por tentativa de golpe em processo já em andamento no STF (Supremo Tribunal Federal). Caso seja condenado, ele pode pegar mais de 40 anos de prisão e aumentar sua inelegibilidade, que atualmente vai até 2030.

Outro exemplo de país que já registrou prisões envolvendo ataques à democracia, o Peru se destaca com casos de corrupção relacionados à empreiteira Odebrecht, em investigações decorrentes da Operação Lava Jato no Brasil. O país já teve a prisão de Pedro Pablo Kuczynski (2016-2018), Ollanta Humala (2011-2016) e Alejandro Toledo (2001-2006). Alan García (1985-1990 e 2006-2011) se suicidou em 2019 antes de ser detido, após ter seu pedido de asilo no Uruguai negado.



O ex-presidente do Peru Pedro Castillo voltando à prisão depois de ser hospitalizado em Lima Renato Pajuelo - 13.mar.25/AFP

Paraguai teve 2 ex-presidentes detidos

O ex-presidente paraguaio Luis Ángel González Macchi (1999-2003) foi preso preventivamente em 2006 sob acusação de enriquecimento ilícito e declaração falsa. Ficou alguns dias detido antes de pagar fiança. Sofreu uma condenação de 8 anos de prisão, mas a sentença foi posteriormente anulada.

Juan Carlos Wasmosy (1993-1998) foi condenado em 2002 a quatro anos de prisão acusado de um desvio de verbas públicas relacionado a um escândalo bancário. A pena foi reduzida para fiança e prisão domiciliar.

A mulher de Ollanta Humala, Nadine Heredia, foi condenada no mesmo processo do marido e obteve asilo no Brasil em abril.

Outro ex-presidente peruano, Pedro Castillo (2021-2022) ainda está detido. Ele foi preso em 2022 depois de tentar dissolver o Congresso e convocar novas eleições. A acusação pede mais de 30 anos de prisão.

Análise das detenções aponta para a recorrência de prisões domiciliares e preventivas, com casos marcados pelo vaivém dos políticos em relação à restrição de liberdade.

Um dos que ficaram em prisão domiciliar foi o colombiano Álvaro Uribe, detido por dois meses em 2020 sob justificativa de risco de obstrução de Justiça em caso envolvendo acusação de fraude processual e suborno. O processo segue em andamento e, se condenado, Uribe pode pegar até oito anos de prisão.

No levantamento, foram consideradas prisões com mandados expedidos pelo Judiciário e efetivamente consumadas. Não entraram, portanto, casos de sentença expedida sem cumprimento por fuga internacional, por exemplo.

As informações para o levantamento foram colhidas pela reportagem com os especialistas Ricardo Gueiros, professor de direito da Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo), Flavia Loss de Araujo, professora de relações internacionais do Instituto Mauá de Tecnologia, e Lucas Damasceno, especialista em política latino-americana e doutor em relações internacionais pela USP.

Argentina e Uruguai

Na Argentina, foram presos expoentes da ditadura militar que governou o país de 1976 a 1983.

Último militar a exercer o cargo de presidente do país antes da redemocratização, Reynaldo Bignone (1982-1983) foi condenado em 2010 por crimes contra a humanidade. Morreu em 2018 em um hospital militar.

Já Jorge Rafael Videla (1976-1981) morreu na cadeia em 2013, aos 87 anos, após ter sido condenado à prisão perpétua em 1985 e 2010 e ter passado por indulto, prisão domiciliar e presídio.

No Uruguai, o último ditador do país, Gregorio Álvarez (1981-1985), foi detido em 2007 e condenado depois a 25 anos de prisão pelo desaparecimento de pessoas durante a ditadura (1973-1985). Ele sofria de demência senil e morreu aos 91 anos, em 2016.

O também uruguaio Juan María Bordaberry (1972-1976) foi detido em 2006 e depois sentenciado a 30 anos de prisão em razão de assassinatos e desaparecimentos políticos durante a ditadura. Em 2007, passou a cumprir a pena em casa, onde morreu quatro anos depois, aos 83 anos.

Equador

País com histórico de instabilidade política nas últimas décadas, o Equador teve Abdalá Bucaram (1996-1997) preso domiciliarmente em 2020 em razão de investigação por corrupção e possível participação no assassinato de um criminoso israelense. Em 2021, foi libertado.

O ex-presidente Lucio Gutiérrez (2003-2005) foi preso em 2005 depois de retornar do exílio. Teve prisão preventiva decretada por violar a Constituição. As acusações foram retiradas em março de 2006, e ele foi libertado.

Gustavo Noboa (2000-2003) foi colocado em prisão domiciliar depois de voltar do exílio na República Dominicana, em 2005. O mandado de prisão se relacionou com investigação sobre irregularidades em negociações sobre a dívida externa do país. Morreu aos 83 anos, em 2021.

Elio Gaspari
O colunista está em férias

Presidentes da América do Sul presos, por ano, no último século

- **2001** Carlos Menem
- **2002** Juan Carlos Wasmosy
- **2005** Lucio Gutiérrez; Gustavo Noboa; Alberto Fujimori
- **2006** Luis Macchi; Juan María Bordaberry
- **2007** Gregorio Álvarez
- **2010** Jorge Rafael Videla; Reynaldo Bignone
- **2017** Ollanta Humala
- **2018** **Lula**
- **2019** **Michel Temer**; Pedro Pablo Kuczynski; Alejandro Toledo
- **2020** Álvaro Uribe; Abdalá Bucaram
- **2021** Jeanine Áñez
- **2022** Pedro Castillo
- **2025** **Fernando Collor**

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Desprezo ajuda a aprofundar cicatrizes urbanas

Obra da Prefeitura de São Paulo para colocar estacionamento no Minhocão foi narrada aos solavancos

Alexandra Moraes

"Move fast and break things" (mexa-se rápido e quebre coisas), o lema atribuído ao Facebook de Mark Zuckerberg, quem diria, acabou no Minhocão.

Num arroubo de agilidade digno do Vale do Silício, a Prefeitura de São Paulo ligou máquinas e quebrou calçadas sob o elevado João Goulart, apelidado de Minhocão, para ali fazer vagas de estacionamento. O motivo alegado pela administração era coibir o descarte de lixo no local, o mesmo onde há anos moradores de rua puseram barracas e colchões.

"Ali embaixo a gente limpa e o pessoal suja de novo. Os próprios prédios desovam restos de construção [no espaço]. Precisamos de uma política pública para resolver isso", afirmou o vice-prefeito Ricardo Mello Araújo (PL) à coluna Mônica Bergamo, na **Folha**, na sexta (25). Mello Araújo assumiu a prefeitura durante viagem do titular, Ricardo Nunes (MDB), que terminaria no último dia 1º.

No título, a coluna afirmava que "vice-prefeito de SP vai testar bolsão de carros no Minhocão para afastar população de rua e evitar acúmulo de lixo".

Três dias depois, a obra já era realidade. A notícia continuou saindo na coluna: "Vice-prefeito de SP começa a adaptar Minhocão para estacionamento, e vereadores acionam Justiça".

A **Folha** custou a enviar fotógrafo próprio para documentar o feito e demorou a fazer um mapa que dos pontos de intervenção. Moradores de prédios acusados pelo vice-prefeito de despejar lixo no local não foram ouvidos. Moradores de rua, tampouco.

Eram incompreensíveis a demora do jornal (e da concorrência) e a ausência de um material mais robusto sobre a intervenção. No caso da **Folha**, a gravidade era maior pela proximidade física –a obra acontecia a poucas quadras de sua sede.

O Minhocão, porém, não está circunscrito a essa área. Ele afeta a cidade toda e representa uma discussão urbanística muito mais ampla. O colunista Mauro Calliari lembra que o elevado "mexe com simbolismos. A cicatriz da década de 1970 mira num futuro que nunca chegou e oblitera um pedaço de nossa história. O monstro de concreto eleva os carros e rebaixa as pessoas."

Passado o susto inicial, a cobertura ganhou alguma tração, mas continuou fragmentada. A **Folha** mostrou que a própria CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) fizera ressalvas à proposta de criar vagas embaixo do Minhocão, depois de noticiar que a intervenção estava sendo planejada "desde 19 de março com participações da Subprefeitura da Sé, Secretaria de Transportes e CET".

A confusão é grande. Ainda há muito a ser respondido e, sobretudo, questionado.



Carvall

A Folha custou a enviar fotógrafo próprio para documentar a obra sob o Minhocão e demorou a fazer um mapa que dos pontos de intervenção. Moradores de prédios acusados pelo vice-prefeito de despejar lixo no local não foram ouvidos. Moradores de rua, tampouco. Eram incompreensíveis a demora e a ausência de um material mais robusto sobre a intervenção. No caso da Folha, a gravidade era maior pela proximidade física –a obra acontecia a poucas quadras de sua sede. O Minhocão, porém, não está circunscrito a essa área: afeta a cidade toda e representa uma discussão urbanística muito mais ampla

Há a bizarrice política, que o jornal expôs e na qual começou a se aprofundar. "Ao optar pelo bolsão, Araújo diz que não foi preciso conversar com Nunes. 'O prefeito está a par de tudo, ele chegou a defender a ideia de fazer um jardim, assim como tem outras possibilidades, mas optamos pelo bolsão de estacionamento', afirma". A aparente desautorização do prefeito fatalmente leva a discussão para 2026.

Mas, em 2025, parece ainda mais bizarra a iniciativa que vê nos carros a solução para descarte irregular de lixo e afastar a miséria humana. Vai na contramão de tudo o que tem se provado razoável no urbanismo há décadas. Como fica esse aspecto?

A região central de SP também é palco, neste momento, de uma operação de retirada da favela do Moinho, além de ser alvo permanente de projetos de "revitalização" inócuos. Há um quadro bem mais complexo do que fazem parecer as 16 vagas do vice-prefeito.

Nesse ponto, o jornal emperrou e ficou aquém do que poderia entregar. A cobertura de urbanismo soa anestesiada e sincopada, talvez efeito colateral do preconceito no jornalismo contra "buraco de rua", tido como assunto insignificante e destinado a repórteres iniciantes. Entre espasmos e clichês, o assunto se perde e acaba não tratado a fundo.

No caso específico do Minhocão, faltam ainda dados elementares como o custo da obra e a explicação do milagre da rapidez.

O vice-prefeito respondeu às críticas com um "pode ver no meu Instagram, a população da região está gostando". O jornal deveria ter levado a sério a ideia. Não de consultar o Instagram do vice-prefeito, mas de ouvir os moradores e outros envolvidos direta ou indiretamente na questão.

Na área de comentários do próprio jornal, a discussão tentou se inflamar. "Quando fizeram as ciclofaixas nos mesmos locais onde os moradores de rua dormem eu não vi todo esse chilique da imprensa e dos 'ativistas', a grande virtude dessa obra é mais uma vez revelar a hipocrisia dessa gente", escreveu um leitor. Mas não foi muito além disso.

A sorte é que a **Folha** tem um Antonio Prata para afirmar que, "se morasse ali, não seria hipócrita. Adoraria a medida". Mas, segue ele, os moradores de rua deslocados pelas vagas para carros "continuarão na rua, em outra rua". É preciso que a cobertura jornalística continue desse ponto também.

SKECHERS
HANDS FREE
Slip-ins
GLIDE-STEP
É SÓ CALÇAR E SAIR
MÃOS LIVRES
Apresentamos o novo Skechers Hands Free Slip-Ins®.
Calçar os seus sapatos nunca foi tão fácil.
Sem abaixar. Sem puxar. Sem dificuldades.
NUNCA MAIS TOQUE NOS SEUS CALÇADOS
LAVÁVEL NA MÁQUINA
O design único Heel Pillow™ mantém seus pés seguramente no lugar!
Disponível para homens, mulheres e crianças
COMFORT TECHNOLOGY COMPANY®

Eufrázio

Conversa com Alessandro Vieira

Projeto do senador deve esclarecimento a dezenas de milhões de brasileiros

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Caro Senador Alessandro Vieira, respeito muito sua atuação parlamentar. Exatamente por isso, solicito os seguintes esclarecimentos, todos referentes ao seu projeto que reduz a pena dos criminosos do 8 de janeiro.

Seu projeto altera o Código Penal para reduzir as penas dos acusados de "tentar, com emprego de violência ou grave ameaça, abolir o Estado democrático de Direito, impedindo ou restringindo o exercício dos poderes constitucionais" (artigo 359-L) e "tentar depor, por meio de violência ou grave ameaça, o governo legitimamente constituído" (artigo 359-M) em casos em que o réu não participou da organização do crime e cometeu seus crimes "sob a influência de multidão em tumulto".

A redução é bastante significativa: atualmente, as penas vão de 4 a 8 anos (359-L) e 4 a 12 anos (359-M), o que já é bastante baixo para crimes que são sempre cometidos com o objetivo de, em caso de sucesso, cometer em seguida assassinato em massa de opositores, tortura de forma sistemática e censura à imprensa. O novo projeto reduz as penas para 2 até 6 anos (359-L) e 2 a 8 anos (359-M).

Senador, a aplicação do atenuante "situação de multidão" a esses artigos é obviamente errada. Influenciado pela multidão no 8 de janeiro, o réu pode ter cometido mais atos de depredação de patrimônio público, por exemplo; mas não foi aí que ele cometeu os crimes previstos nos artigos 359-L e 359-M.

É isso, senador? Seu projeto reduz a pena do Jair, do Braga Netto, dos planejadores do assassinato de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes? Ou há aqui algum dispositivo que eu não percebi?

O réu tentou abolir o Estado de Direito e depor o governo legitimamente eleito quando participou da invasão com o objetivo de convencer os militares a roubarem os votos de dezenas de milhões de brasileiros pobres que votaram em Lula para, em seguida, promover assassinato em massa dos opositores da extrema direita, tortura sistemática e censura à imprensa. Quem estava na praça dos Três Poderes em 8 de janeiro estava ali para fazer isso, mesmo se não tiver quebrado um único copo. Nenhuma multidão os arrastou de seus estados até a praça dos Três Poderes.

Seu projeto também prevê a absorção do crime previsto no 359-L pelo crime previsto no 359-M, isto é: se o sujeito for condenado aos dois, não cumprirá a soma das duas penas, só a pena do 359-M.

Não encontrei no projeto vedação a essa absorção no caso dos organizadores e financiadores do golpe e, para falar a verdade, não sei como evitar aplicá-la nesses casos se ela for estabelecida como regra geral.

É isso, senador? Seu projeto reduz a pena do Jair, do Braga Netto, dos planejadores do assassinato de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes? Ou há aqui algum dispositivo que eu não percebi?

Finalmente, o dispositivo que exige que as condutas dos réus sejam individualizadas é: (a) redundante com as normas gerais do direito ou (b) uma presunção de que estar presente no grupo que invadiu a praça dos Três Poderes para forçar uma intervenção militar não constitui individualização suficiente para os crimes do 359-L e do 359-M, o que, como demonstrado acima, é falso.

Senador, respeitosamente peço que o senhor esclareça minhas dúvidas. Se isso não for possível, peço que retire seu projeto. Anistia não é pacificação, senador. De onde eu e dezenas de milhões de brasileiros estamos olhando, anistia é uma declaração de guerra contra nós.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha / **Lara Mesquita** TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli

Bolsonaristas citam visita de coordenador de Trump e avanço em sanção a Moraes nos EUA

Departamento de Estado não confirmou vinda ao Brasil; Eduardo Bolsonaro disse que americano se reunirá com o pai e com Flávio

Julia Chaib

WASHINGTON Aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) que atuam por sanções ao ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), afirmam ver avanços na articulação nos Estados Unidos que pode punir o magistrado com a proibição de viagens ao país.

O deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho do ex-presidente, esteve em Washington nesta semana —ele está morando nos EUA desde março. Ele afirmou à **Folha** que se reuniu com pessoas no Departamento de Estado e também da Casa Branca, sem detalhar os nomes.


O deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro e o influenciador Paulo Figueiredo em Washington Reprodução/Eduardo Bolsonaro no X

Eduardo disse ter sido avisado nesta sexta (2) de que o coordenador de sanções do Departamento de Estado, David Gamble, vai a Brasília na semana que vem e terá uma reunião com o próprio Bolsonaro e com o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), seu irmão.

Segundo ele, a comitiva que viajará à capital na segunda-feira (5) também vai tratar de questões ligadas à segurança pública, como crime organizado. Eduardo também fez uma postagem nas redes sociais informando sobre a ida do funcionário do governo Donald Trump.

Um auxiliar de Lula disse que o governo brasileiro estava ciente da previsão de visita de uma comitiva americana, mas que o objetivo era ter reuniões em nível técnico sobre segurança pública com integrantes da Esplanada. Não houve comunicação ao governo, porém, sobre a perspectiva de visita a adversários de Lula (PT).

Até a conclusão desta edição, o Departamento de Estado não havia respondido à solicitação da reportagem confirmando a ida de Gamble.

De acordo com duas pessoas envolvidas nas tratativas, ligadas a Bolsonaro, funcionários do governo Donald Trump têm dado sinais de que concordam com a aplicação de sanções.

À **Folha**, na semana passada, um porta-voz do Departamento de Estado afirmou que, "como regra geral", o órgão não antecipa ações de sanção.

Na semana que vem, Eduardo e o influenciador Paulo Figueiredo devem retornar para novos encontros em Washington. Será a terceira ida do deputado à capital americana desde que ele se licenciou do mandato, em março, alegando temer ter seu passaporte cancelado por Moraes.

Os bolsonaristas veem dois caminhos para punir o magistrado do STF. Uma delas é o cancelamento do visto de Moraes pelo Departamento de Estado, que já sancionou algumas autoridades estrangeiras, entre elas a ex-presidente da Argentina Cristina Kirchner.

A outra é conseguir uma sanção mais extrema e focada apenas em Moraes pela Casa Branca. Haveria um rascunho de decreto impondo ao ministro do STF punições como as aplicadas ao procurador do Tribunal Penal Internacional, Karim Khan, em retaliação pelo mandado de prisão contra o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu.

Khan não pode entrar nos EUA desde fevereiro e teve eventuais bens no país bloqueados.

Jair Bolsonaro tem previsão de alta de cirurgia no intestino para os próximos dias, segundo hospital

Mariana Brasil

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) deverá ter alta nos próximos dias, segundo os médicos. Ele está internado desde o dia 11, quando passou mal em viagem pelo Rio Grande do Norte.

De acordo com aliados, ele pode ter alta neste domingo (4). Em entrevista à CNN Brasil, Bolsonaro disse haver enorme chances de que isso ocorra.

Segundo nota divulgada pelo hospital DF Star neste sábado (3), o ex-mandatário está estável clinicamente, sem apresentar dor ou febre e tem a pressão arterial controlada.

"Seguiu com boa aceitação da dieta pastosa, mantendo a programação de progressão de dieta por via oral, com suspensão da nutrição parenteral (endovenosa) hoje", diz o boletim. "Permanece a orientação de restrição de visitas, com previsão de alta hospitalar nos próximos dias."

Bolsonaro deixou a UTI (unidade de terapia intensiva) na quarta-feira (30), depois de apresentar "boa aceitação de dieta líquida", segundo o hospital, e melhora progressiva dos movimentos intestinais espontâneos.

Ele vem publicando com frequência imagens e relatos de seu estado de saúde em suas redes sociais.

Durante a internação, deu entrevista, fez live e foi intimado por uma oficial de Justiça na UTI, acerca da ação em que é acusado de envolvimento numa trama golpista de 2022.

O ex-presidente foi submetido a cirurgia abdominal no dia 13.

Ele teve de ser operado após passar mal em Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, onde participaria de um evento do PL em favor da anistia aos manifestantes dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023.

A cirurgia foi a sexta na região do abdome desde a facada, e a mais difícil de todas devido ao acúmulo de procedimentos, segundo médicos ouvidos pela **Folha**. Durou 12 horas no total.

Eufrázio

OSASCO

UMA CIDADE PRA QUEM GOSTA DE VENCER

TRAGA O SEU TIME PRA CÁ, INVISTA EM OSASCO.

OSASCO.SP.GOV.BR





OSASCO VOLEIBOL CLUBE

CAMPEÃS DA SUPERLIGA FEMININA DE VÔLEI 2025

Brasil foi pioneiro em norma para prisioneiros na Guerra do Paraguai

Documento antecipou em 64 anos o surgimento da Terceira Convenção de Genebra

João Paulo Charleaux

ILHABELA (SP) O Brasil criou em 1865 um conjunto de normas para regular o tratamento dos combatentes inimigos capturados na Guerra do Paraguai (1864-1870). O documento antecipou em 64 anos a adoção da Convenção de Genebra que, só em 1929, regularia o tema nos conflitos internacionais.

O feito pioneiro, que fará 160 anos em dezembro 2025, permanece relativamente ignorado ainda hoje, mesmo entre historiadores, juristas e militares, apesar de representar um marco de vanguarda no direito internacional humanitário.

"Isso ainda é algo muito pouco conhecido", disse à Folha Péricles Aurélio Lima de Queiroz, ministro do STM (Superior Tribunal Militar).

O conhecimento sobre as "Instruções para o Tratamento dos Prisioneiros de Guerra" baixadas pelo ministro da Guerra de dom Pedro 2º, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, o Barão de Uruguaiana, segue restrito a um círculo pequeno de pesquisadores, dos quais um dos principais é Francisco Doratioto, doutor em história e autor do livro "Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai".

"No Brasil, o desconhecimento é grande", ele disse. Doratioto culpa "uma estrutura de ensino que por décadas deu pouca atenção ao assunto, e muitas vezes apresentou explicações conspiracionistas que agravaram ainda mais esse desconhecimento" sobre a Guerra do Paraguai.



Prisioneiros de guerra no "Álbum da Guerra do Paraguai", de 1893 Acervo/Biblioteca Nacional del Paraguay



Trincheiras de Tuiuti, local onde ocorreu o conflito mais sangrento da Guerra do Paraguai Reprodução

Em 1865, ainda não existia no mundo normas legais de aceitação universal sobre prisioneiros de guerra. Muitos eram torturados e executados, além de terem seus bens espoliados e de serem submetidos a trabalhos forçados e a tratamentos inumanos, cruéis e degradantes nos campos de batalha.

As normas baixadas pelo Barão de Uruguaiana não garantiam, por si só, o respeito aos prisioneiros, mas permitiam levar os infratores à corte marcial, como mostram registros da época.

Uma das circulares que compõe as normas, emitida em 10 de agosto de 1865, mandava um comandante brasileiro "castigar os (subordinados) que, esquecidos de seus deveres, cometerem os atos reprovados" contra inimigos capturados.

Antes do governo de dom Pedro 2º, só o de Abraham Lincoln, nos Estados Unidos, havia editado normas específicas sobre prisioneiros de guerra.

O documento americano, de 1863, era chamado Código Lieber, em referência a seu redator, Francis Lieber, jurista e cientista político nascido em Berlim, que chegou a combater nas Guerras Napoleônicas (1803-1815) na Europa, antes de emigrar para os EUA e lutar na Guerra de Secessão (1861-1865).

O documento feito por Lieber e Lincoln nos EUA antecede em dois anos o similar brasileiro, mas é menos abrangente e detalhado no que diz respeito aos prisioneiros. Além disso, o Código Lieber era aplicado a um conflito armado não internacional, enquanto o documento do Barão de Uruguaiana o fazia num conflito armado internacional.

Um dos estudiosos do tema, o ministro do STM Mario Tibúrcio Gomes Carneiro escreveu numa análise publicada em 1942 que o documento do Barão de Uruguaiana complementa o Código Lieber "com regulamentação mais minuciosa, pois não só regulou a direção e a guarda dos prisioneiros, senão também o tratamento, a disciplina e o emprego deles".

As Instruções do Barão de Uruguaiana chegam a tratar do tipo de tecido e das cores dos uniformes que deveriam ser usados pelos prisioneiros de guerra paraguaios, além de versar sobre pagamento de soldo a oficiais capturados.

"Os oficiais paraguaios que foram para o Rio de Janeiro recebiam o mesmo soldo que os oficiais brasileiros, pagos pelo Brasil. Eles eram prisioneiros em termos cavalheirescos, pois ficavam pela cidade, moravam em pensões", disse Doratioto.

A norma pode não ter sido aplicada de maneira extensiva e uniforme e beneficiava mais oficiais que militares de baixa patente e civis alçados em armas. Isso se deve ao fato de que muitos oficiais brasileiros e paraguaios eram descendentes de famílias com títulos nobiliários em Portugal e na Espanha, o que fazia com que eles reproduzissem entre si certos tratamentos privilegiados, de acordo com Doratioto.

O fato de o Brasil ter copiado, estendido e aperfeiçoado uma lei sobre prisioneiros de guerra que havia sido editada apenas dois anos antes nos EUA não é surpresa para o historiador. Ele nota que outras inovações, como os balões de observação aérea do campo de batalha e os encouraçados chamados navios-monitores, também foram usados pelo Brasil na mesma época, depois de terem sido observados em ação na Guerra Civil americana.

> **Os oficiais paraguaios que foram para o Rio recebiam o mesmo soldo que os oficiais brasileiros. Eles eram prisioneiros em termos cavalheirescos, pois ficavam pela cidade**
>
> Francisco Doratioto
> doutor em história

> **Talvez o documento faça parte desse lustro de um monarca que quer projetar essa imagem [de cosmopolita]**
>
> Lilia Schwarcz
> historiadora

A historiadora Lilia Schwarcz é prudente com a ideia de um dom Pedro 2º cosmopolita, porque "a imagem do monarca conectado internacionalmente vai ser construída depois da Guerra do Paraguai, não antes".

Além disso, o imperador foi criado desde o berço "com esse verniz de ilustração, e havia toda uma operação de projeção dessa [imagem de uma] pessoa conectada e antenada".

Schwarcz nota também que "o Exército Brasileiro não foi muito bom com os paraguaios", como nota a historiografia do país vizinho. "Talvez o documento faça parte desse lustro de um monarca que quer projetar essa imagem", ela pondera.

Doratioto diz que essas não são coisas excludentes. "Até a Primeira Guerra Mundial, a guerra era um embate físico entre soldados e você só mata o outro se você odiar o outro. E, se não matar, você é morto. Hoje mata-se com drone operado a quilômetros de distância. No século 19, se matava com baioneta e armas de alcance curto. Chegava-se perto para matar. Era um ato muito violento e, para realizá-lo, tinha que ter ódio. Era um ato de selvageria. Homens em guerra se desumanizam", daí o fato de as violações terem convivido com a existência de um documento humanitário vanguardista.

Prisioneiro paraguaio virou a casaca no RioEm 1865, o general paraguaio Antonio de La Cruz Estigarribia havia invadido o Rio Grande do Sul e ocupado com suas tropas a cidade gaúcha de Uruguaiana, no dia 5 de agosto. Ele acabou, no entanto, sobrepujado por forças brasileiras e foi tomado como prisioneiro, em 18 de setembro daquele ano, no que os arquivos da Biblioteca Nacional do Paraguai classificam como uma "humilhante rendição".

Como prisioneiro, Estigarribia foi beneficiado pelas normas baixadas pelo Barão de Uruguaiana. O tratamento humanitário não apenas poupou a vida dele, como também permitiu que ele passasse, mais tarde, a viver no Rio de Janeiro, então capital do Império.

Mesmo na qualidade de combatente capturado, ele circulava livremente e tinha acesso à corte. Estigarribia chegou a "escrever uma nota a dom Pedro 2º, pedindo que lhe permitisse lutar contra [Francisco Solano] López", de acordo com registros do arquivo oficial paraguaio. Nada indica que o militar tenha voltado ao campo de batalha para lutar contra o presidente do próprio país, pois ele acabou morrendo no Rio, em 1870, ano do fim da guerra.

Já o Barão de Uruguaiana, que teve papel importante na captura e no tratamento digno dispensado ao general paraguaio, acabou recebendo mais tarde, de Dom Pedro 2º, o título de barão, pelo qual se tornaria conhecido, e o posto de ministro da Guerra brasileiro, que ele viria a exercer de 1865 a 1866.

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

NOVO CURSO DISPONÍVEL

"Eu vou compartilhar com vocês a minha caminhada na gastronomia. A gente vai falar do meu trabalho no Maní, a gente vai falar sobre técnicas, ingredientes, liderança e criatividade na cozinha."

ALTA GASTRONOMIA
em casa
COM HELENA RIZZO

Assine agora
e aproveite a oferta exclusiva.
DE ~~R$ 59,90~~* POR APENAS
12x de R$ 19,90/MÊS.
*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.

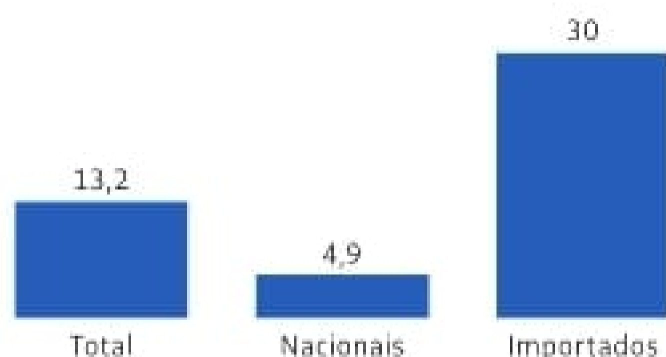


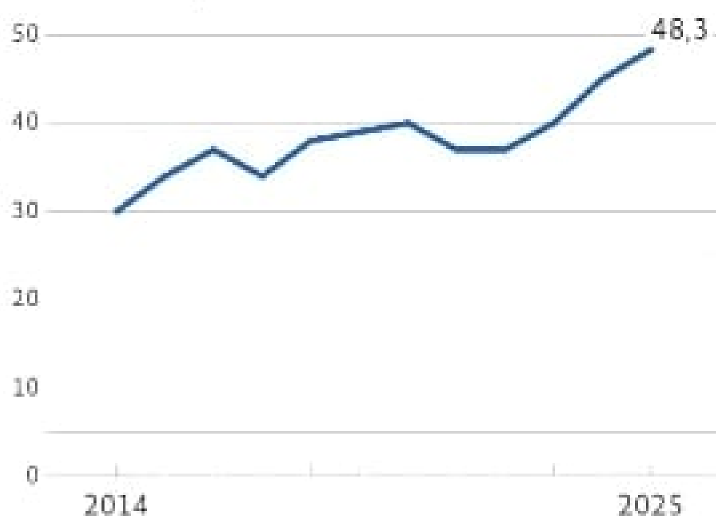
Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

FOLHA DE S.PAULO
★★★

Eufrázio

Investimento industrial acelera no país







Fontes: Ipea, Abimaq e IBGE

Consumo de máquinas e bens industriais cresce com importações

Com capacidade de produção interna limitada, empresas que fabricam bens de capital no Brasil perdem espaço para companhias estrangeiras, sobretudo da China

Fernando Canzian

SÃO PAULO Os investimentos das empresas brasileiras em novas máquinas e equipamentos registraram forte aumento nos últimos 12 meses, na esteira da recuperação nas vendas de bens industriais para consumidores a partir de meados de 2024.

Mas, assim como grande parte dos produtos vendidos no Brasil tem vindo do exterior, foi a compra de máquinas e equipamentos importados que puxou os investimentos das empresas.

No acumulado em 12 meses até o fim do primeiro trimestre, o consumo de maquinário novo pelas indústrias teve alta de 13,2%. Como comparação, o IBC-Br do Banco Central, considerado uma prévia do PIB, mostrou a economia crescendo 4,1% em 12 meses até fevereiro.

O consumo de máquinas e equipamentos nacionais, porém, aumentou só 4,9%. Mas os importados saltaram 30%, segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Há anos as empresas que fabricam maquinário no Brasil perdem espaço para empresas estrangeiras, sobretudo da China. Há uma década, equipamentos importados respondiam por 30% do mercado; hoje, são 48,3%, segundo a Abimaq, que reúne os fabricantes do setor.

No caso dos bens industriais finais consumidos pelos brasileiros, a tendência é a mesma. Enquanto a demanda por esses artigos nos últimos 12 meses teve alta acumulada de 6,1%, a produção industrial nacional dedicada ao mercado doméstico cresceu 2,6%. A diferença foi coberta por importados.

A queda na participação da indústria de máquinas e equipamentos e de bens de consumo nacionais no Brasil deve-se à falta de competitividade —tanto do maquinário quanto de produtos acabados— em relação ao que vem de outros países.



Operários trabalham em fábrica de geradores em Qingzhou, na China Xinhua - 27.mai.24/Wang Jilin

A guerra comercial deflagrada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, contra a China vai acelerar isso, pois o gigante asiático adotará políticas agressivas para desovar sua produção em outros mercados, em especial os maiores, como o brasileiro. No primeiro trimestre, a China respondeu por 34,1% das importações de máquinas do Brasil.

No mesmo período, a indústria nacional cresceu 15,2% e obteve receitas líquidas de R$ 24 bilhões em março. Com a recente recuperação dos negócios e após três anos de resultados ruins, o setor quer ampliar investimentos para tentar enfrentar a concorrência.

"Mas é difícil enxergar uma reversão na tendência de aumento da participação dos importados. O custo de capital [juros altos] e a tributação no Brasil tornam as empresas pouco competitivas em relação às estrangeiras", afirma Cristina Zanella, diretora de Competitividade da Abimaq.

O custo de capital é alto no Brasil principalmente porque o governo é deficitário e tem dívida crescente, o que o torna o maior tomador de empréstimos no país, aumentando as taxas de juros.

O Brasil tem cerca de 9.000 fabricantes de máquinas e equipamentos, mas 70% são micro ou pequenos. Ao contrário de companhias maiores, essas empresas não têm acesso a financiamento a juros competitivos, o que limita sua capacidade de expansão.

Os grandes e médios fabricantes planejam aumentar investimentos neste ano em 7,8% em relação a 2024 —mas as pequenas aplicarão 5,3% menos. Dos aportes previstos pelo setor, 31,8% serão para ampliação da capacidade, 38,2% para tecnologia e 22% para atualização de máquinas.

> **13,2%**
> foi o aumento do consumo de maquinário novo pelas indústrias no final do primeiro trimestre, levando em conta o período de 12 meses. Por outro lado, prévia do PIB mostrou a economia crescendo 4,1% em 12 meses até fevereiro

A recuperação em curso no setor, porém, está ameaçada. Para o economista-chefe da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Igor Rocha, os efeitos da política de juros altos do Banco Central serão sentidos com mais força a partir de agora. Após crescimento de 3,6% da manufatura em 2024, a expectativa é de 1,1% positivo neste ano.

"No ano passado, houve aumento importante nas vendas de produtos da linha branca [geladeiras, fogões] e de bens de capital [máquinas e equipamentos], o que não deve se repetir."

Rocha argumenta que há anos o Brasil perde espaço nos segmentos de bens industriais de média e alta tecnologia, assim como no de máquinas e equipamentos, enquanto ampliou e sofisticou a produção de produtos primários, como commodities.

"O agronegócio tem vantagens de financiamento que a indústria não tem, além de vivermos sob um sistema tributário paleolítico e um custo de capital elevadíssimo. Não há atualização de maquinário, daí a perda de competitividade", diz.

Para Leonardo Mello de Carvalho, técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Ipea, o crescimento real da renda do trabalho (7,1% acima da inflação em 2024, segundo a FGV Social) sustentou o aumento do consumo de bens industriais e de máquinas e equipamentos a partir da metade do ano passado.

"Mas essa recuperação acabou revelando um quadro industrial mais dependente das importações do que em outras ocasiões. Isso não seria um problema porque, ao importar máquinas, incorporamos muitas vezes tecnologias mais avançadas. Por outro lado, o país não quer ver sua indústria não suprir boa parte dos bens que consome", afirma.

Nesse contexto, Carvalho diz que o cenário à frente é "preocupante", pois se espera uma desaceleração da economia. Isso pode levar ao recuo nas intenções de investimento e deixar o país mais dependente das importações, especialmente da China.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

ENZO ELIAS
Piloto da Stock Car Pro Series pela Scuderia Bandeiras

Stock Car vira digital e turbina patrocínios

Piloto da Scuderia Bandeiras, Enzo Elias diz que automobilismo se tornou negócio de entretenimento

As corridas da Stock Car Brasil deste ano devem movimentar R$ 12,5 bilhões em patrocínios, segundo projeções de mercado. É quase meio bilhão a mais para compensar os investimentos que modificaram radicalmente não só os carros, mas a relação dos fãs com o esporte. Agora, eles podem pagar assinaturas em aplicativos e acompanhar até seu piloto dentro do carro durante a prova. Tudo isso vira receita para a organização. Para o piloto Enzo Elias, 23, uma das promessas do automobilismo nacional e que integra a Scuderia Bandeiras, o conjunto de inovações elevou em ao menos 20% as cotas de anunciantes e inaugurou um novo modelo de negócios, que trata as competições como um palco de entretenimento, a exemplos dos grandes shows musicais. Entre seus patrocinadores estão BRB e Boldhub.

*

Só a tecnologia explica esse impacto nas receitas de patrocínio? Houve um investimento muito grande em tecnologia, algo que melhorou totalmente a forma como as marcas se relacionam com a competição, com os pilotos e com as equipes. Os fãs podem assinar um aplicativo, escolher um piloto e acompanhá-lo na corrida dentro do cockpit [do carro], ouvindo o que ele fala com a equipe e com o engenheiro. Também entenderá a estratégia das paradas, algo meio incompreensível para quem vê de fora. Quem é fã do Enzo Elias pode correr com ele dentro do carro. O assinante [do app] também passa a receber notícias sobre o que está acontecendo, eventos relacionados à corrida.

Esse investimento é das equipes ou da própria Stock Car Brasil? Da Stock Car. É uma modernização, mas ela ocorre principalmente nos carros.

O que mudou? A gente saiu dos antigos sedãs V8 aspirados para um novo modelo nunca antes utilizado, para uma modernização de marcas só com modelos SUV à venda [no mercado]. São o Chevrolet Tracker, o Toyota Corolla Cross e o Mitsubishi Eclipse Cross com motores 2.0 turbo e 100% fabricados no Brasil. É um motor com uma pegada ambiental e temos um sistema de asa móvel traseira como na F1. Há várias formas de patrocínio nos carros, criando um ecossistema de entregas que vai além da performance em pista. Trabalhamos a integração dos nossos patrocinadores no box, eles terão mais acesso ao nosso trabalho, estamos entregando algo mais agradável para o patrocinador. Hoje, o cliente quer muito mais do que exposição da marca, algo que ocorre independentemente de qualquer coisa. A gente tem de entregar uma experiência para ele. É isso o que a Stock Car está tentando fazer.

Em quanto isso fez subir o tíquete do patrocínio? Varia muito, dependendo do formato, mas uns 20% na cota master.

Você mira a F1? Sempre é um sonho seja para piloto, engenheiro ou mecânico. Mas, para isso, é preciso ter muito dinheiro e muita influência política. A F1 hoje não é uma realidade. Eu teria de estar na F4, com 15 anos e muito dinheiro para migrar para a F3, aos 16. Passar para a F2, com 17. Mesmo chegando lá em uma equipe como a Ferrari, por exemplo, os pilotos titulares têm contratos de cinco anos. Você não tem o que fazer, fica como reserva. Claro que, se chamarem, eu vou, mas estou concentrado nos campeonatos de endurance [longa duração], como Le Mans. Meu sonho é representar alguma grande montadora.



Enzo Elias, 23
2002, Brasília
Automobilista, tem duas vitórias e cinco pódios na Stock Car e é pentacampeão da Porsche Cup Brasil. Começou no esporte aos 11 anos como piloto de kart. Após dois anos, já tinha conquistado cinco títulos na modalidade. Em 2019, tornou-se o campeão mais jovem da história dos campeonatos da Porsche no mundo e hoje é piloto da Scuderia Bandeiras na Stock Car Pro Series

Ok, seu caminho não é o da F1, mas há um mercado diversificado no automobilismo e você vive disso, certo? Exato. Hoje há diversos campeonatos no mundo, extremamente profissionais, de nível semelhante ao da F1, com pilotos no mesmo patamar até. Há a Fórmula Indy, o campeonato norte-americano e mundial de Endurance, que cresceu muito. Há campeonatos pela Europa toda com muitas marcas, como Lamborghini e Ferrari. Os pilotos ganham a vida hoje rodando o mundo. O universo do automobilismo é muito grande e quem está nessa carreira quer levar o esporte para todo público, porque, no fundo, é tudo entretenimento.

Oposição diz ter número para CPI mista do INSS driblar fila da Câmara

Parlamentares prometem protocolar requerimento na segunda (5), mas Casa também tem entraves; lista traz partidos de centro e direita com ministério no governo Lula

Ranier Bragon

BRASÍLIA A oposição ao governo Lula afirmou ter conseguido número suficiente de assinaturas de deputados federais e de senadores para protocolar, nesta segunda-feira (5), requerimento de CPMI (Comissão Parlamentar de Inquérito Mista) —ou seja, composta por integrantes das duas Casas— para investigar o escândalo dos descontos em benefícios do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

A busca por assinaturas de parlamentares das duas Casas se deu porque o requerimento de CPI apresentado na Câmara é o 13º na fila que aguarda uma análise favorável ou negativa do presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB).



Porsche apreendido pela PF no Ceará na Operação Sem Desconto 24.abr.25/Reprodução Polícia Federal

De acordo com a assessoria da senadora Damares Alves (Republicanos-DF), há apoio de 30 senadores (o mínimo é 27) e 171 deputados, o mínimo exigido, para a CPI mista.

Na lista de congressistas que apoiam a investigação estão, além da oposição, vários integrantes dos partidos de centro e de direita que têm ministério no governo Lula —União Brasil, PP, PSD, MDB e Republicanos.

Das 185 assinaturas de apoio na Câmara, por exemplo, 81 são de deputados desses cinco partidos.

Apesar do número mínimo, não há garantia de que a CPI seja criada na Câmara nem que a CPMI seja instalada pelo Congresso.

No primeiro caso, cabe ao presidente da Câmara analisar os requerimentos, sem data definida.

Dos 12 requerimentos de CPI protocolados antes do relativo ao INSS, há pedidos para investigar o aumento de uso de crack no país, o tráfico infantil e exploração sexual de crianças e adolescentes, a conduta de integrantes do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e STF (Supremo Tribunal Federal), o crime organizado e estupros, entre vários outros temas.

Além de não ter prazo para analisar esses pedidos, Motta pode arquivá-los sob argumento de que não atendem aos pressupostos exigidos, como apontar um fato específico e claro a ser investigado.

Na Câmara dos Deputados, não pode haver mais de cinco CPIs em funcionamento. Hoje, não há nenhuma.

Parlamentares de oposição afirmam nos bastidores temer que, com base nesses empecilhos, Hugo Motta não crie a CPI do INSS ou a adie para não se indispor com o governo.

Já a responsabilidade pela criação de uma CPMI, que envolve tanto deputados quanto senadores, fica a cargo do presidente do Congresso, que preside o Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

No caso de CPMI, não há limitação de cinco comissões em funcionamento e, pelas regras, basta o apoio mínimo de 27 senadores e de 171 deputados para que ela seja criada.

Ocorre que Alcolumbre, que tem agido em alinhamento com o Palácio do Planalto, não tem um prazo definido para fazer a leitura em plenário do requerimento, o que abre margem para protelação.

O requerimento de criação de uma CPMI tem que ser lido em sessão conjunta do Congresso (envolvendo Câmara e Senado), encontro que também é marcado por Alcolumbre.

Diferentemente da Câmara, senadores podem retirar suas assinaturas até o momento da leitura em plenário. Devido à pressão exercida pelos governos contra esse tipo de investigação, isso não é raro de acontecer.

O governo quase sempre encara CPIs e CPMIs como um problema, já que elas têm potencial de desgaste por jogar holofotes sobre a oposição e sobre temas que o Executivo gostaria de ver tratados sem alarde público.



Operação não detalhou quanto será devolvido

A Operação Sem Desconto aponta que, entre 2019 e 2024, a soma dos valores descontados de benefícios do INSS chega a R$ 6,3 bilhões, mas será apurado quanto desse valor é irregular.



O então presidente FHC reunido, em 2000, com deputados e ministros para discutir a Lei de Responsabilidade Fiscal Lula Marques/Folhapress

Lei de Responsabilidade Fiscal completa 25 anos desafiada por lógica eleitoral nos gastos

Estudo sugere que dispositivos da legislação perderam força e já não conseguem evitar concentração de despesas em busca de reeleição

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Marco das finanças públicas brasileiras, a LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) completa 25 anos sob o desafio de manter sua eficácia diante de uma lógica orçamentária cada vez mais influenciada por fatores políticos e, sobretudo, eleitorais.

Um estudo recente sugere que algumas regras da LRF perderam força e já não conseguem induzir o melhor planejamento de políticas públicas e evitar a concentração de gastos no último ano de mandato. O aumento de transferências, inclusive via emendas parlamentares, é apontado como um dos principais combustíveis para a mudança, que se traduz na ponta em despesas mais voltadas à máquina pública (inclusive com pessoal) em detrimento de áreas como saúde e saneamento.

O diagnóstico consta na tese de doutorado da pesquisadora Débora Costa Ferreira, apresentada em 2024 na UnB (Universidade de Brasília). O tema da análise foi o efeito da reeleição sobre o comportamento fiscal dos governantes.

A especialista coletou dados de todos os municípios brasileiros entre 2005 e 2020 e focou aqueles em que os prefeitos eleitos ganharam por uma margem apertada. Esse critério busca garantir que as informações sejam comparáveis, uma vez que o resultado foi "uma questão de sorte", sem relação com outros fatores (como experiência prévia do gestor) que poderiam influenciar o comportamento fiscal.

Sob esse recorte, o estudo compreende 65% a 77% dos municípios, a depender do ano, uma amostra considerada robusta para embasar as conclusões apresentadas.

Os resultados indicam que, entre 2005 e 2012, os prefeitos de primeiro mandato gastaram R$ 368 per capita a mais nos três primeiros anos de sua administração do que gestores em segundo mandato. No último exercício, não houve diferença estatisticamente relevante. Os valores foram calculados a preços de 2021.

Para a pesquisadora, o resultado é uma evidência significativa de que as regras da LRF e da Lei Eleitoral que restringem determinados gastos em fim de mandato (como contratação de novas obras e aumentos salariais) foram eficazes nesse período.

"[O prefeito] Vai distribuindo melhor as despesas em vez de gastar tudo do ano eleitoral", observa Ferreira, que chama isso de "atuação estratégica".

A situação se inverteu completamente entre 2013 e 2020, período que coincide com a proliferação das emendas parlamentares. Segundo o estudo, o gasto dos prefeitos de primeiro mandato não teve diferença relevante nos três primeiros anos da gestão. Já no ano da eleição, a despesa per capita foi R$ 236 maior do que o praticado por prefeitos em segundo mandato.

"A força das regras da LRF e da lei eleitoral diminuiu para caramba no decorrer do tempo. [O gestor] Não está sendo cobrado, então nem precisa mais usar a estratégia de antecipar despesas. Agora estão gastando tudo no ano eleitoral", alerta a pesquisadora.

Segundo ela, o perfil dos gastos também mudou. Entre 2005 e 2012, os prefeitos de primeiro mandato gastavam mais com saúde e educação nos três primeiros anos da gestão —uma diferença de R$ 84 e R$ 92 a mais per capita, respectivamente.

Já no período de 2013 a 2020, as despesas com saúde perderam espaço. Os gastos com educação mantiveram o incremento, mas concentrado apenas no ano eleitoral. Além disso, os prefeitos de primeiro mandato passaram a gastar mais com as funções de administração (R$ 71 per capita) e legislativa (R$ 25 per capita), que incluem folha de pagamento.

"É uma estratégia cada vez mais usada, eu [candidato] vou empregar e usar máquina para bombar minha eleição no próprio ano eleitoral, o que subverte vários princípios da LRF", diz.

O estudo mostra ainda que a mesma concentração ocorreu nas transferências. O prefeito de primeiro mandato sempre tem mais incentivos para buscar mais repasses, mas, entre 2005 e 2012, eles ficavam diluídos entre o primeiro e o terceiro ano de mandato. De 2013 a 2020, a injeção de recursos passou a se concentrar no ano eleitoral.

"Antes o pessoal antecipava o gasto, mas, de uma certa forma, estava distribuindo ao longo do tempo. Tem uma continuidade da política pública. Agora, você passa três anos sem pagar as coisas direito e, na hora da eleição, solta o dinheiro, [vem] enxurrada de emenda parlamentar, paga todas as dívidas. Parece que está tudo bem, mas não está", afirma Ferreira.

Segundo ela, a situação favorece a criação de um "espaço fiscal fictício". "As emendas parlamentares te deixam gastar, pagar as dívidas e fazer tudo o que quiser sem a responsabilidade de ter uma distribuição."

A pesquisadora ainda cita um efeito colateral perverso: as transferências evitam a deterioração das contas num primeiro momento, sustentam bons indicadores de Capag (capacidade de pagamento, nota que serve de referência para a obtenção de empréstimos) e mantêm as prefeituras dentro dos limites de endividamento e despesa com pessoal (medidos como proporção da receita corrente líquida).

No entanto, nada garante que isso se manterá ao longo do tempo. Além disso, diz ela, há o risco de esses indicadores serem "inflados de forma fictícia" em decorrência de alinhamentos político-partidários de ocasião.

Na avaliação de Ferreira, diante desse diagnóstico, as regras de final de mandato da LRF precisam ser revisitadas, sobretudo aquelas que preveem prazos fixos (como a que proíbe reajustes nos 180 dias anteriores à eleição). Ela também defende rever a lógica de ancorar determinados limites numa base de receitas correntes, hoje infladas por transferências.

Apesar dos indícios de enfraquecimento da LRF, a norma é considerada importante até hoje em diversos aspectos. A economista Selene Nunes, que atuou na elaboração da lei e é especialista em finanças públicas, destaca que sua aprovação, em 2000, representou um novo paradigma na gestão pública.

"Você internalizou a necessidade de monitorar uma série de variáveis que antes não eram monitoradas, por exemplo, os limites de pessoal por poder e órgão. Internalizou a necessidade de adotar e cumprir metas fiscais. Antes, o Orçamento tinha receitas e despesas previstas, e o que desse de resultado estava bom. Não tinha um horizonte de planejamento. Hoje, quando descumpre alguma coisa, a imprensa toda vem em cima, os especialistas falam, a academia se posiciona."

Segundo ela, a aprovação da LRF foi sucedida de um longo período de aprendizado, no qual foi feito um esforço de padronização de regras contábeis crucial para se ter uma fotografia fidedigna da situação das contas de União, estados e municípios.

Nunes destaca ainda que a LRF ficou de pé mesmo após a transição de governo em 2003 (o PT do presidente Lula havia votado contra a proposta) e manteve o texto original por 16 anos (com um único acréscimo em 2009, para prever a criação dos portais de transparência).

De lá para cá, no entanto, a especialista também vê certo enfraquecimento das regras, o que ela atribui às manobras contábeis adotadas pelo governo Dilma Rousseff (PT), afastada do cargo em 2016 justamente por violações à LRF. "Quando a Dilma começa a chutar o balde, os estados e municípios falam: 'Se União está fazendo isso, por que vou ser prudente? Deixa eu ir também'."

Cronologia da Lei de Responsabilidade

Outubro de 1988
Constituição prevê lei complementar para dispor sobre finanças e dívida públicas, fiscalização financeira, entre outros temas correlatos

Março de 1995
Lei Camata disciplina limites de gastos com pessoal no setor público. Não prevê limites individualizados para os Poderes Legislativo e Judiciário

Abril de 1999
Executivo apresenta o PLP 18, que dispõe sobre princípios fundamentais e normas gerais de finanças públicas e estabelece o regime de gestão fiscal responsável

Maio de 1999
Lei Camata 2 aprimora os limites de gastos com pessoal no setor público e endurece as punições

Abril de 2000
PLP 18 é aprovado no Congresso

Maio de 2000
Lei complementar 101, a LRF, entra em vigor, deflagrando um amplo processo de padronização e adaptação das administrações públicas federal, estaduais e municipais

Maio de 2009
Lei complementar 131 altera a LRF para prever obrigatoriedade dos portais de transparência

Maio de 2025
LRF completa 25 anos

Eufrázio



Leilão Judicial Eletrônico



Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!

ID 6653
Lances a partir de **R$ 2.570.311,47** | Avaliação R$ 6.425.778,68
Terrenos Urbanos
3 terrenos com áreas somadas totalizando 10.211 m². Localizado a 14 min. da Rod. Pres. Castello Branco.
1º Leilão ~~16/04 - 09:00hs~~ | 2º Leilão 08/05 - 09:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola – 1ª Vara Cível do Foro Regional de São Paulo/SP
Barueri/SP

ID 6296
Lances a partir de **R$ 16.947.751,40** | Avaliação R$ 21.291.144,97
Galpão Comercial
Imóvel com 439 m² de construção e área de terreno de 36.300 m². Composto por galpão, escritório, oficina e almoxarifado.
1º Leilão ~~14/05 - 15:30hs~~ | 2º Leilão 14/05 - 16:30hs
Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha – 3ª Vara Cível de Franca/SP
Franca/SP

ID 6458
Lances a partir de **R$ 721.018,21**
Avaliação R$ 1.442.036,43
Imóvel Residencial – Osasco/SP
Imóvel e edícula com 196 m² de construção e área de terreno de 476 m². Composto por 4 dorms, 3 banheiros, lavabo, sala, cozinha, área de serviço, piscina e garagem.
1º Leilão 08/05 - 09:00hs | 2º Leilão 29/05 - 09:00hs

ID 7252
Lances a partir de **R$ 932.602,92**
Avaliação R$ 1.554.338,21
Imóvel Residencial – São José do Rio Preto/SP
Imóvel no Condomínio Damha III - Residencial Marcia com 238 m² de construção e área de terreno de 390 m².
1º Leilão 08/05 - 09:00hs | 2º Leilão 29/05 - 09:00hs

ID 5867
Lances a partir de **R$ 525.244,60**
Avaliação R$ 1.050.489,20
Imóvel Residencial – Praia Grande/SP
Imóvel com 190 m² de construção e área de terreno de 382 m². Localizado em frente à orla da praia Solemar, com fácil acesso pela Av. Presidente Kennedy.
1º Leilão ~~16/04 - 10:00hs~~ | 2º Leilão 08/05 - 10:00hs

ID 7271
Lances a partir de **R$ 277.340,00**
Avaliação R$ 554.680,01
Apartamento – Bairro Casa Verde/SP
Imóvel no Cond. Actual Casa Verde com 153 m². Localizado a 5 min. da Marginal Tietê e a 14 min. do Aeroporto do Campo de Marte.
1º Leilão 08/05 - 09:30hs | 2º Leilão 08/05 - 10:30hs

ID 6540
Lances a partir de **R$ 1.597.667,50**
Avaliação R$ 2.282.382,15
Imóvel Residencial – São Paulo/SP
Imóvel de 3 pavimentos com 280 m² de construção e área de terreno de 168 m². Composto por 4 dorms, sendo 1 suíte, localizado na Vila Prudente/SP.
1º Leilão 08/05 - 10:00hs | 2º Leilão 29/05 - 10:00

ID 7257
Lances a partir de **R$ 879.129,19**
Avaliação R$ 1.465.215,32
Apartamento – Bairro Vila Progredior/SP
Imóvel no Cond. Terraço Morumbi com 128 m². Composto por 2 salas, escritório, lavabo, 4 suítes, copa/cozinha, dorm de empregada, área de serviço e 2 vagas de garagem.
1º Leilão 08/05 - 10:00hs | 2º Leilão 29/05 - 10:00hs

ID 7275
Lances a partir de **R$ 679.480,98**
Avaliação R$ 1.698.702,44
Terreno Urbano – Santa Gertrudes/SP
Imóvel e terreno com área de 5.694 m². Localizado a 2 min. da Rod. Constante Peruchi e 3 min. do centro da cidade.
1º Leilão 08/05 - 10:30hs | 2º Leilão 29/05 - 10:30hs

ID 6865
Lances a partir de **R$ 1.485.958,04**
Avaliação R$ 2.476.596,73
Galpão Industrial – Neves Paulista/SP
Imóvel com área de 1.350 m² e 181.500 hectares de área maior. Localizado de frente para Rod. Florindo Rodrigues Martinez.
1º Leilão 08/05 - 11:00hs | 2º Leilão 29/05 - 11:00hs

ID 7288
Lances a partir de **R$ 794.437,27**
Avaliação R$ 1.324.062,12
Prédio em construção – Mogi das Cruzes/SP
Imóvel no Condomínio Aruã Eco Park Lagos, contendo 3 pavimentos com 356 m² de construção e área de terreno de 360 m².
1º Leilão 08/05 - 11:00hs | 2º Leilão 29/05 - 11:00hs

ID 7313
Lances a partir de **R$ 371.540,84**
Avaliação R$ 412.823,16
Prédio Residencial – São Roque/SP
Prédio Residencial com 130 m² de construção e área de terreno de 250 m².
1º Leilão 08/05 - 11:00hs | 2º Leilão 29/05 - 11:00hs

ID 7253
Lances a partir de **R$ 309.323,23**
Avaliação R$ 386.654,04
Apartamento – Limeira/SP
Imóvel com 64 m² com uma vaga de garagem. Localizado a 4 min. do Pátio Limeira Shopping.
1º Leilão ~~16/04 - 15:00hs~~ | 2º Leilão 08/05 - 15:00hs

ID 7260 LOTE 1
Lances a partir de **R$ 1.123.963,14**
Avaliação R$ 2.247.926,28
Imóvel Residencial – Ilha Bela/SP
Imóvel de 2 pavimentos com 391 m² de construção e área de terreno de 450 m². Composto por sala, cozinha, 5 dorms, 1 suíte, 3 banheiros, área gourmet com churrasqueira, varanda coberta e edícula.
1º Leilão 14/05 - 14:00hs | 2º Leilão 14/05 - 15:00hs

ID 7304
Lances a partir de **R$ 650.000,00**
Avaliação R$ 650.000,00
Terreno Rural – Potirendaba/SP
Chácara denominada São Valentim com 2,5349 hectares, situada no município de Potirendaba/SP.
1º Leilão ~~09/04 - 15:00hs~~ | 2º Leilão 14/05 - 15:00hs

ID 5028
Lances a partir de **R$ 712.260,34**
Avaliação R$ 949.680,46
Prédio Residencial – São Paulo/SP
Imóvel com 256 m² de construção e área de terreno de 250 m². Composto por 4 casas, situado no Jardim Shangri-lá/ São Paulo.
1º Leilão ~~17/03 - 11:00hs~~ | 2º Leilão 19/05 - 11:00hs

ID 7051
Lances a partir de **R$ 388.070,69**
Avaliação R$ 846.784,49
Imóvel Residencial – São Paulo/SP
Imóvel de 2 pavimentos com 136 m² de construção e área de terreno de 200 m². Localizado no bairro Vila Nilo em São Paulo/SP.
1º Leilão 29/05 - 09:30hs | 2º Leilão 29/05 - 10:30hs

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 — 11 95577 1200 — **leje.com.br** — @lejeoficial — Leilão Judicial Eletrônico

Eufrázio

Lalo de Almeida - 18.set.11/Folhapress



1 Casa de força da hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu 2 Alojamento pioneiro no canteiro de obras da usina 3 Katiana Xipaya, criadora da marca de chocolate Sídja Wahiü, que na língua do povo Xipaya significa mulher guerreira

Essencial para o sistema, Belo Monte encara desafio da mudança climática

Depois de contabilizar R$ 8 bi em mitigações socioambientais e se provar importante para o setor elétrico, usina vai precisar enfrentar risco de mais estiagens na amazônia

Alexa Salomão

ALTAMIRA (PA) Executivos com mais estrada no setor elétrico contam que a usina do rio Xingu, no Pará, havia sido amaldiçoada pela errônea escolha do nome original, Kararaô. O termo, considerado sagrado por alguns, pode ser traduzido, do idioma caiapó, como "grito para a guerra". Os índios atenderam.

Mesmo depois da troca do nome para Belo Monte, o projeto não encontra paz. Passados quase dez anos desde que as primeiras turbinas foram ligadas, a Norte Energia, empresa que tem a concessão, já contabilizou R$ 8 bilhões para cumprir mitigações socioambientais, o dobro do previsto inicialmente, bancando até obras de caráter público.

Muitos especialistas do setor já não têm dúvidas sobre a importância da usina para a estabilidade do sistema elétrico nacional. Ainda assim, Belo Monte segue sendo criticada entre ambientalistas e tem pela frente um novo desafio: as mudanças climáticas.

Belo Monte fez parte do conjunto de empreendimentos qualificados como estruturantes e defendidos pelo Estado desde a década de 1970. Foi a força da máquina estatal que viabilizou uma obra tão polêmica e com tal nível de interferência socioambiental. Porém, após a capitalização da Eletrobras, principal sócio da Norte Energia, com 49,88% de participação, a conta ficou para uma empresa agora privada — e os acionistas entendem que o desafio está posto.

"É importante destacar que um projeto dessa magnitude tem características diferentes. O empreendedor chega muitas vezes primeiro que o Estado, e isso gera uma série de desafios, porque muitas vezes o empreendedor tem uma visão de prazo e cronograma de execução de seu projeto, e o Estado tem outras prioridades", diz Paulo Roberto Pinto, presidente da Norte Energia.

"Isso aconteceu em Belo Monte, e muitas atividades que a Norte Energia tem hoje em portfólio conversam mais com o Estado do que propriamente com o projeto, o que exigiu dos acionistas um aporte adicional significativo."

Para ter as licenças e operar, Belo Monte cumpre o mais extenso plano de mitigação já aplicado a um empreendimento do gênero, diz o superintendente Socioambiental e do Componente Indígena da empresa, Bruno Bahiana. Oficialmente, são 78, mas há inúmeros penduricalhos adicionais. Algumas obrigações são permanentes, outras duram enquanto for determinado pelo Ibama.

Em Altamira, a Norte Energia construiu o aterro sanitário, ampliou o abastecimento de água e instalou o sistema de saneamento, o que incluiu fazer 510 quilômetros de rede e conectar mais de 19 mil imóveis. Hoje, 92% do município é atendido por rede de esgoto, no estado que tem as piores coberturas do país. Belém fica abaixo de 20%.

> **No começo a gente ficou receoso, porque não sabíamos se íamos para longe, se perderíamos contato com vizinhos e parentes, com o trabalho, mas depois, vimos que a mudança foi para melhor**
>
> **Jorgemir Nogueira**
> chefe comunitário do bairro Jatobá

> **Belo Monte pode ser impopular até hoje, mas a grande verdade — e a gente precisa ser justo — é que se tornou essencial para o abastecimento energético do país**
>
> **Luiz Augusto Barroso**
> CEO da consultoria PSR e ex-presidente da EPE

A empresa também pôs de pé e equipou 3 hospitais e 32 unidades básicas de saúde. Implantou um projeto de combate à malária que reduziu os casos em mais de 90%. Construiu um presídio e uma Delegacia Regional. Financiou 492 salas de aulas de escolas.

Muitas obrigações têm relação com a natureza do empreendimento. A Norte Energia construiu seis bairros com infraestrutura completa para remover 20 mil pessoas que seriam atingidas. Parte vivia em palafitas, alijada de benefícios básicos, como água encanada, mas ainda assim não foi uma transição serena.

"No começo a gente ficou receoso, pois não sabíamos se íamos para longe, se perderíamos contato com vizinhos e parentes, com o trabalho, mas depois, vimos que a mudança foi para melhor", diz Jorgemir Nogueira, o Mica, chefe comunitário do bairro Jatobá, primeiro entregue pela empresa. Entre as obrigações ambientais, está recompor e preservar a floresta. A APP (Área de Preservação Permanente) sob sua responsabilidade tem 26 mil hectares, o equivalente a 36 mil campos de futebol. Desde 2013, plantou 2,3 milhões de mudas de 164 espécies nativas, como mogno e castanheira.

Também assumiu parte do cuidado com os peixes. O risco para a vida aquática é alvo de debates, pois a usina interfere na vazão de um trecho chamado Volta Grande do Xingu, afetando a pesca, sustento de muitas famílias.

Continua na pág. A27

Recursos mobilizados

Em R$ bilhões

8 em investimentos nas ações socioambientais

1,3 nas ações em favor de indígenas

1,6 em impostos recolhidos

1,2 em royalties distribuídos

0,5 no Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu

Fonte: PSR

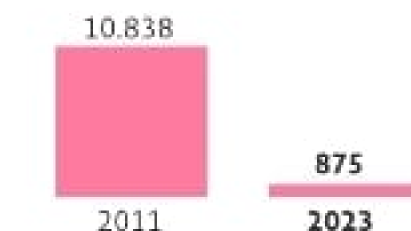
Licenciamento para operar é recordista em ações de mitigação

Em número de obrigações socioambientais



Programa de Ação para Controle da Malária da usina reduziu o registro da doença em 99%

Em número de casos na região da Altamira



2,3
milhões de mudas de 164 espécies nativas para plantio na área de proteção ambiental sob sua responsabilidade

1.052
km de estradas em áreas indígenas

510
km de rede de saneamento

492
salas de aula em Altamira, Anapu, Vitória do Xingu, Brasil Novo e Senador José Porfírio

63
unidades básicas de saúde, sendo 31 para indígenas

11
unidades de proteção territorial indígena

6
novos bairros com 3.850 habitações apoiadas por infraestrutura completa, incluindo saneamento

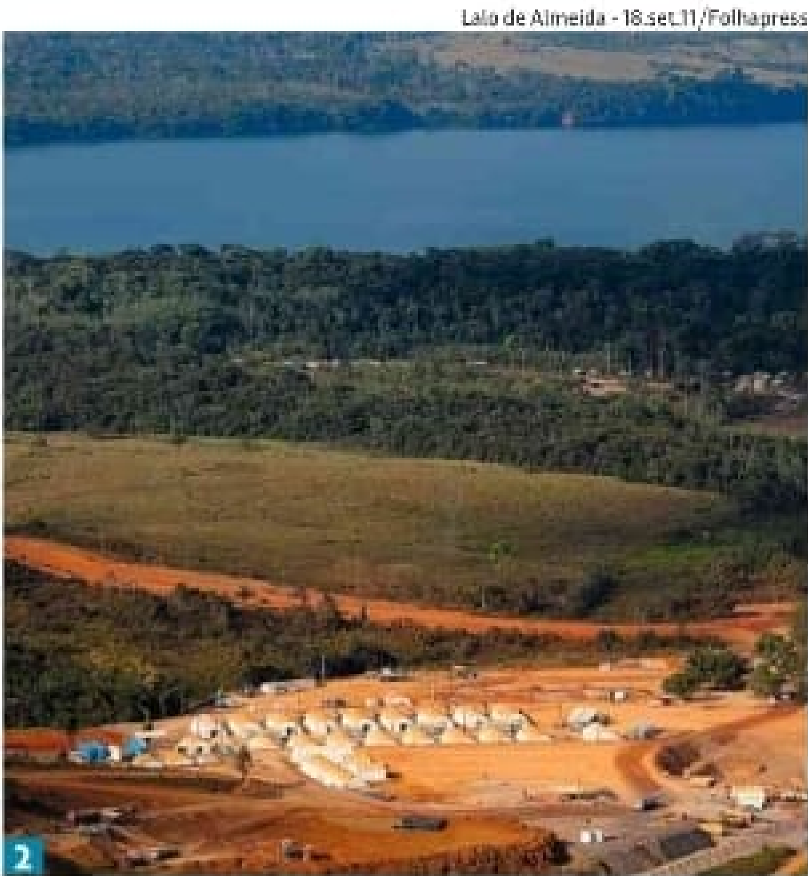
3
hospitais equipados em Altamira, Anapu e Vitória do Xingu

1
estação de tratamento em Altamira, que atende 92% do município

1
presídio em Vitória do Xingu

Fonte: Norte Energia e PSR

Lalo de Almeida - 18.set.11/Folhapress



2

Alexa Salomão/Folhapress



3

Continuação da pag. A20

Pescadores ainda reclamam da redução na oferta. O atendimento aos índios é um capítulo à parte. A empresa não perde a oportunidade para reafirmar que não alagou nenhuma terra indígena e que, do total investido, R$ 1,3 bilhão foi para essas comunidades, que abarcam nove etnias.

Vários programas ganharam projeção. Um ocorre na Escola Municipal Ensino Infantil e Fundamental Kirinpan Kuruay, onde se leciona uma disciplina curiosa para quem mora na amazônia: robótica. A equipe Kuruaya Itaibitxim, dessa classe, foi destaque na etapa regional no Torneio Sesi de Robótica First Lego League.

"Vocês podem se perguntar o que índios vão fazer numa aula de robótica. Pois essa turma criou um robô que espanta predadores naturais de tartarugas, para proteger ninhos. Testamos e funcionou. Foi possível liberar o caminho para que 4.000 tartarugas pudessem adentrar o rio", diz Rafael Souza, professor da disciplina.

A empresa mantém também projetos culturais, de revitalização de línguas, fomento ao artesanato e de geração de renda. Cinco marcas de chocolates indígenas nasceram dessas iniciativas.

"Com nosso chocolate levamos o nome da nossa comunidade para o mundo" diz Katiana Xipaya, criadora da Sīdja Wahiũ (que na língua do povo Xipaya significa "mulher guerreira"). Ela toca o empreendimento com outras famílias da comunidade Jericó 2, na Volta Grande do Xingu.

No aspecto técnico, propriamente dito, nos últimos anos, Belo Monte concorre ao posto de maior fornecedora de energia elétrica entre as grandes usinas movidas a água. A disputa é com Itaipu e Tucuruí. Chegou a ser líder em 2022, caindo para segundo lugar em 2023, e terceiro, em 2024, ano de forte seca na região Norte. Em ano de boas chuvas, Belo Monte chega a atender 12% de toda a demanda de energia do país, afirma o superintendente de Operações da Norte Energia, Sandro Deivis dos Santos.

É uma virada nas expectativas pessimistas. A revisão do projeto para amenizar impactos sobre o ambiente e comunidades indígenas reduziu a área alagada da usina, de 1.200 km² para de 500 km² —e por conseguinte, a capacidade de produção. Belo Monte virou uma usina a fio d'água, ou seja, não armazena água e depende do fluxo do rio Xingu, onde foi instalada.

O pico da capacidade máxima de 11.233 MW (megawatt) é alcançado de fevereiro a maio, quando o rio atinge as vazões máximas. Nos meses seguintes, as 18 turbinas da casa de força principal e as outras 6 na complementar, na hidrelétrica Pimental, são progressivamente desligadas. Na média, o complexo gera 4.571 MW, ou 40% da capacidade instalada.

"Belo Monte pode ser impopular, mas a grande verdade —e a gente precisa ser justo— é que se tornou essencial para o abastecimento do país", diz Luiz Augusto Barroso, CEO da consultoria PSR e ex-presidente da EPE (Empresa de Pesquisa Energética).

Quem estuda o clima, no entanto, diz que essa dinâmica vai ser posta em xeque. Um deles é o cientista Carlos Nobre, reconhecido mundialmente por contribuições técnicas sobre mudanças climáticas e proteção da amazônia.

Em 2013, quando estava no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Nobre foi acionado pela pasta de Minas e Energia para fazer uma avaliação sobre os eventuais impactos da mudança climática para Belo Monte. Para coordenar o estudo, convidou o pesquisador e professor Roberto Schaeffer, do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ.

No estudo, os cenários de chuvas foram transformados em vazão de rios, e com isso conseguiram ver como diferentes rios brasileiros poderiam ser afetados pelas mudanças climáticas, identificando vulnerabilidades de todo setor elétrico.

"O que vimos, e confirmou estudos anteriores, é que mudança climática no Brasil, em princípio, deve levar a uma savanização do Norte e a um Nordeste mais seco", diz.

"Os contratos de venda de energia para 20, 30 anos à frente nessas regiões podem não se confirmar, deixando um buraco na oferta de energia. As fortes secas recentes na região amazônica, e seu impacto sobre a geração, são aderentes aos cenários de longo prazo que encontramos lá atrás. Já está acontecendo."

A repórter viajou a Altamira a convite da Norte Energia

Empresa mantém laboratório de aquicultura

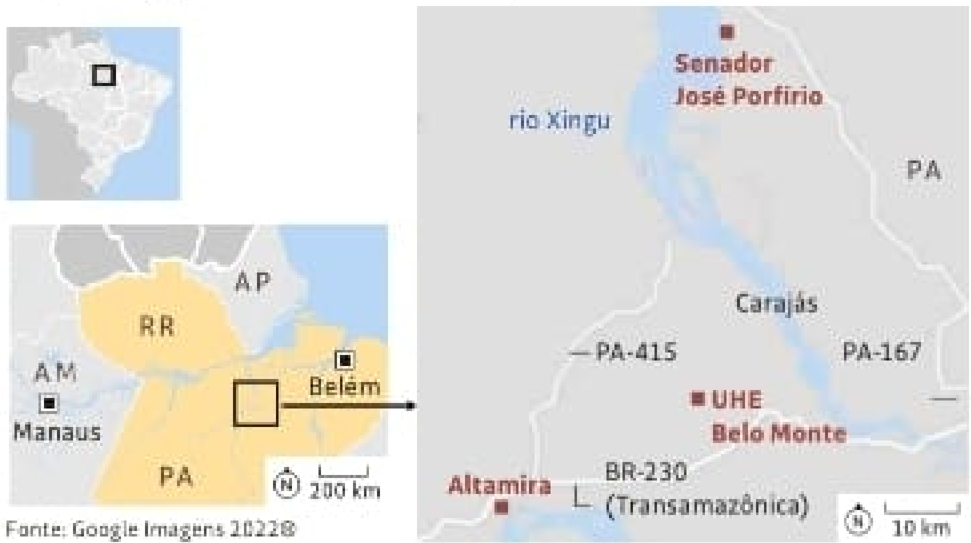
A empresa mantém o Laboratório de Aquicultura de Peixes Ornamentais do Xingu, em Altamira. O local recebe peixes apreendidos e exemplares para estudo que são acompanhados por pesquisadores da UFPA (Universidade Federal do Pará).

"Já conseguiram a reprodução em cativeiro de alguns tipos, como o primo marrom do Acari, mais raro ainda", diz o bolsista Fábio Barros, que atua no laboratório.

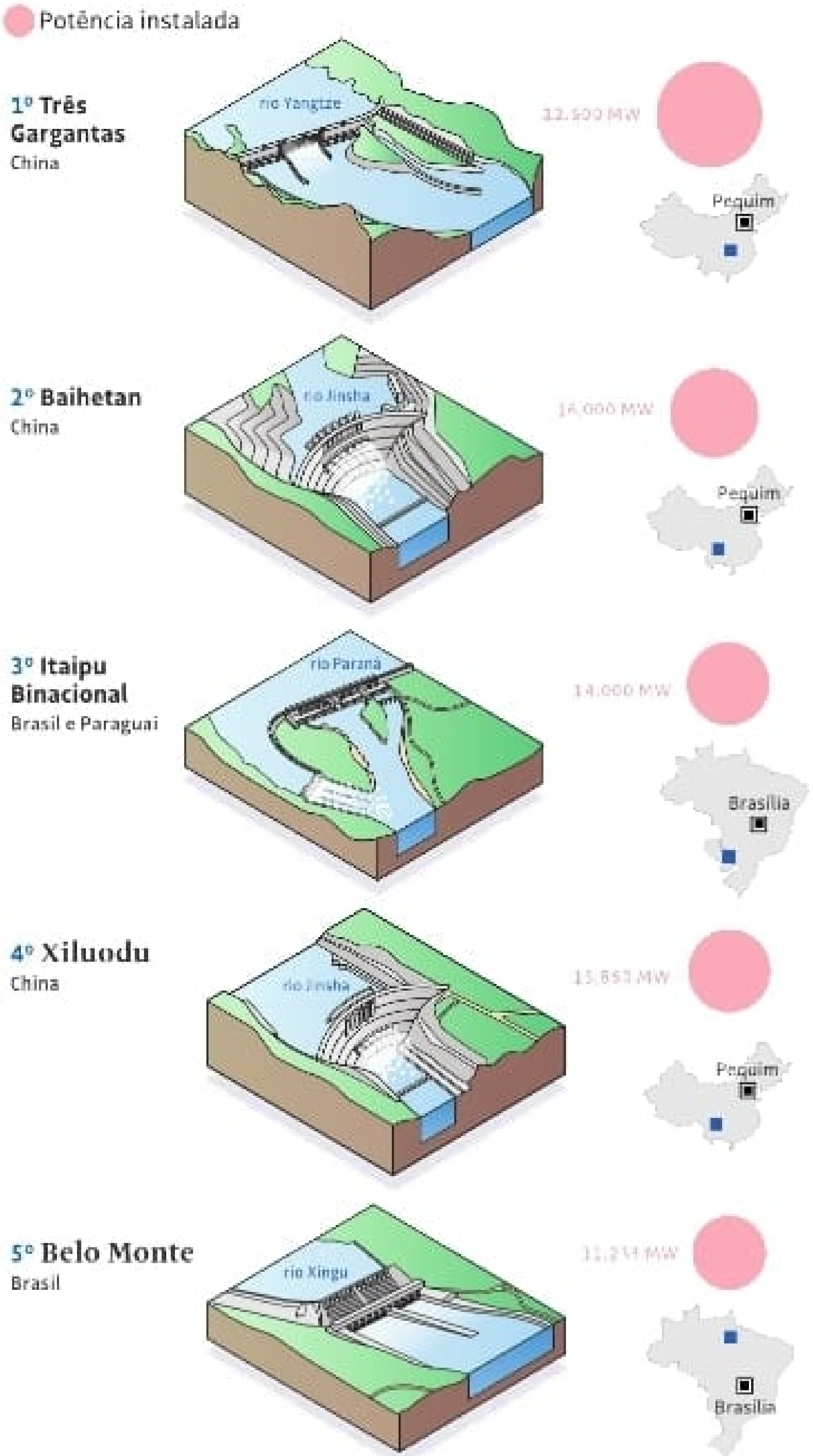
A empresa monitora também a escada de peixes que construiu para viabilizar o trânsito no período de procriação na piracema. No local, faz chipagem e permite o acesso de pesquisadores.

Raio-X de Belo Monte

Hidrelétrica no rio Xingu, no Pará, ligou as primeiras turbinas em 2016 e opera integralmente desde 2019 cumprindo dezenas de exigências



Fonte: Google Imagens 2022©



Geração das principais hidrelétricas do Brasil de 2020 a 2024

Em MWm (megawatts-médios)



Fonte: PSR

Um governo que não pensa em mudança

Lula 3 é inerte na Previdência, na energia, na Saúde, na Autoridade Climática etc.

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O caso da roubança no INSS é um exemplo de que o governo não governa em extensas partes da administração federal, que está de algum modo largada ou inerte, sem reformas fundamentais ou que, ao menos, permitam que o sistema funcione sem fraudes e inoperâncias críticas.

Além do caso da Previdência, temos problemas tanto essenciais quanto urgentes no setor elétrico. No SUS (Sistema Único de Saúde), sem reforma fundamental faz décadas, mesmo que agora tenha mais recursos, pois houve aumento brutal de financiamento do Ministério da Saúde. Onde está a Autoridade Climática prometida por Lula? Etc.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) demitiu o presidente do INSS apenas quando a Polícia Federal deu uma batida na instituição. Titubeou, mas demitiu. O então ministro da Previdência, Carlos Lupi, não se prontificou a sacar o comando daquilo que é quase toda a função do ministério. Mais preocupado com política e imagem, o governo tergiversou, enrolou e quase não tirou Lupi da cadeira. Em seguida, colocou o vice de Lupi no ministério.

Enrola de novo. Em vez de trocar seis por meia dúzia mais um, o governo poderia enfim aproveitar a oportunidade para fazer limpa maior e iniciar uma reforma do INSS. Para começar, é preciso ter um Ministério da Previdência? Segundo, por que havia e há tanta fraude?

Por que tanto pagamento de benefício deriva de sentença judicial (precatório)? Erro da Justiça, incompetência jurídica do governo, trambique, erro administrativo? Por que há tanta fila na análise dos processos de pedidos de benefícios, um serviço porco? O governo de esquerda está aí faz dois anos e meio, e nada.

Mudar estruturas, fazer reformas, como a tributária, não está nos planos. Falta imaginação, competência técnica e visão de futuro. É um atraso, motivo do retardo econômico e social do país

No setor elétrico, espera-se também há dois anos e meio que se apresente uma reforma. A energia é cara. Os subsídios são loucos, ineficientes e injustos. Há muito favor para empresas, empresários e setores.

O planejamento está com problema grave. Mais do que sempre, precisa ser alterado, pois o grande aumento da geração eólica e solar modificou o padrão de fornecimento de energia.

Por falar nisso, o governo atrasa os leilões de energia "extra" de reserva, ainda mais necessária em um sistema que depende muito agora de sol e vento —em 2024, corremos risco de apagões em horários de pico. Obviamente o governo Lula-PT não tinha plano de reforma, se é que sabia que a mudança, grande profunda e complicada, era necessária.

Em vez disso, Lula queria mais poder na Eletrobras. A empresa foi privatizada de modo porco, sim, piorado ainda mais pelo Congresso, cheio de "jabutis" para empresários, mumunhas e ineficiências. Mas o governo queria apenas é mandar na empresa "estratégica" (qual o plano?). Queria cargos para amigos e "aliados" de centrões e direitões. Seria grande o risco de roubo, como se fez na Petrobras ou nos Correios.

O governo acha que governar é "colocar mais dinheiro na mão do povo", fazer transferências de renda, que, no entanto, ainda são ineficientes (muito pobre não recebe), desiguais e estão à beira do limite, pois o dinheiro acabou (e nem com mais imposto vai se resolver).

Mudar estruturas, fazer reformas, como a tributária e outras que a Fazenda criou ou retomou, não está nos planos. A falta de imaginação, competência técnica, interesse político e visão de futuro é mais do que deprimente. É um atraso, motivo do retardo econômico e social do país e, de resto, dá nisso, em roubança e serviço porco como as filas do INSS.



Público assiste à apresentação de Buffett na reunião de acionistas em Omaha, Nebraska Brendan McDermid/Reuters

Warren Buffett, investidor mais famoso do mundo, anuncia sua aposentadoria

'Oráculo de Omaha' fará sucessão no império Berkshire Hathaway, que tem participação em empresas que vão da Coca-Cola à Apple

SÃO PAULO Warren Buffett, 94, o investidor mais famoso e influente do mundo, anunciou neste sábado (3) que planeja deixar o comando do conglomerado Berkshire Hathaway, gigante financeiro que ele construiu ao longo de seis décadas e que vale US$ 1,1 trilhão.

O "Oráculo de Omaha" disse que proporá que Greg Abel assuma como CEO da Berkshire.

O anúncio foi feito na 60ª reunião anual que o investidor promove em Omaha, Nebraska, onde também criticou a política tarifária do presidente Donald Trump.

"Chegou o momento em que Greg deve se tornar o CEO da empresa no final do ano e quero apresentar isso aos diretores e obter essa recomendação", disse.

Abel, 62, a quem o megainvestidor já havia indicado como eventual sucessor, é vice-presidente das operações não relacionadas a seguros da Berkshire. Buffett disse que não havia avisado a ele ou aos outros diretores da Berkshire com antecedência. Segundo ele, apenas os dois filhos sabiam da sua intenção.

Dezenas de milhares de investidores e entusiastas foram ao encontro. Pela primeira vez, Buffet teceu críticas às tarifas de Trump, mesmo sem citá-lo. Ele classificou a política como um erro e disse que o comércio não deve ser usado como arma. "Não há dúvida de que o comércio pode ser um ato de guerra. Acho que isso levou a coisas ruins", disse.

Antes de o megainvestidor falar, a Berskhire Hathaway divulgou o balanço da empresa em que reconhece que as tarifas impostas por Trump são prejudiciais aos negócios e reforçou a imprevisibilidade gerada pela política.

A Berkshire é um dos maiores conglomerados do mundo, administrando um portfólio de quase 200 empresas. As maiores participações são em American Express, Apple, Bank of America, Coca-Cola e Chevron Buffett. Quando o lendário investidor assumiu o controle, em 1965, era uma fabricante têxtil de médio porte.

Buffett acrescentou que "ainda ficaria por perto e poderia eventualmente ser útil em alguns casos", mas que o comando deveria passar completamente para Abel.

A multidão de dezenas de milhares de acionistas que haviam chegado a Omaha para o evento irrompeu em um minuto de aplausos de pé após o anúncio.

"Isso é absolutamente monumental", disse Christopher Rossbach, diretor de investimentos da J Stern & Co, acionista de longa data da Berkshire, entre lágrimas ao deixar a arena.

"A Berkshire Hathaway é um negócio incrível e uma conquista incrível. Representa tudo o que há de melhor no capitalismo e empreendedorismo americano."

Buffett está se afastando em um momento de alta. As ações "A" da Berkshire —a classe detida pelo próprio Buffett e muitos de seus primeiros investidores— fecharam na sexta (2) em um recorde de US$ 809.808,50, um preço que refletia não apenas seu sucesso de investimento a longo prazo mas também o dinheiro que flui dos negócios operacionais da Berkshire.

As ações subiram 20% desde o início do ano, enquanto o índice S&P 500 caiu 3%.

Buffett tranquilizou os acionistas de que manteria suas ações. "Não tenho intenção de vender uma ação sequer da Berkshire Hathaway. Vou doá-las gradualmente."

A Berkshire obtém grande parte de seu dinheiro do vasto negócio de seguros, que inclui empresas como a Geico, além de uma infinidade de outras firmas, desde fabricação aeroespacial até ferrovias e lojas de chocolate. O negócio têxtil foi encerrado em 1985.

Embora esteja entre os mais ricos do país, com um patrimônio líquido de cerca de US$ 168 bilhões, segundo a Forbes, Buffett manteve uma aura simples, atraindo acionistas anualmente para Omaha para um fim de semana de festividades. Ele ainda recebe apenas um salário nominal de US$ 100 mil, como tem feito por mais de 40 anos.

"Essa é a notícia do dia", disse Buffett com uma risada.

Colaborou Julia Chaib, de Nova York, com Financial Times e The New York Times

Leia mais nas págs. A23 e A24

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Cancido Bracher **SEG.** Marcos de Vasconcellos, **Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** TER. Michael França / Cecília Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SAB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Müller Machado



Pelúcias de Warren Buffett e Charlie Munger, seu braço direito que morreu em 2023 Brendan McDermid/Reuters

Posto de investidor mais influente do mundo deve seguir vago por anos

Análise

Greg Abel até pode garantir no futuro o sucesso da Berkshire Berkshire e ganhar a confiança dos acionistas, mas não há sucessor para Warren Buffett

João Sandrini
CEO da Faculdade HUB, levou um grupo de 80 investidores brasileiros para a reunião da Berkshire Hathaway

OMAHA Warren Buffett anunciou que vai deixar em dezembro o cargo de CEO da Berkshire Hathaway da forma como sempre gostou de fazer: falando diretamente com os mais de 40 mil acionistas que compareceram à 60ª conferência anual da empresa, em Omaha, no Nebraska (EUA).

A escolha de Greg Abel como sucessor não é nenhuma surpresa —o vice-presidente da Berkshire havia anos já vinha sendo preparado para substituir Buffett.

O que quase ninguém sabia é que Buffett anunciaria isso neste sábado (3). Segundo ele, só dois filhos foram avisados previamente —nem mesmo Abel havia sido informado.

Buffett nunca gostou de fazer anúncios sobre sua empresa falando primeiro com analistas de Wall Street ou com a mídia. A Berkshire Hathaway sempre divulgou só as informações que era obrigada a publicar em relatórios oficiais, seguindo a legislação para empresas abertas americanas.

Quando um analista de Wall Street liga para a Berkshire e pede mais informações sobre qualquer assunto, só há duas respostas possíveis: 1) tudo que podemos divulgar sobre isso já está em determinada página de nosso balanço; ou 2) compareça à nossa reunião anual de acionistas e tente fazer essa pergunta em público.

A decisão foi cercada de cuidados. O bilionário sabe que o tema da sucessão é um tabu no mercado, sendo visto como o principal ponto de preocupação de seus acionistas. Buffett tem 94 anos, e seu antigo braço direito, Charlie Munger, morreu há cerca de um ano e meio.

O sucesso da dupla é retumbante: as ações da Berkshire se valorizaram cerca de 20% ao ano nas últimas seis décadas, ou quase o dobro do S&P. Todo acionista um dia já se perguntou: "A Berkshire continuará a ter o mesmo sucesso sem Buffett e Munger?".

O bilionário tentou passar confiança aos acionistas afirmando que não vai vender nenhuma ação após a troca de comando.

A decisão reduz a pressão que poderia recair sobre os ombros de Abel caso Buffett só decidisse deixar o comando da empresa quando morresse. Nesse cenário, a notícia provavelmente geraria incertezas e levaria a uma queda acentuada das ações nos primeiros pregões após a morte.

Buffett preferiu ter a chance de tentar transferir sua autoridade ao escolhido, afirmando que Greg Abel passará a ser o responsável final por todas as grandes decisões da empresa. Nas palavras dele, agora Abel será o dono dos maiores "tíquetes", pelo "bem da própria companhia".

Abel certamente é um excelente executivo, mas não tem o mesmo carisma e capacidade de comunicação de Buffett. Por outro lado, é mais acessível. No dia anterior à reunião de acionistas, ele circulou pela feira das empresas da Berkshire e tirou centenas de fotos com o público.

Buffett também fazia isso no passado, mas, com dificuldades de locomoção, neste ano visitou a feira da sexta-feira apenas antes da abertura ao público, cumprimentando funcionários.

O público recebeu a decisão de Buffett de forma emotiva. O bilionário foi aplaudido de pé por mais de dois minutos. Quando finalmente conseguiu retomar a palavra, brincou perguntando se as pessoas estavam agradecendo o trabalho dele ou felizes porque ele iria embora: "Esse entusiasmo pode ser interpretado de duas formas. Mas eu levo como elogio", disse, arrancando gargalhadas.

Entre os que estavam na plateia para aplaudir Buffett, havia gente como Bill Gates, Tim Cook, Hillary Clinton e Bill Ackman. O parceiro de negócios Jorge Paulo Lemann também estava em Omaha, assim como muitos gestores de fundos da Faria Lima.

Buffett já foi o homem mais rico do mundo e ainda seria se não tivesse doado mais da metade de suas ações da Berkshire para entidades filantrópicas. Seu legado, no entanto, vai muito além do dinheiro que acumulou.

O bilionário foi responsável por popularizar o Value Investing —técnica de investimentos que prega haver grandes distorções no mercado que permitem que você compre ações por um preço muito abaixo do valor justo. "Preço é o que você paga, e valor é o que você leva", costuma dizer.

Tanto em Wall Street quanto na Faria Lima, todo o mundo para para ouvir Buffett. Abel até pode garantir o sucesso das operações da Berkshire no futuro e ganhar a confiança dos acionistas, mas o trono de "rei do Value Investing" talvez siga vago por muitos anos.

'A Vingança de Tocqueville'

Em livro, Giambiagi apresenta avanços de 40 anos, com uma conclusão melancólica

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV), é doutor em economia pela USP

Fabio Giambiagi publicou no final do ano passado o livro "A Vingança de Tocqueville". Trata-se de uma história da economia e da economia política brasileira desde a redemocratização. Após 40 anos, é bem difícil culparmos o imperialismo ou o capitalismo pelos nossos problemas.

O livro se inicia argumentando que não é possível continuarmos sequestrados pela estratégia de substituição de importações e pela ideia de desenvolvimento para dentro. Se ela funcionou em algum momento, foi em circunstâncias muito diversas. Não funciona mais.

Fabio apresenta todos os avanços que tivemos nas últimas quatro décadas. Houve o esforço da estabilização com o Plano Real e a superação da restrição externa, com a forte acumulação de reservas nos dois primeiros mandatos do presidente Lula. Tivemos também algum avanço na área social.

Não conseguimos construir um equilíbrio macroeconômico com juros civilizados sem pressão inflacionária permanente. Tudo sugere que Lula não conseguirá avançar na queda dos juros reais no seu terceiro mandato. Será tarefa para o próximo governo, seja o quarto mandato de Lula, seja da oposição ao atual governo.

Uma dificuldade de nossa economia política é o forte "curto-prazismo" induzido por ela. Nos últimos 40 anos, tivemos muito pouco tempo para discutirmos a baixa taxa de crescimento da produtividade.

Não conseguimos construir um equilíbrio macroeconômico com juros civilizados sem pressão inflacionária permanente. Tudo sugere que Lula não conseguirá avançar na queda dos juros reais no seu 3º mandato

Fabio, um especialista em contas públicas, documenta que, por um lado, houve forte aumento da carga tributária, e, por outro, que o aumento não foi para financiar a máquina pública. Não houve grandes aumentos do gasto com funcionalismo público. O grande aumento de carga tributária foi integralmente para financiar as diversas rubricas do gasto social.

O livro se beneficia da erudição de Fabio. Um compilador quase compulsivo de citações e de casos da política. Com verve e propriedade, ele consegue assentar sua descrição de nossa história econômica em inúmeros episódios da política e da literatura recente.

Aparece no livro um ponto de vista de Fabio menos conhecido. Ele nasceu no Brasil, de pais argentinos que estavam de passagem por aqui. Viveu na Argentina até a adolescência, quando a família emigrou para cá, nos anos 1970, fugindo da ditadura argentina. Fabio consegue olhar para o Brasil como estrangeiro e como brasileiro. O contraponto com nosso vizinho ao sul é permanente.

O livro repassa a disputa entre tucanos e petistas. O saldo do período em que os partidos se alternaram no poder é moderadamente positivo e deveria servir de ponto de partida para ganhos futuros. Uma oportunidade foi perdida, diz Fabio, com o terceiro mandato de Lula. Um governo que poderia expressar uma frente ampla acabou, na economia, expressando a hegemonia petista. Como documentado no quinto capítulo, o déficit público, após grande elevação em 2015, se reduz até 2022, quando volta a se elevar.

A conclusão no último capítulo, que tem o mesmo título do livro, é melancólica. Um país que não anda, amarrado em um equilíbrio ruim com juros elevados e pressão inflacionária permanente, que só toca o curto prazo e no qual a demografia piora rapidamente. A agenda social puramente compensatória, em que o país é incapaz de pensar o longo prazo, nos deixa amarrado na armadilha da renda média com a possibilidade de crises fiscais recorrentes. Será que a próxima será na virada de 2026 para 2027?

Sucessor manterá filosofia de Buffett, diz analista

Greg Abel já vinha supervisionando a Berkshire Hathaway ao lado do investidor mais famoso do mundo

Maeli Prado

SÃO PAULO O mercado pode até especular com a saída de Warren Buffett do comando da Berkshire Hathaway no final do ano, mas é pouco provável que a aposentadoria do oráculo de Omaha mude a forma do conglomerado de mais de US$ 1 trilhão fazer negócios.

A avaliação é de William Castro Alves, estrategista-chefe da corretora Avenue, sediada em Miami, que afirma que o sucessor indicado por Buffett, o diretor de operações Greg Abel, já vinha supervisionando a Berkshire ao lado do investidor mais famoso do mundo.

Fã de Buffett, ele estava neste sábado (2) na feira anual da empresa, conhecida como "Woodstock dos Capitalistas", onde o megainvestidor anunciou seu afastamento.

"O Greg Abel bebeu muito na fonte da forma de pensar os investimentos do Buffett e deixou claro que vai se manter fiel à filosofia da Berkshire, que foi traçada por décadas", afirma. "É claro que você pode treinar com o Pelé todo dia, e que isso não te fará o Pelé. Mas você aprende bastante."



Greg Abel (dir.), anunciado por Warren Buffett como seu sucessor, posa com acionista da empresa em Omaha, no Nebraska Brendan McDermid/Reuters

Ao longo de 60 anos, a Berkshire Hathway foi transformada por Buffett de uma companhia têxtil falida em uma gigante dona de 189 empresas, com negócios em todos os setores da economia americana.

É formada por diferentes divisões: uma operação de seguros, outra de energia e indústria (com ferrovias, empresas de linhas de transmissão, geração de energia e petróleo), empresas fechadas e ativos listados em Bolsa.

"A filosofia da Berkshire é aplicar em empresas em patamar atrativo de valuation [processo para determinar o valor justo de uma ação] que estão em segmentos mais maduros. São modelos de negócio já testados, que todo o mundo entende, e que ao mesmo tempo possuem vantagens competitivas que as protegem", afirma Alves.

A Berkshire concentra seus investimentos em ações de relativamente poucas empresas. Dados do balanço mais recente da empresa, de 31 de março deste ano, mostram que as cinco maiores participações da Berkshire representam 69% do valor total das ações. Na lista, estão a American Express, Apple, o Bank of America, a Coca-Cola e a Chevron.

"O Buffett prova a ideia do investimento de longo prazo e apresenta uma taxa de retorno que é o dobro da média do S&P 500 [índice americano de ações]. Outros investidores até conseguiram mais, mas não por tanto tempo", diz Alves.

Apesar de ser a quinta pessoa mais rica do mundo, com uma fortuna estimada em cerca de US$ 168 bilhões, Buffett mantém hábitos frugais e mora na mesma casa de cinco quartos em Omaha desde 1958.



Por dentro da Berkshire Hathaway

Valor de mercado
US$ 1,1 trilhão

Sede
Omaha (Nebraska)

Atuação
Dona de 189 empresas, é dividida em operações de seguros, energia e indústria, participação em empresas fechadas e ativos listados em Bolsa

Principais ações
American Express, Apple, Bank of America, Coca-Cola e Chevron

Fora dos denunciados, Sicupira foi citado por delator da Americanas

Joana Cunha e Diego Felix

SÃO PAULO Em delação ao MPF (Ministério Público Federal), o ex-diretor financeiro da Americanas Fabio Abrate citou o nome do bilionário Beto Sicupira, um dos principais acionistas da companhia, apontando sua dinâmica de comunicação com o ex-CEO Miguel Gutierrez, denunciado pelo órgão como um dos responsáveis pela fraude na varejista.

Em depoimento prestado por Abrate em novembro de 2024, o procurador Paulo Sergio Ferreira Filho lhe perguntou como era a hierarquia do comando da fraude e como ele a escalonaria.

Em resposta, Abrate cita os nomes de Miguel Gutierrez e Anna Saicali. Em seguida, os define como "praticamente a mesma pessoa" e completa que tudo o que Gutierrez sabia também era conhecido por Saicali. A executiva ocupou cargos de direção na companhia até 2023 e, assim como Gutierrez, foi denunciada pelo MPF no caso Americanas.

"Quando a Anna chegava, o Miguel já tinha vindo. Quando o Miguel ia, ela já voltou. Eles se falavam 100% do tempo sobre tudo. E vamos falar mais à frente. Assim era a dinâmica de Miguel com Beto [Sicupira]. De Miguel com [Eduardo] Saggioro", disse Abrate.

Sicupira é um dos bilionários que formam o grupo dos maiores acionistas da Americanas, ao lado de Jorge Paulo Lemann e Marcel Telles. Saggioro é sócio da LTS, empresa que reúne investimentos do trio. Ele assumiu a presidência do conselho de administração da Americanas em 2020, quando Sicupira deixou o cargo para permanecer como conselheiro até 2024.

"Tudo o cara de baixo comunica para o cara de cima. Isso vem do estagiário. Ninguém era autônomo. Por mais poder que você tivesse, eu, o Fábio, não tomava nenhuma decisão sozinho. Zilhões de emails, zilhões de WhatsApp, perguntando, questionando, 'vou por esse caminho? Vou por outro caminho? Chegou isso aqui, posso responder aquilo lá?' Eu fazia isso para cima, Anna fazia isso para cima, Miguel fazia isso para cima", disse Abrate.

A assessoria de Sicupira e Saggioro afirmou, em nota, que Abrate é categórico ao indicar Miguel Gutierrez como o comandante do esquema. "Supor que conselheiros soubessem dos crimes atribuídos aos ex-diretores apenas porque se comunicavam intensamente com eles sobre as demais questões da companhia é uma ilação infundada e sem sentido", afirma o comunicado.

A citação de Sicupira e Saggioro por Abrate não interferiu nas conclusões do MPF sobre o caso na primeira denúncia, que foi concluída no fim de março. O órgão apresentou denúncia contra 13 ex-executivos e ex-funcionários da Americanas, dizendo que o conselho de administração foi ludibriado por eles, e que os acionistas de referência foram levados a suportar um prejuízo de R$ 12 bilhões. Sicupira e os outros membros do conselho não estão entre os denunciados. O MPF ainda investiga o caso.

No documento da denúncia elaborado pelo MPF, o nome de Sicupira é mencionado nas transcrições das falas de Abrate em três momentos: dois quando o delator relata o preparo de uma apresentação que seria feita ao "Beto" sobre o legado de Gutierrez, além da menção na resposta à pergunta sobre a hierarquia do comando da fraude.

A **Folha** teve acesso a trechos da delação de Abrate, que citam o nome do empresário em outros momentos. Em um deles, quando Abrate diz que Miguel Gutierrez e Anna Saicali "sabiam de tudo" na empresa, o advogado do delator, Nilo Batista, lhe pergunta: "Alguma outra pessoa aqui que você acha que também sabia tudo do que o Miguel e o que Anna sabiam?". Abrate responde: "Beto".

Em nota, a assessoria de Sicupira e Saggioro afirma que eles não têm acesso à íntegra das delações, que estão ainda sob segredo de Justiça.

"De qualquer modo, supostos 'achismos' levianos de delatores não contradizem as provas e as conclusões das diversas investigações realizadas sobre o caso, que apontam a antiga diretoria como a cúpula da fraude", diz o comunicado.



Supor que conselheiros soubessem dos crimes atribuídos aos ex-diretores apenas porque se comunicavam intensamente com eles sobre as demais questões da companhia é uma ilação infundada

assessoria de Beto Sicupira e Eduardo Saggioro
em nota à Folha

GUARIGLIA
LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUINTA-FEIRA - 08/05/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 220 VEÍCULOS
PRESENCIAL E ONLINE
VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS
VISITAÇÃO: 07/05/2025, das 12 às 17h e 08/05/2025, das 07 às 09h | Rod. Pres. Dutra - Km 132 - Sentido SP/RJ - CAÇAPAVA/SP

•MODELOS: MERCEDES-BENZ/ACTROS 2651S 6X4 2021/2022 - LIBRELATO/SEMI REBOQUE 2022/2022 - FACCHINI/SEMI REBOQUE SRF 2C8 2023/2023 - VOLKSWAGEN/9.170 DRC 4X2 2022/2023 - MARCOPOLO/VOLARE W9C ON 2017/2018 - FIAT/TORO FREEDOM AT 2017/2018 - LAND ROVER/LR DISC SPT SI4 HSEL7L 2015/2015 - JEEP/COMPASS NIGHT EGL F 2018/2018 - RENAULT/CAPTUR 16 BUSE 2020/2021 - FORD/RANGER XLSCD4A22C 2017/2018 - HYUNDAI/SANTA FE V6 2014/2015 - FIAT/ARGO 1.0 2018/2018 - RENAULT/KWID ZEN 10MT 2019/2020 - FIAT/PALIO WEEKEND ADVENTURE 2019/2020 - FIAT/STRADA WK CC E 2019/2020 - JEEP/RENEGADE SPORT MT 2015/2016 - HYUNDAI/CRETA 20A ULTIMTE 2021/2022 - HYUNDAI/IX35 GL 2017/2018 - MERCEDES-BENZ/416CDISPRINTERF 2020/2021 - CHEVROLET/ONIX PLUS JOY BLACK 2020/2020 - LIFAN/X60 CVT VIP 2017/2018 - SUZUKI/GSX-R 1300 2018/2019 - KAWASAKI/NINJA 300 2016/2017 - HONDA/XRE 300 SAHARA ADV 2024/2024 - YAMAHA/MT-07 ABS 2023/2024 - HONDA/CG 160 FAN 2024/2024 - HYUNDAI/HB20 10M COMFORT 2022/2023 - CHEVROLET/S10 ADV FD2 2017/2017. | LOTES DE MÓDULOS FOTOVOLTAICOS / MATERIAIS / EQUIPAMENTOS.

CONSULTE RELAÇÃO COMPLETA DE VEÍCULOS NO SITE. CONDIÇÕES DE VENDA E PAGAMENTO CONSTARÃO NO CATÁLOGO PRÓPRIO. VISITE NOSSO SITE: www.GUARIGLIALEILOES.com.br
ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415 /GUARIGLIALEILOES Informações: (12) 3654-1000
bradesco Santander BANCO PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

CATL anuncia sistema que carrega bateria em cinco minutos e rende 520 km

Modelo supera equipamento ultrarrápido da BYD, que oferece 470 km de autonomia com o mesmo tempo de carga

LONDRES E XANGAI | FINANCIAL TIMES A fabricante de baterias CATL criou equipamentos que têm um carregamento mais rápido que os da rival BYD, colocando os dois grupos chineses à frente dos concorrentes na corrida para superar um grande desafio dos veículos elétricos.

A empresa afirmou que uma nova versão de sua célula de bateria principal Shenxing poderia oferecer uma autonomia de 520 km com apenas cinco minutos de tempo de carregamento.

Em março, a BYD surpreendera o setor ao revelar um sistema de carregamento que poderia oferecer cerca de 470 km de autonomia com o mesmo tempo.

As afirmações dos grupos chineses de baterias os colocariam à frente dos principais rivais ocidentais. Os veículos Tesla podem ser carregados para obter até 200 milhas (321 km) de autonomia adicional em 15 minutos, enquanto a alemã Mercedes-Benz lançou recentemente seu sedã compacto totalmente elétrico CLA, que pode ser carregado para até 325 km em 10 minutos.

Analistas afirmaram que a implantação de sistemas de carregamento de alta velocidade da BYD e CATL ajudará a acabar com os temores dos consumidores sobre a autonomia dos veículos elétricos, embora ainda haja dúvidas sobre a rapidez com que as empresas podem levar essas tecnologias para fora da China em meio às tensões geopolíticas.

A segunda geração da bateria Shenxing, que tem autonomia de 800 km com uma única carga, pode atingir uma velocidade máxima de carregamento de 2,5 km por segundo.

"Esperamos colaborar com mais líderes do setor para ultrapassar os limites do supercarregamento através dessa verdadeira inovação", afirmou o diretor de tecnologia da CATL, Gao Huan, acrescentando que queria que as novas baterias se tornassem "o padrão para veículos elétricos".

A CATL produz um terço das baterias de carros elétricos do mundo e fornece para 16 das maiores montadoras do mundo, incluindo a General Motors e a fábrica da Tesla em Xangai.

Analistas dizem que as velocidades de carregamento mais que dobraram no último ano.

Outros tempos de carga e autonomia

TESLA
- 321 km em 15 minutos

CLA (MERCEDES)
- 325 km em 10 minutos

AVISO DE LICITAÇÃO Nº 00655792602025
UASG 380218 – CENTRO DE DETENÇÃO PROVISÓRIA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA

Modalidade: Pregão Eletrônico 90005/2025 **Nº Processo:** 030.00123753/2025-90 **Objeto:** Aquisição de material de higiene, limpeza e descartáveis **Total de Itens Licitados:** 18 (dezoito) **Valor total da licitação:** Sigiloso **Disponibilidade do edital:** 02/05/2025 **Horário:** das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 16h30 Endereço: Estrada Municipal Ubirajara de Oliveira Pinto, nº 800, Putim, São José dos Campos, CEP: 12228-902; e **Link do PNCP:** <<https://pncp.gov.br/app/editais/96291141000180/2025/1811>> **Entrega das Propostas:** a partir de 02/05/2025 às 08h00 no site: www.gov.br/compras. **Abertura das Propostas:** 15/05/2025 às 09h00 no site: www.gov.br/compras. **Fonte:** DOESP e PNCP

MARCELLO LEMOS LEILOEIRO OFICIAL | LEILÃO Presencial e Online c/ Transmissão Ao Vivo | CPTM

LEILÃO DE DORMENTE DE MADEIRA, POSTE DE CONCRETO, SUCATA DE AÇO E FERROSA, TRILHO FERROVIÁRIO USADO, VEÍCULO FERROVIÁRIO DESATIVADO, ÓLEO UTILIZADO E OUTROS MATERIAIS DIVERSOS

Início do Encerramento:
09 de maio de 2025 às 10h00m
Online c/ Transmissão Ao Vivo: www.MarcelloLemosLeiloeiro.com.br

Modalidade Presencial: Auditório - **Endereço:** Rua José Paulino nº 7, Bom Retiro, São Paulo/SP, CEP 01120-001

* Maiores informações sobre visitação e edital completo no site do leiloeiro.
Leiloeiro Oficial - Marcello Lemos da Cruz - JUCESP 983
Tel. (11) 4040-8060 | www.MarcelloLemosLeiloeiro.com.br

FRAZÃO LEILÕES — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — Itaú

megaleilões — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

megaleilões — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — megaleilões

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA
COMUNICADO Nº 82/2025
SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:
TÉCNICO DE ENFERMAGEM PARA O CENTRO DE REFERÊNCIA DA SAÚDE DA MULHER DE RIBEIRÃO PRETO (CRSMRP-MATER), NAS ÁREAS DE GINECOLOGIA, OBSTETRÍCIA E NEONATOLOGIA
(01 VAGA)
PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 05/05/2025 às 14h do dia 07/05/2025
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**
REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO
a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Médio**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;
c) Possuir Certificado de Conclusão do Curso de **Técnico de Enfermagem**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.
Taxa: R$ 45,00 (quarenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 36h/semanais.
Salário: **R$ 3.112,72**
(três mil, cento e doze reais e setenta e dois centavos)
Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA
COMUNICADO Nº 83/2025
SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:
MÉDICO NA ÁREA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA PARA O CENTRO DE REFERÊNCIA DA SAÚDE DA MULHER DE RIBEIRÃO PRETO (CRSMRP-MATER)
(01 VAGA)
PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 05/05/2025 às 14h do dia 16/05/2025
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**
REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO
a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Medicina**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Ginecologia e Obstetrícia** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Ginecologia e Obstetrícia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Registro de Qualificação de Especialista (RQE) ativo;
e) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.
Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.600,29**
(nove mil e seiscentos reais e vinte e nove centavos)
Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL
CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE: **WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR**
Central de informações: (11) 3117.1000
Acesse nossas mídias sociais: YOUTUBE.COM/FREITASLEILOEIRO | INSTAGRAM.COM/FREITASLEILOEIRO | FACEBOOK.COM/FREITASLEILOEIRO

ATENÇÃO: PARA COMPRA EM LEILÃO O ARREMATANTE PRECISA ESTAR EM REGULARIDADE FISCAL PERANTE A RECEITA FEDERAL

160 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	350 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	350 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 06.05.2025 - 3ª FEIRA - 10h00	Dia: 07.05.2025 - 4ª FEIRA - 10h00	Dia: 09.05.2025 - 6ª FEIRA - 10h00
AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2, UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP	AV. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, 1360, SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP	AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2, UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP
VISITAÇÃO: 06.05.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 07.05.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 09.05.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

Porto | Itaú | bradesco | Safra | omni | azul | BV | BANCO PAN | Allianz | Banco Daycoval | creditas | Votorantim | ITAPEVA | Santander | Mitsui Sumitomo Seguros | TOKIO MARINE SEGURADORA | ALFA

Dia 15/05/2025 - 5ª feira | 14h00 | SOMENTE ON-LINE	Dia 15/05/2025 - 5ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE	Dia 19/05/2025 - 2ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE
EQUIPS & ACESSÓRIOS - JARDINAGEM	EQUIPS & ACESSÓRIOS OPERACIONAIS	EQUIPS COZINHA INDUSTRIAL

VISITAÇÃO: VERIFICAR INFORMAÇÕES NO SITE
SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 316
DEMAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES: www.FREITASLEILOEIRO.com.br

O dilema dos bancos centrais após as tarifas

Autoridades monetárias enfrentam desafio histórico, sem registro em mais de meio século

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

Estamos testemunhando uma transformação no comércio internacional, na geopolítica e na tecnologia. A expressão "mudança de regime" tem sido muito frequente nos últimos dias. A crença predominante é que estamos diante de uma ruptura nas relações produtivas e políticas que reconfigurarão a economia global nos próximos anos.

A ausência de clareza nunca foi tão alta. O Índice de Incerteza da Política Econômica nos EUA, medido por Baker, Bloom & Davis, atingiu seu ponto mais alto desde 1985, superando em quase 100% o recorde anterior, da pandemia da Covid-19. Esse cenário de imprevisibilidade contaminou o mundo, elevando o Índice Global de Incerteza da Política Econômica de volta ao pico observado na crise sanitária.



Amarildo

Anualmente, na primavera do hemisfério Norte, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial realizam reuniões em Washington (EUA), para discutir a economia global e seus impactos regionais. Paralelamente, ocorrem encontros com gestores públicos, como ministros da Fazenda, secretários do Tesouro e diretores de bancos centrais. Neste ano, a mudança de gestão nos EUA, com a política tarifária do governo, foi o tema central.

O "tarifaço" de Trump é inédito: 10% no geral; 25% em alguns setores; e medidas tarifárias recíprocas "individualizadas", elevadas em razão do tamanho do déficit comercial dos EUA com outros países. A China, com retaliação, enfrenta alíquotas superiores a 100%. As tarifas médias saíriam de cerca de 2,5%, no final do ano passado, para mais de 20%.

A maioria aposta em um cenário nos EUA de estagflação, quando há baixo crescimento com inflação elevada, devido ao choque de oferta causado pelo aumento das tarifas; e uma desaceleração mais acentuada na China, que enfrenta um choque de demanda.

Segundo o presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), Jerome Powell, a política de tarifas é algo nunca visto na história moderna, o que leva a interpretar que o Fed navega em águas desconhecidas. Com taxas de importação elevadas e alta incerteza, o risco é o de crescimento fraco, desemprego alto e inflação acelerada.

Recentemente, houve um descolamento entre expectativas de inflação, crescentes, e projeções de crescimento, que indicam desaceleração. Se a desaceleração for brusca, o Fed priorizará seu mandato em relação ao crescimento e poderá reduzir taxas de juros no segundo semestre. Ademais, analistas esperam uma política monetária mais cautelosa e reativa, o que poderá mudar o patamar da inflação nos EUA.

No Brasil, os membros do Copom têm sido cautelosos. Qual será o impacto das tarifas? Haverá recessão ou desaceleração suave? O choque de oferta afetará a inflação?

O Banco Central brasileiro está comprometido com a meta de inflação de 3%, ainda que em um horizonte mais longo. É possível esperar uma "desinflação oportunística" se a desaceleração global, especialmente na China, abrir capacidade ociosa na economia brasileira, ajudando a controlar a inflação por aqui.

Contudo, as medidas fiscais e parafiscais expansionistas anunciadas pelo governo desafiam o Banco Central. Com expectativas de inflação desancoradas e crescentes para o próximo ano, acreditamos que haverá mais uma alta da Selic na próxima semana, antes da pausa em junho. Se a desaceleração global e local se confirmar, o ciclo de corte de juros no Brasil poderá começar ainda neste ano, mais lentamente, considerando dois cortes nos EUA no segundo semestre.

Entretanto, os bancos centrais não podem resolver tudo. Trata-se de um ambiente no qual as instituições edificadas desde o pós-Segunda Guerra Mundial tornam-se mais frágeis.

Os bancos centrais terão de lidar com temas nunca tratados nos manuais de economia. A quebra de regime implica dizer que os incentivos econômicos não mais ditarão as relações comerciais entre as nações, e sim a estratégia de domínio de cadeias produtivas e de tecnologias estratégicas

Se a guerra comercial ganhar contornos mais suaves, com acordos bilaterais de comércio com Índia, Japão, China, União Europeia e Canadá e México (USMCA), as tarifas globais poderão ser mais altas que o padrão anterior, mas mais baixas que as anunciadas no "Liberation Day" —definição dada por Trump ao dia 2 de abril de 2025, quando anunciou as novas alíquotas tarifárias. Isso reduziria os impactos disruptivos nos mercados e na economia real. Caso contrário, as políticas econômicas globais precisarão se reposicionar rapidamente, devido a um possível forte rebalanceamento do fluxo de capitais entre as regiões do planeta.

Há uma quebra de confiança que levará países e regiões a buscar maior autonomia em energia, terras-raras, tecnologia (semicondutores), defesa militar e até em temas sanitários, como medicamentos e equipamentos hospitalares. Essa busca por autonomia tende a estar associada a conflitos geopolíticos.

As rupturas nas cadeias produtivas durante a pandemia deixaram um gosto amargo. Subsídios a setores estratégicos e tarifas irão reconfigurar as cadeias produtivas globais. A Europa já mudou sua abordagem, reforçada pelo estímulo fiscal trilionário anunciado pela Alemanha. A China irá endurecer sua postura comercial e militar e buscar refazer suas alianças, inclusive no Oriente Médio.

Os bancos centrais terão de lidar com temas nunca tratados nos manuais de economia. A quebra de regime tão comentada implica dizer que os incentivos econômicos não mais ditarão as relações comerciais entre as nações, e sim a estratégia de domínio de cadeias produtivas e de tecnologias estratégicas. Antever os possíveis impactos da inteligência artificial generativa sobre a produtividade global ainda se coloca como um desafio.

Em tempos tão incertos, a melhor reação para a política monetária passa por estratégia de reação transparente ao risco inflacionário, gradualismo e moderação.

BNDES e Finep dobram financiamento para inovação em 2024

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e a Finep (Financiadora de Estudos e Projetos) aprovaram R$ 29,6 bilhões para investimentos em inovação em 2024, segundo dados obtidos pela **Folha** no banco.

A quantia, diz o BNDES, é a maior de um recorte produzido com informações desde 2010, considerando valores sem ajuste pela inflação. Os R$ 29,6 bilhões são mais que o dobro do montante aprovado pelas duas instituições em 2023 (R$ 14,1 bilhões), o primeiro ano do governo Lula (PT). A alta foi de 110% nesse intervalo.

José Luis Gordon, diretor de desenvolvimento produtivo, inovação e comércio exterior do BNDES, afirma que a ampliação é reflexo da política industrial do governo, a NIB (Nova Indústria Brasil). "Há uma visão muito clara de apoio ao setor industrial inovador", diz em entrevista à **Folha**. Segundo ele, a aprovação de recursos mirou tanto grandes empresas quanto pequenos negócios. Dos R$ 29,6 bilhões aprovados em 2024, R$ 16 bilhões vieram da Finep, enquanto o banco respondeu por R$ 13,6 bilhões.

O BNDES diz que os financiamentos envolveram recursos reembolsáveis e não reembolsáveis, permitindo investimentos em diferentes projetos da indústria.

A instituição destacou a produção de vacinas, IFAs (ingredientes farmacêuticos ativos), máquinas e equipamentos agrícolas, motores elétricos e híbridos, biocombustíveis, inteligência artificial, semicondutores, bioinsumos e desenvolvimento de carro voador pela Eve, subsidiária da Embraer. "A grande maioria dos recursos é crédito reembolsável por meio do programa Mais Inovação, que é a TR, a Taxa Referencial, que flutua em torno de 2% ao ano, mais o spread do BNDES e da Finep", diz Gordon.

"São taxas bem atrativas e fundamentais para investir em inovação. Inovação tem risco. Tem incertezas. É preciso ter instrumentos diferenciados para apoiar a inovação, e principalmente a Finep tem recursos não reembolsáveis", acrescenta.

R$ 29,6 bi
foram aprovados para investimento em inovação pelo BNDES e pela Finep em 2024

R$ 16 bi
desse valor vieram da Finep

R$ 13,6 bi
foram disponibilizados pelo BNDES

Em nota, o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, afirma que o valor destinado a projetos considerados inovadores pelo banco e pela Finep em 2023 e 2024 (R$ 43,7 bilhões) supera o que as duas instituições investiram juntas de 2016 e 2022 (R$ 31,8 bilhões).

"Esses resultados comprovam que a indústria brasileira vive um novo momento, sob a diretriz do governo do presidente Lula, de neoindustrialização e de investimento em tecnologias disruptivas que vão qualificar os empregos no país e gerar renda para a população", afirma.

Lula e apoiadores defendem uma atuação fortalecida do BNDES como financiador de projetos em diferentes setores da economia, incluindo as fábricas.

Entre Trump e memes, conclave decide futuro do legado de Francisco

Cardeais se reúnem a partir desta quarta (7) para definir próximo papa sob necessidade de manter relevância da Igreja Católica

José Henrique Mariante

BERLIM Foi em 236, tipo de número que precisa de um "depois de Cristo" para ser entendido como ano. Uma pomba pousou na cabeça de um padre, que se chamava Fabiano. A cena inusitada fez os cardeais acharem que aquilo era um evidente sinal do Espírito Santo. Fabiano foi unanimemente eleito papa e governou a Igreja e os católicos por 14 anos.

Ser escolhido por uma pomba branca pode soar aleatório, mas o que dizer de tempos em que o presidente dos EUA publica sua imagem como pontífice em redes sociais às vésperas do conclave? A partir desta quarta-feira (7), 133 cardeais se trancam, sem celular, para escolher o sucessor de Francisco.

Entre Donald Trump, memes de churrasco na Capela Sistina e a demanda de uma Igreja palatável às novas gerações, um Colégio Cardinalício renovado decidirá o que será feito do legado do primeiro papa sul-americano, o primeiro que veio "do fim do mundo", como o próprio definiu.

Superada a geografia, o fim do mundo se tornou existencial. Depois da ameaça nuclear da Guerra Fria e da crise do clima, seu agente atual é a inteligência artificial. Francisco, por sinal, foi o primeiro protagonista planetário de uma imagem criada por IA.

Seu momento fashion de casacão branco parecia real não só pela perfeição da imagem sintética, mas pelo histórico do papa, de atos inusitados e inéditos, ainda que para muitos insuficientes. Um deles foi entender que a Igreja Católica cresce para as periferias e que o próximo papa pode sair de outro fim de mundo, se os cardeais concordarem. Cerca de 80% do atual colégio foi nomeado por Francisco, a maioria vinda de fora da Europa.

A delicada costura política de Francisco, dentro do catolicismo e fora dele, sugere a continuidade de seu trabalho de renovação, tanto que o favorito para o conclave é seu secretário de Estado, Pietro Parolin, 70.

O cardeal italiano cuida das relações internacionais do Vaticano desde o início do pontificado de Francisco, em 2013. Vai presidir o conclave por ser o cardeal-bispo de nomeação mais antiga e também pelo fato de os decanos do Colégio Cardinalício, Giovanni Battista Re, 91, e Leonardo Sandri, 81, terem superado a idade limite de 80 anos.

Seu trunfo seria o perfil ponderado. Ajudará se o próximo papa for um diplomata para lidar com um presidente americano cercado de católicos conservadores, como o vice J. D. Vance.

Qualquer que seja o escolhido, conservador ou reformista, seu parâmetro será Francisco, que fez a Igreja encarar suas muitas questões, como os escândalos financeiros do Vaticano, os casos de abuso sexual, o celibato, a ordenação de mulheres e o casamento homossexual.

Como discutido na congregação geral de cardeais deste sábado (3), de acordo com relato do Vaticano: "Surgiu a consciência do risco de a Igreja se tornar autorreferencial e perder sua relevância se não viver no mundo e com o mundo". Ou no fim do mundo, seja onde for.



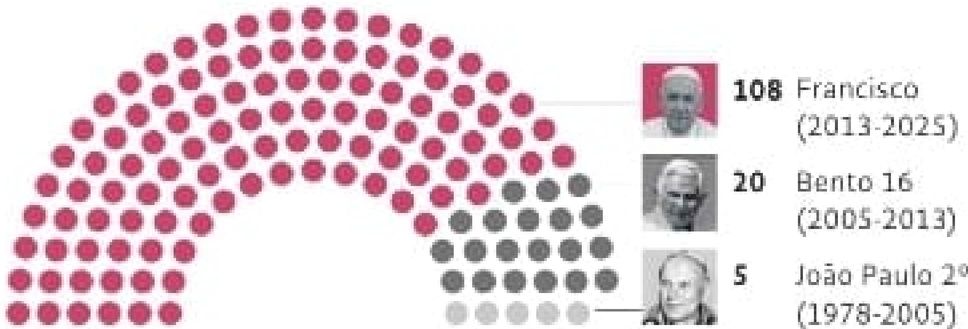
Em rede social, Trump publica imagem gerada por IA em que aparece como papa; montagem gerou críticas de católicos Donald Trump no Instagram

Por dentro do Colégio Cardinalício

Francisco indicou maioria dos cardeais que vão escolher novo papa

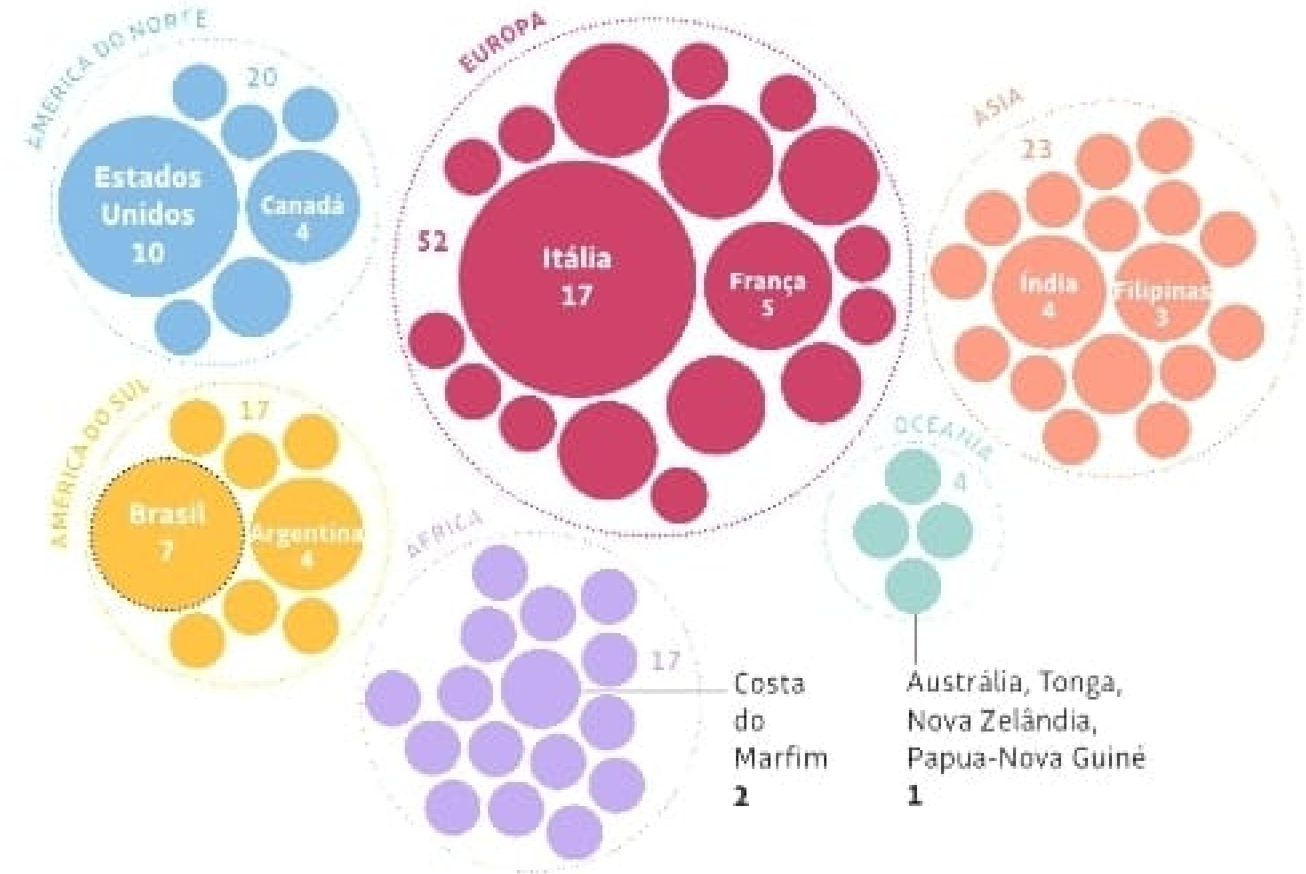
Composição do Colégio, por número de indicados

Cardeais com menos de 80 anos podem participar do conclave; pontífice é eleito ao obter 2/3 dos 133 votos*



Europa é a região com mais representantes; Brasil é o terceiro país com mais votantes

Número de cardeais de acordo com a região e país em que atua



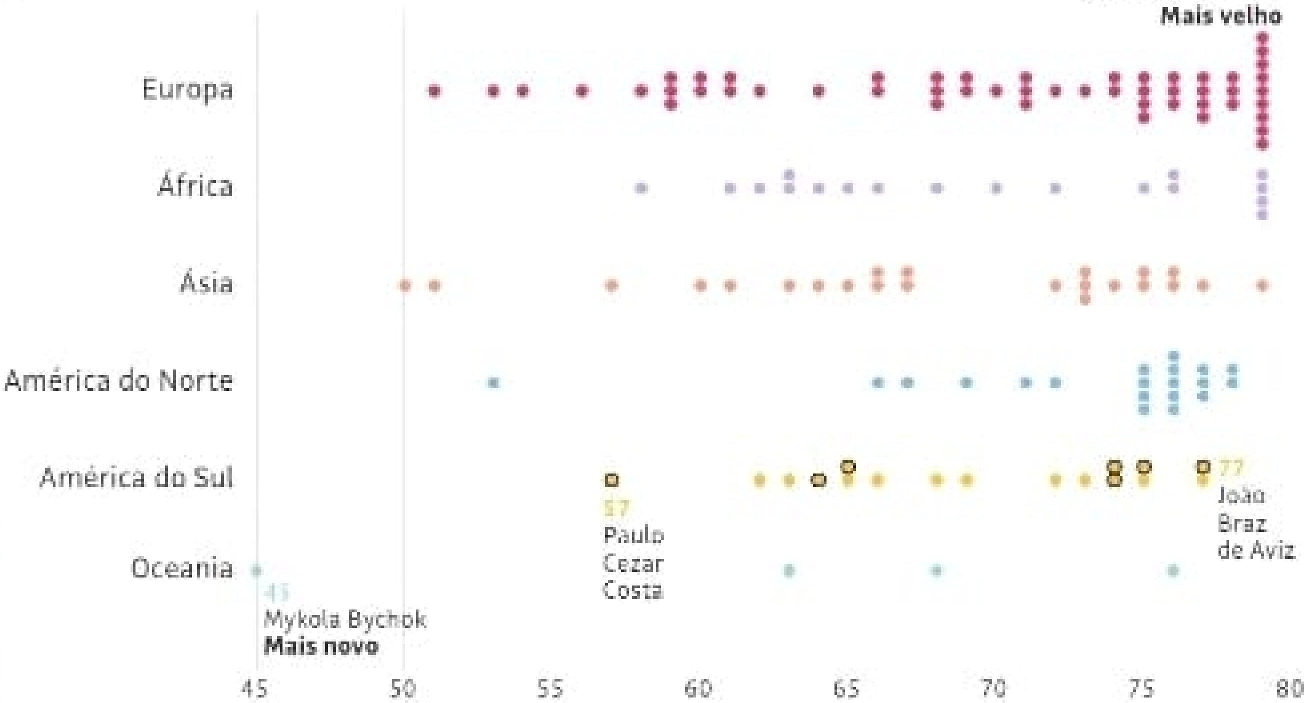
Local de nascimento dos votantes

Cardeais brasileiros e cidades onde nasceram



A idade média dos cardeais é 69,8 anos

Número de cardeais, por idade e região



*135 cardeais podem votar, mas dois se ausentarão por motivos de saúde; um terceiro, o bósnio Vinko Puljić, também está enfermo, mas diz que tentará participar

Fonte: The College of Cardinals Report

Diplomata e favorito a próximo pontífice, Parolin é moderado e aberto a reformas

Secretário de Estado dedicou carreira às relações externas do Vaticano; ambiguidade e inexperiência pastoral são pontos fracos

Victor Lacombe

SÃO PAULO Na corrida de especulações sobre quem deve ser o próximo papa, alguns vaticanistas acreditam que, após um pontificado mais conservador como o de Bento 16 e mais progressista como o de Francisco, a Igreja Católica busque um nome moderado, que represente continuidade.

Se a suposição se confirmar, é provável que o próximo líder do Vaticano seja o atual secretário de Estado da Santa Sé, o italiano Pietro Parolin —um diplomata conhecido por não se comprometer com as posições mais polêmicas da Igreja hoje, mas aberto a continuar o caminho de reformas iniciado por Francisco.

Graças à sua posição na hierarquia da Santa Sé —o cargo de secretário de Estado, que Parolin ocupa há mais de dez anos, o torna a pessoa mais importante no Vaticano, atrás apenas do papa— e à sua cooperação com Francisco, o cardeal é visto como o sucessor natural de Bergoglio. No círculo de apostas, ele tem aparecido no topo. Por uma regra interna do Vaticano, comandará o conclave que pode elegê-lo.

Mas o nome de Parolin, 70, não é unanimidade. Além de ser visto por conservadores e progressistas com desconfiança por suas falas ambíguas sobre a aceitação a casais LGBTQIA+, divorciados e o futuro do celibato, seus críticos apontam o fato de que o cardeal não tem experiência pastoral —isto é, nunca chefiou uma paróquia ou trabalhou em contato direto com fiéis.

Com efeito, o caminho de Parolin até atingir a alta hierarquia da Igreja mais se assemelha ao de um servidor público de carreira do que de um religioso. Nascido em 1955 na região de Veneza, filho de um comerciante e uma professora, tornou-se padre em 1980. Em seguida, formou-se em direito canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e estudou na Pontifícia Academia Eclesiástica, a escola de diplomatas do Vaticano, equivalente ao Instituto Rio Branco.

Entrou para o serviço diplomático da Santa Sé em 1986, tendo trabalhando nas nunciaturas (as embaixadas do Vaticano) da Nigéria e do México, onde normalizou as relações entre Igreja e governo mexicano.

Depois, tornou-se subsecretário de Estado, posto que ocupou até 2009, quando Bento 16 o tornou bispo e o enviou para chefiar a nunciatura da Venezuela —especialistas disseram à época que essa foi a maneira que o papa conservador encontrou de limitar a influência de Parolin em Roma.

Com a eleição de Francisco em 2013, o italiano foi reconvocado à Santa Sé e nomeado secretário de Estado —o mais jovem no cargo desde 1929, quando Eugenio Pacelli, mais tarde eleito papa Pio 12, chegou ao posto.

O período de Parolin à frente das relações exteriores do Vaticano foi marcado por uma tentativa do cardeal de implementar as prioridades de Francisco, buscando a resolução de conflitos ao redor do mundo. Ele negociou a reaproximação entre os EUA e Cuba durante o governo de Barack Obama e mediou conversas entre o regime de Nicolás Maduro e a oposição venezuelana.

Como secretário de Estado, esteve duas vezes no Brasil, ambas em 2024. Em abril, reuniu-se com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja. Discutiram a escalada autoritária na Nicarágua sob Daniel Ortega e a perseguição contra bispos católicos.

Já em novembro, Parolin retornou ao Brasil para representar o papa na cúpula do G20, no Rio de Janeiro. Francisco recusou o convite do presidente Lula e escalou o cardeal para representá-lo.

Mas talvez o impacto mais duradouro e controverso de Parolin no cargo, e que pode dificultar suas chances de se tornar papa, tenha sido o acordo entre o Vaticano e a China, do qual o cardeal italiano foi o principal arquiteto.

O pacto foi assinado em 2018 com o objetivo de pôr fim às prisões arbitrárias de padres católicos na China. Em troca, acredita-se que a Santa Sé tenha se comprometido a nomear bispos para as dioceses chinesas selecionando-os a partir de uma lista elaborada pelo Partido Comunista.



Pietro Parolin conduz missa em memória dos 20 anos da morte de João Paulo 2º, em abril Yara Nardi - 2.abr.25/Reuters

O que pensam os cardeais sobre seis temas-chave no catolicismo



Fonte: Relatório do Colégio Cardinalício do Vaticano

Candidato a papa do Sri Lanka proibiu presença de mulheres no altar

Renan Marra

SÃO PAULO O cardeal Malcolm Ranjith, 77, aprendeu ainda jovem que religião e política são assuntos interligados. Quando tinha 12 anos, foi às ruas protestar contra a nacionalização das escolas católicas que havia sido determinada pelo governo socialista de seu país, o Sri Lanka, experiência que o marcou por toda a vida, inclusive em sua trajetória eclesiástica.

Ranjith ainda hoje é crítico do socialismo, ao mesmo tempo em que defende o que chama de capitalismo ético, mais inclusivo e sem grandes discrepâncias entre a população. Com frequência faz comentários sobre a política cingalesa, criticando casos de corrupção que, segundo ele, espalharam-se por todo o país devido a "práticas econômicas equivocadas".

Nomeado cardeal pelo papa Bento 16, em 2010, Ranjith é influente no debate público de seu país, que tem maioria budista. Por vezes, é acusado de atuar como ativista. Em 2022, chegou a pedir a renúncia do então presidente, Ranil Wickremesinghe, que lidava com protestos devido a uma grave crise econômica.

Atualmente, é candidato a se tornar o primeiro papa asiático da história moderna, representando a ala conservadora da Igreja. Se eleito, pode rever posicionamentos de Francisco em temas sensíveis: Ranjith é favorável à pena de morte em casos extremos e tem opiniões inflexíveis quanto à eutanásia e ao casamento homoafetivo, manifestando-se de forma contrária à legalização e aceitação dessas iniciativas.

No ano passado, ele proibiu a presença de mulheres no altar das paróquias de sua arquidiocese, numa decisão que lhe rendeu projeção e críticas em todo o mundo. Ranjith argumentou que a presença delas poderia impactar o número de candidatos que ingressam nos seminários. "Não podemos correr esse risco."

Apesar de diferenças, Ranjith manteve relação amistosa com Francisco. Ambos partilharam a preocupação com os mais vulneráveis e a defesa do ambiente.

Depois de ingressar no seminário, foi enviado pelo arcebispo a Roma, onde se formou em teologia. De volta ao Sri Lanka, o então padre Ranjith viveu o que descreve como outra experiência transformadora: o trabalho pastoral junto a comunidades de pescadores. Em uma região sem água encanada, eletricidade ou moradia adequada, o cingalês conviveu com a pobreza extrema —o que, segundo ele, ensinou-o a enxergar o "realismo da vida".

Ranjith foi nomeado arcebispo de Colombo, capital do Sri Lanka, em 2009. Um ano depois, foi eleito presidente da Conferência dos Bispos de seu país e se tornou cardeal.

Ranjith se declara fluente em dez idiomas: italiano, alemão, francês, hebraico, grego, latim, espanhol, inglês, cingalês e tâmil —os dois últimos são as línguas oficiais de seu país.



Malcolm Ranjith celebra missa na catedral de Santa Lúcia, em Colombo, capital do Sri Lanka Ishara S. Kodikara - 19.abr.25/AFP



Após eleição, líder de golpe de Estado toma posse no Gabão

Eleito no dia 13 de abril, 19 meses após comandar um golpe de Estado, Brice Ngeuma acena para o público em Libreville, capital do Gabão, ao tomar posse neste sábado (3) como novo presidente do país Nao Mukadi/AFP

Sheinbaum diz ter rejeitado oferta de Trump de enviar militares dos EUA ao México

Presidente mexicana afirma que soberania do país é inviolável; republicano critica atuação do vizinho no combate ao narcotráfico

AFP A presidente do México, Claudia Sheinbaum, afirmou neste sábado (3) que rejeitou uma oferta de Donald Trump de enviar militares a seu país para combater os cartéis do narcotráfico. Em um evento público, Sheinbaum se referiu a relatos do jornal The Wall Street Journal de que o republicano a havia pressionado para o México aceitar a presença de soldados americanos em seu território.

"É verdade (...) mas não é como dizem", disse Sheinbaum, explicando que, em um telefonema, Trump lhe perguntou como ela poderia ajudar a combater o crime organizado e propôs o envio do Exército.

"Eu lhe disse: 'Não, presidente Trump, o território [do México] é inviolável, a soberania é inviolável (...), nunca vamos aceitar a presença do Exército americano em nosso território", afirmou. Ela disse que ofereceu a Trump a colaboração e o compartilhamento de informações.

Sheinbaum declarou ter pedido ao presidente americano que interrompa o tráfico de armas para as organizações criminosas do México — segundo ela, uma das causas de uma onda de violência que já dura quase duas décadas e matou mais de 450 mil mexicanos. "Ontem [sexta-feira], o presidente deu uma ordem para que haja tudo o que for necessário para impedir que armas entrem em nosso país vindas dos Estados Unidos", disse ela.

O próprio Trump reconheceu na semana passada, em uma entrevista para o grupo de mídia conservador The Blaze, que ofereceu ajuda na luta contra os cartéis e recebeu uma negativa.

O presidente dos EUA insistiu que o México "precisa dessa ajuda". "Em algum momento, talvez algo tenha que acontecer. Isso não pode continuar assim", declarou o mandatário após ser questionado sobre uma potencial intervenção.

Segundo a imprensa americana, a ideia de enviar militares ao sul de sua fronteira existe desde o primeiro mandato de Trump (2017-2021).

Recentemente, seu governo declarou que uma estreita faixa de território ao longo da fronteira dos estados da Califórnia, Arizona e Novo México pertence às Forças Armadas, permitindo, assim, o uso de soldados do Exército para apreender imigrantes. O uso de militares na função de polícia é restrito nos EUA, e geralmente depende de aprovação do Congresso.

Uma das maiores reclamações de Trump — e parte de seu argumento para impor tarifas — é que México e Canadá, seus vizinhos e parceiros comerciais no tratado de livre comércio T-MEC, não fazem o suficiente para deter o tráfico de migrantes e de drogas, especialmente fentanil, para os EUA.

Analistas consideram que essa pressão é uma estratégia do presidente americano para obrigar o México a redobrar seus esforços de segurança.

O governo de Sheinbaum multiplicou as apreensões de drogas, destacou 10 mil soldados na fronteira e entregou em fevereiro passado 29 líderes de cartéis à Justiça americana, mas resta saber se esses esforços serão o bastante para aplacar as exigências da Casa Branca.

Após tomar posse, em janeiro deste ano, Trump declarou emergência na fronteira de 3.100 quilômetros com o México e ordenou o destacamento de cerca de 9.600 militares.

Imigrante guatemalteca que deu à luz nos EUA evita deportação rápida

Uma imigrante da Guatemala que cruzou a fronteira dos Estados Unidos com oito meses de gravidez e deu à luz no Arizona escapou da deportação acelerada após a governadora do estado interferir, informaram seu advogado e uma autoridade federal no sábado (3). O caso da mulher de 24 anos ganhou atenção porque seu advogado, Luis Campos, disse que agentes federais negaram que ela tivesse acesso a um hospital da cidade de Tucson após o parto na quarta-feira (30). Os agentes a informaram que estava programada sua deportação rápida por ter entrado ilegalmente no país.

Ex-chanceler expõe suposto vício de Petro

Acusações intensificam crise política no 1º governo de esquerda na Colômbia

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires, onde vive

Uma carta pública do ex-chanceler Álvaro Leyva balançou as estruturas do governo Gustavo Petro. Até pouco tempo um dos aliados mais próximos do presidente, Leyva rompeu o silêncio e lançou acusações graves sobre a vida pessoal de Petro, afirmando que ele sofre de dependência química — um problema que, segundo o ex-ministro, comprometeria a capacidade de governar do primeiro presidente de esquerda da história colombiana. O conteúdo da carta, escrito em tom confessional, escancarou aquilo que há tempos era um segredo mal guardado nos bastidores do poder: os supostos vícios do presidente.

A acusação remete a um episódio em 2023, durante uma visita oficial a Paris, quando Petro teria "desaparecido por dois dias". A reação do presidente seguiu o padrão habitual: sarcasmo e ataques à imprensa. Disse que seu único vício era o café colombiano.

Leyva, afastado da vida pública e inabilitado para cargos oficiais, foi figura central nos primeiros meses da gestão. Como chanceler, foi um dos que desenharam a chamada "paz total", política ambiciosa que pretende negociar simultaneamente com todos os grupos armados do país. Sua saída representou não apenas uma ruptura institucional, mas o fim de uma das pontes mais sólidas entre Petro e os setores moderados da elite política.

Na mesma carta, Leyva também atacou o ministro do Interior, Armando Benedetti, que teria admitido problemas semelhantes. "Concluí que se tratava de um enfermo. E segue igual, senhor presidente", escreveu. Em outra ocasião, já havia lembrado que o próprio Benedetti se definira como "drogadicto".

Álvaro Leyva lançou acusações graves sobre a vida pessoal de Petro, afirmando que ele sofre de dependência química — um problema que, segundo o ex-ministro, comprometeria a capacidade de governar

Mesmo após protagonizar o vazamento de áudios em que acusava a campanha de Petro de financiamento ilegal, Benedetti foi reconduzido ao centro do poder, causando uma grande crise no gabinete, há três meses. Sua permanência reforça a imagem de um governo refém de lealdades equivocadas.

A crise pessoal se soma à política. As reformas centrais do governo que dependem do Parlamento continuam travadas, e a base que o elegeu em 2022 está esfacelada. Ao longo dos últimos meses, a impopularidade das propostas de Petro no Congresso — majoritariamente opositor — minou o apoio da coalizão Pacto Histórico, originariamente de centro-esquerda, da qual hoje resta pouco mais que o nome. Para seguir no cargo, Petro recorre a forças fisiológicas da centro-direita, em nítido contraste com o discurso de ruptura que o levou ao poder.

Parlamentares têm colocado obstáculos às reformas propostas de Petro, e o Legislativo tem agora de avaliar se aprova ou não a realização de um referendo sobre a legislação trabalhista do país.

Sem apoio consistente, e após sucessivas trocas de gabinete, Petro tenta agora costurar um "acordo nacional" com setores tradicionais. A proposta, porém, é vista com desconfiança por sua própria base e com frieza pelos adversários.

Com o enfraquecimento do governo colombiano, perde também o Brasil, que havia feito um gesto estratégico de aproximação com a Colômbia há um ano, em visita de Lula a Bogotá, quando se estabeleceram linhas gerais de ações conjuntas — até aqui não cumpridas ou cumpridas parcialmente. Neste cenário, elas deixam de ser prioritárias.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana QUA. Rui Tavares QUI. Lucia Guimarães SAB. Igor Patrick



Anthony Albanese comemora vitória ao lado do filho, Nathan, e da esposa, Jodie, em Sydney Hollie Adams

Com discurso anti-Trump, premiê da Austrália é reeleito e mantém esquerda no poder

Em recado a opositor que emulava plataforma de presidente dos EUA, Anthony Albanese diz que país não precisa de 'inspiração de fora'

SÃO PAULO O primeiro-ministro da Austrália, Anthony Albanese, foi reeleito neste sábado (3). Com a apuração ainda em andamento, esperava-se também que o Partido Trabalhista, ao qual o premiê pertence, conseguisse o maior número de cadeiras na Câmara dos Representantes, ultrapassando o bloco conservador dos partidos Liberal e Nacional.

Albanese é o mais recente líder de esquerda a conseguir uma reeleição graças, em parte, ao efeito Donald Trump. Isso porque o candidato do Partido Liberal, Peter Dutton, um ex-policial com reputação de ser linha-dura com o crime e a imigração, foi criticado durante toda a campanha por ser ideologicamente próximo ao presidente dos Estados Unidos.

Dutton, que chegou a elogiar Trump neste ano chamando-o de "grande pensador", reconheceu a derrota e disse ter telefonado a Albanese para parabenizá-lo. Ele perdeu inclusive seu próprio assento no Parlamento.

"Não nos saímos bem o suficiente durante esta campanha. Isso é óbvio esta noite, e eu aceito total responsabilidade por isso", disse ele, prometendo uma reconstrução do bloco conservador. "Fomos definidos por nossos oponentes nesta eleição, o que não é a verdadeira história de quem somos."

No começo da campanha, influenciada pela forma como os candidatos poderiam negociar com Trump na questão das tarifas, os trabalhistas estavam atrás nas pesquisas, mas conseguiram virar o jogo. Até o fim da tarde deste sábado (3), os trabalhistas estavam à frente na disputa de 81 das 150 cadeiras (tinham 77 na última legislatura). A coalizão opositora, liderada pelo Partido Liberal, detinha 35 assentos, muito abaixo dos 58 que possuía.

"Nosso governo escolherá o caminho australiano, porque temos orgulho de quem somos e de tudo o que construímos juntos neste país. Não precisamos implorar, pedir emprestado ou copiar de nenhum outro lugar. Não buscamos nossa inspiração de fora. Nós a encontramos aqui mesmo em nossos valores e em nosso povo", disse Albanese, sob aplausos, em Sydney.

Um cenário semelhante ao australiano ocorreu no Canadá, em que Mark Carney, do Partido Liberal, aparecia atrás dos conservadores. Com uma plataforma de resistência a Trump —que ameaçava tanto na imposição de tarifas quanto no discurso de que gostaria de ver o Canadá como 51º estado dos EUA—, Carney viu a intenção de voto do eleitor mudar ao longo da corrida, e ele saiu vencedor, mantendo o domínio dos liberais no país.

Albanese, 62, é primeiro-ministro da Austrália desde 2022 —agora, é também o primeiro premiê do país a vencer mandatos consecutivos em duas décadas. Algumas de suas promessas são impulsionar as energias renováveis —embora ele tenha concedido licenças para novos projetos de mineração e subsídios a indústrias poluentes— e aumentar o financiamento do sistema de saúde.

O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, emitiu um comunicado parabenizando Albanese e afirmando que a Austrália é "um aliado, parceiro e amigo valioso dos Estados Unidos". "Nossos valores compartilhados e tradições democráticas fornecem a base para uma aliança duradoura e para os laços profundos entre nossos povos."

O premiê foi cumprimentado também pelo britânico, Keir Starmer, que destacou a colaboração de defesa dos dois países. "O Reino Unido e a Austrália estão mais próximos do que nunca."

Com Reuters e AFP



Partido confirma hegemonia em Singapura

O Partido de Ação Popular de Singapura, legenda conservadora que governa o país há seis décadas, obteve vitória folgada em eleição parlamentar neste sábado (3), conquistando 87 de 97 assentos. Trata-se da 14ª vitória consecutiva nas urnas, segundo os resultados divulgados pela comissão eleitoral. Havia a expectativa de a oposição desafiar o controle absoluto do PAP e avançar, após ganhos pequenos (mas sem precedentes) na última eleição. Isso não se confirmou. A principal sigla opositora, o Partido dos Trabalhadores, conseguiu as mesmas dez cadeiras do pleito anterior. O primeiro-ministro, Lawrence Wong, tem como desafios o custo de vida e a falta de moradia em uma das cidades-Estado mais caras do mundo. O governo disse que o país asiático pode entrar em recessão caso se torne um dano colateral na guerra de tarifas dos EUA. Como um dos principais portais comerciais para a Ásia, Singapura pode ser duramente afetada por qualquer desaceleração do comércio global. O impacto da queda de exportações da China para os EUA, que frequentemente passam por Singapura, seria enorme, advertiram autoridades.

Sob olhar dos EUA, Romênia volta às urnas após eleição cancelada; candidato ultradireitista é favorito

BUCARESTE | REUTERS A população da Romênia vota no domingo em uma repetição da eleição presidencial que pode levar o ultranacionalista George Simion ao poder, um resultado que provavelmente causará desconforto na União Europeia e na Otan e inquietará os investidores.

O eurocético de ultradireita liderou as pesquisas de opinião para o primeiro turno, cinco meses após a votação original ter sido cancelada devido a uma suposta interferência russa. Moscou nega as acusações.

Os Estados Unidos enviaram uma equipe de observadores eleitorais à Romênia, de acordo com um alto funcionário do governo americano, em meio a críticas de Washington sobre a decisão de cancelar a votação inicial de 2024.

O vice-presidente americano, J. D. Vance, disse que a anulação foi feita com "evidências frágeis" e que Bucareste não compartilhava dos valores americanos. O cancelamento foi acompanhado de uma controversa decisão da Justiça de barrar a candidatura de Calin Georgescu, 63, líder da ultradireita pró-Rússia que venceu o primeiro turno e era chamado de "Trump romeno". O segundo turno, que ocorreria em dezembro do ano passado, foi suspenso.

Agora, George Simion espera se beneficiar da ampla indignação pública com o cancelamento eleitoral e herdar o apoio de Georgescu, a quem substituiu nas urnas.

Simion, 38, opõe-se à ajuda militar à vizinha Ucrânia, é crítico da União Europeia e apoiou o movimento Make America Great Again de Trump. Cristão conservador, aderiu a um referendo fracassado em 2018 que pretendia impedir que casais do mesmo sexo pudessem se casar.

Uma vitória de Simion poderia isolar a Romênia no exterior, reduzir o investimento privado e tornar o país um membro menos previsível e cooperativo da União Europeia e especialmente da Otan em relação à ajuda militar a Kiev, favorecendo a Rússia.

Simion está com cerca de 30% nas pesquisas, dando-lhe uma confortável vantagem sobre dois centristas, mas sugerindo que não conseguirá votos suficientes para evitar um segundo turno, no próximo dia 18, contra quem ficar em segundo lugar. Seus principais rivais eleitorais são o ex-senador Crin Antonescu e o prefeito de Bucareste, Nicusor Dan.

Antonescu, 65, é apoiado pelos três partidos do atual governo pró-Ocidente. Dan, 55, concorre como independente com uma plataforma de reforma.

30%

das intenções de voto é o que tem George Simion, crítico da UE e da ajuda militar à Ucrânia, para a eleição deste domingo (4); se necessário, segundo turno será no próximo dia 18

Raio-X da Romênia



Área: 238.391 km² (pouco menor do que o estado de São Paulo)

População: 19,6 milhões (pouco menor do que Minas Gerais)

PIB: US$ 351 bilhões (do Brasil é US$ 2,2 trilhões)

PIB per capita*: US$ 47.903 (do Brasil é US$ 20.584)

IDH: 53º no ranking de 193 países (Brasil é 89º)

*Considerando paridade do poder de compra

Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial, PNUD e IBGE



Viatura na rua Santa Ifigênia, esquina com a rua dos Gusmões Rubens Cavallari · 30.jan.24/Folhapress

Cracolândia de São Paulo tem gangue da bike e média de 39 roubos e furtos por dia

Temidos pela população, assaltos com motociclistas representam apenas 6% do total dos crimes; celular é o objeto mais visado

DELTAFOLHA

Marina Pinhoni e Vitor Antonio

SÃO PAULO Ameaça com arma de fogo, agressão física, trombada em transporte público e assalto com bicicleta são alguns dos exemplos de como agiram criminosos nos 265 furtos e roubos registrados em 2025 na rua Brigadeiro Tobias, centro de São Paulo.

A via, que abriga a sede da Polícia Civil do estado de São Paulo e fica próxima à estação da Luz, teve o segundo maior número de registros desta natureza no entorno da cracolândia, ficando atrás só da praça da República, onde 400 furtos ou roubos foram registrados este ano.

Ao todo, os bairros de Santa Cecília e Campos Elíseos contabilizaram 3.290 furtos e 997 roubos nas 16 primeiras semanas do ano, de 30 de dezembro de 2024 a 20 de abril de 2025. O valor representa média de 39 casos por dia.

Os pedestres são os principais alvos dos criminosos. Mais da metade (51,6%) dos casos foi classificada como furto ou roubo a pedestres, seguida por furto ou roubo dentro do transporte coletivo (em estações, ônibus, trem ou metrô), com 17,8%. Em terceiro lugar está o furto ou roubo a clientes dentro de estabelecimentos comerciais, com 7,3%.

Embora o modo de locomoção do infrator não tenha sido especificado em 30% dos boletins de ocorrência, é possível observar alto percentual do uso de bicicleta nos registros em que consta a informação. A maior parte dos crimes é cometida por infratores a pé (72%), mas bicicletas aparecem em 22% dos casos.

Houve 660 casos de roubos ou furtos em que o infrator abordou a vítima em uma bicicleta, o que evidencia que o problema da chamada gangue da bike não foi superado. Temidos pela população e mais comuns em outras regiões, os assaltos com motociclistas representam só 6% do total.

O celular ainda é o objeto mais visado, sendo foco único dos infratores em 57,6% dos crimes. "Celular e outros" ficam em segundo, com 7,7%, e "mochilas e bolsas" aparecem em terceiro, com 7,4% das classificações.

Quando se trata de roubo, a agressão física e ameaça com arma de fogo ou réplica são os métodos mais usados, com 28% e 26% dos casos, respectivamente. Já nos furtos, "destreza" e "trombada" são os tipos que mais aparecem nos boletins em que há especificação, 45% dos casos cada.

Há ainda 124 registros de quebra de vidro do veículo, sendo 67 com a pessoa dentro do carro, 6% dos casos de furto com o modo foi informado. Este tipo de ocorrência fez com que motoristas de aplicativo passassem a alertar passageiros a não usar o celular enquanto o carro está parado no semáforo, por exemplo.

A análise da **Folha** considerou dados da SSP (Secretaria de Segurança Pública de São Paulo) do monitoramento semanal específico do crime no entorno da região com maior concentração de usuários de drogas no centro da capital paulista, criado pelo governo estadual em 2023.

Segundo a secretaria, os policiais têm acesso diário ao diagnóstico completo da região para melhorar o planejamento operacional na prevenção de crimes.

Embora os roubos tenham caído 23% ante igual período de 2024 (de 1.297 a 997, em números absolutos), dados oficiais apontam alta de 26% nos furtos (de 2.603 para 3.290). Houve ainda 66 registros de saques ou movimentações financeiras não autorizadas, contra 46 em 2024.

A gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos) diz que aumentaram a apreensão de drogas e as prisões de infratores no período.

Em nota, a SSP disse que "as forças de segurança realizam ações constantes para impedir o comércio de entorpecentes, com patrulhamento, abordagens, prisões em flagrante e operações integradas para enfraquecer a atuação de traficantes. Apesar do aumento dos furtos (em 16%), os esforços das forças de segurança resultaram na queda de roubos em 23%, evidenciando o trabalho policial na região."

A pasta não respondeu sobre a discrepância entre o número de furtos nos dados oficiais, diferentes dos da nota. Também não se posicionou sobre o fato de a rua em que está a sede da Polícia Civil ser a segunda com o maior número de registros. A alta nos furtos também ocorreu na cidade como um todo, que registrou marca recorde da série histórica, com 61.829 furtos no primeiro trimestre de 2025.

61.829

foi o número de furtos na cidade, com marca recorde na série histórica para o primeiro trimestre do ano, e alta de 4,6% em relação a igual período de 2024

Pedestres são principais vítimas do crime na cracolândia

4.353 furtos e roubos na área da cracolândia → 2.246 (51%) com pedestres → 773 (18%) em transporte coletivo

Área de monitoramento de crimes no centro de São Paulo



1 **Rua dos Protestantes** Ponto principal de concentração de usuários de drogas

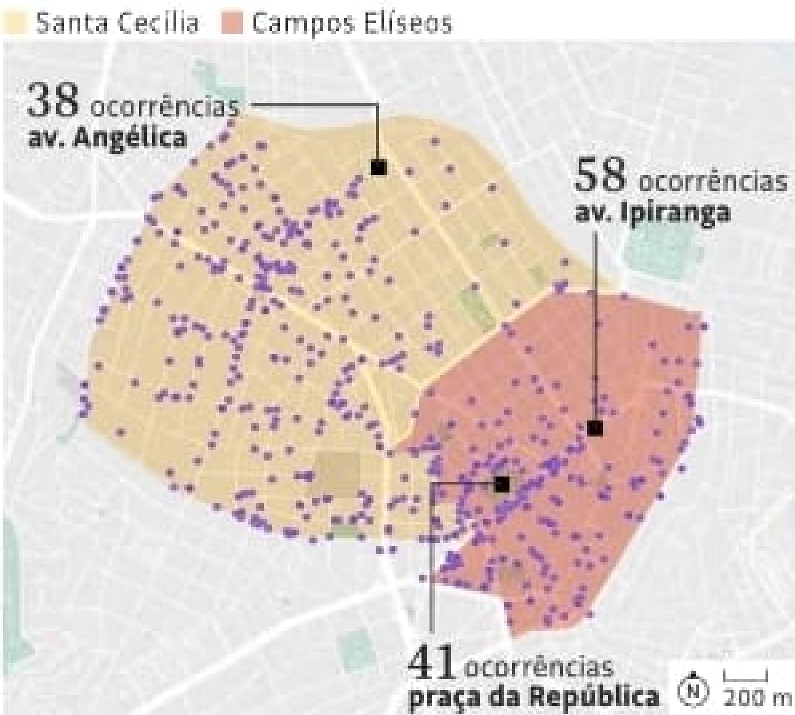
2 **Rua Barão de Piracicaba** Pequena concentração de usuários de drogas

3 **Praça Marchal Deodoro** Pequena concentração de usuários de drogas

Crimes na região da cracolândia com uso de bicicleta*

Por ocorrências, nos distritos de Santa Cecília e Campos Elíseos

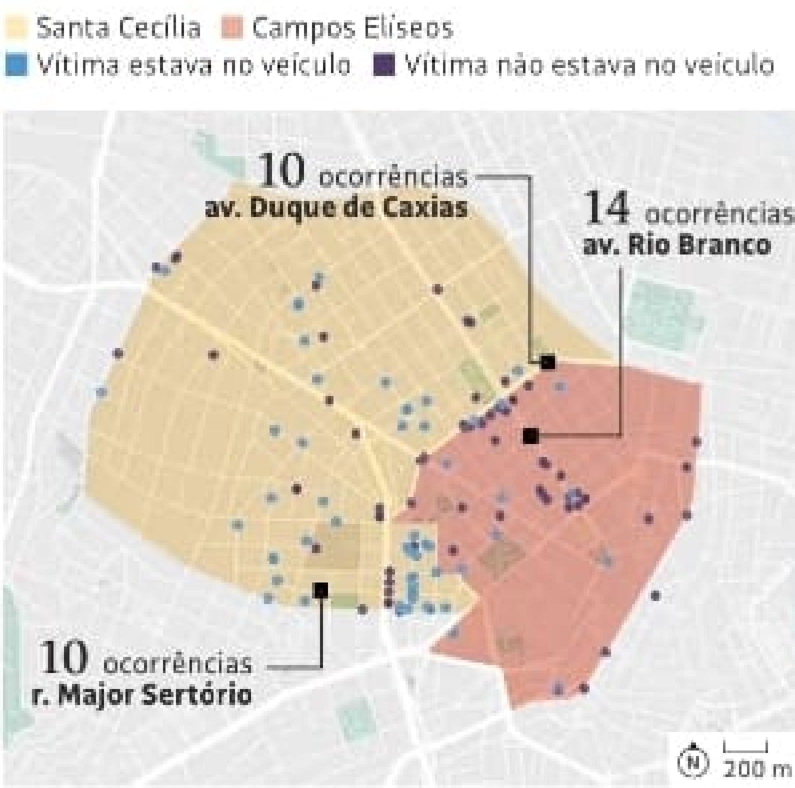
Santa Cecília · Campos Elíseos



Crimes na região da cracolândia com quebra de vidro*

Por ocorrências, nos distritos de Santa Cecília e Campos Elíseos

Santa Cecília · Campos Elíseos · Vítima estava no veículo · Vítima não estava no veículo



* Dados de 30.dez.2024 a 20.abr.2025

Fonte: Dados cartográficos ©2025 Google e Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP)

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br



Arquivo pessoal

NORMA CIPOLOTTI SPEDO (1933 - 2025)

Nutricionista, recusou a vida de dona de casa

Depois de uma infância pobre na Mooca, criou dois filhos e viveu para a família

SÃO PAULO A paulistana Norma Cipolotti Spedo teve a infância e a juventude típicas de uma família num bairro operário da cidade de São Paulo das décadas de 1930 e 1940. A vida era dura, e eles eram felizes.

Comida era um bem escasso, as despesas eram controladas com rigor na família de cinco filhos. Mas estavam sempre reunidos com amigos, tios e tias, e a escassez não tirava alegria das festas ou dos encontros mais banais do dia a dia. Havia aniversários em que o cardápio era café e bolo, e era o suficiente.

Sua mãe tinha dez irmãos e seu pai, sete. As famílias numerosas significavam uma infinidade de ocasiões para se reunir, que formaram algumas das lembranças que guardou com mais carinho ao longo da vida.

Terceira filha de um torneiro mecânico e de uma dona de casa, vivia na região da Mooca, na zona leste da capital. O mais velho dos irmãos morreu aos nove anos, quando ela tinha cinco anos.

Por causa dos apertos financeiros, os meninos começaram a trabalhar ainda adolescentes. Ela e a irmã mais velha, Nilza, puderam estudar mais. Nilza tornou-se professora de desenho dos antigos ginásio e colegial. Norma, que durante o colegial fez um curso técnico de dietista —que abordava alimentação e outros temas correlatos—, complementou os estudos para equiparar sua formação ao curso de nutrição.

Aos 21 anos, casou-se com um industriário, José, que trabalhava na área administrativa de uma empresa do setor de telecomunicação. Tiveram um casal de filhos, Carlos Eduardo e Sandra, nos primeiros cinco anos de casamento. Em 1965, mudaram-se da zona leste para o bairro Jurubatuba, na zona sul.

Como o trabalho era incomum entre as mulheres de sua geração —a maioria donas de casa—, Norma dava grande valor às oportunidades que teve. Chegou a se equilibrar entre três empregos, saindo de casa bem cedo e retornando só tarde da noite.

Seu primeiro emprego foi como professora do Sesi (Serviço Social da Indústria). Depois, tornou-se nutricionista no Hospital do Servidor, função que ocupou por mais de duas décadas.

Dar aos filhos uma vida melhor do que a sua era um mantra, que ela e o marido conseguiram realizar. O gosto pelo trabalho a manteve ativa até depois dos 70 anos de idade.

Os amigos e parentes, até os mais distantes, reconheciam nela o companheirismo como traço marcante da personalidade. Não decorria de qualquer pedido de ajuda, e sim de sua própria preocupação.

Bastava que ela soubesse que alguém estava doente ou em dificuldade para que ela fizesse uma visita. Passava noites no hospital para acompanhar os entes queridos, mesmo quando já tinha mais de 80.

Ela morreu no dia 28 de março, deixando a irmã, os dois filhos, quatro netos e três bisnetos.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. WhatsApp (11) 99646-9069. Seg. a sex.: 10h às 19h.

Voluntários relatam medo e dificuldade com saúde mental um ano após tragédia no RS

Insônia e temor de novas enchentes fazem parte da rotina daqueles que ajudaram no resgate das vítimas das chuvas no ano passado

Carlos Villela

ELDORADO DO SUL (RS) Em maio de 2024, Octávio Aguiar passou a maior parte dos dias em cima de um barco. O hábito de cumprimentar conhecidos nas ruas de Eldorado do Sul (RS) deu lugar à audição atenta: se ouvisse uma voz, era hora de parar de remar.

"O que eu vi e o que eu fiz, não sei se tenho coragem para fazer de novo", diz Octávio, 59, trabalhador de serviços gerais e um dos milhares de voluntários que atuaram na maior tragédia da história do Rio Grande do Sul. Por três semanas seguidas, ele saía cedinho para patrulhar sua vizinhança, vigiando casas alagadas.

Um ano depois, ainda não esquece dos pedidos de ajuda ou dos três corpos sem vida que encontrou na água. A enchente baixou no fim de maio, mas parece que nada voltou ao normal. "As coisas estão devagar. O pessoal da cidade sumiu. Parece uma cidade fantasma", disse.

Parte da região metropolitana de Porto Alegre, Eldorado do Sul foi a cidade mais atingida pelas enchentes: dos quase 40 mil moradores, 32 mil precisaram sair de casa com a enchente do rio Jacuí.

Um ano depois, é visível nas ruas o contraste entre paredes recém-pintadas e casas sujas de lama endurecida até o telhado. Alguns imóveis exibem placas de "vende-se", outros estão trancados por correntes ou abandonados. "Muita gente ganhou o aluguel social e sumiu. Nem vieram limpar as casas", diz Octávio.

A conselheira tutelar Clarice Cavalheiro, 59, esposa de Octávio, diz que casos de ansiedade e depressão dispararam.

"A gente atendeu criança que a mãe queria entregar os filhos porque queria se matar. Não tem o que fazer, às vezes não tem marido, só com os filhos, sem nada. Hoje, eu considero Eldorado uma cidade doente", diz Clarice.

Em maio de 2024, o casal quase não conviveu, algo raro após 37 anos de casamento. Octávio percorria a cidade de barco e Clarice acompanhava o acolhimento de crianças e adolescentes.

"As pessoas não sabiam que aqui em casa não tinha mais nada. A gente estava ajudando, mas também tinha perdido tudo", conta Clarice.

À medida que as pessoas retornavam para lavar as casas e tentar reocupar seus lares, veio a desmobilização de voluntários. "Foram embora. E a gente ficou", diz Clarice.

Nas semanas seguintes, ela tentou reunir esforços para restaurar obras da biblioteca da cidade, sem sucesso.

O casal morou de aluguel por quase quatro meses. Só conseguiram retornar para casa quando as paredes, ainda úmidas, pararam de dar choque.

No dia a dia, evitam falar das experiências como voluntários para não comprometer a saúde mental nem a rotina de sono, que demorou a normalizar.

Mas as encilhas e selas guardadas na garagem revelam a maior sensação de impotência que guarda do período. "Tinha cinco cavalos, fiquei sem nenhum", diz Octávio. Todos foram levados pela água.

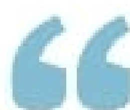
No domingo (27), ele participou da primeira cavalgada desde as enchentes, montado em um animal emprestado. "Hoje eu tenho gratidão por estar bem, por estar vivo, e peleando pela sobrevivência", diz Octávio.

Morador de Porto Alegre, o artista e produtor cultural Thainan Rocha, 29, passou dias atravessando o lago Guaíba em um barco para ajudar nos resgates em Eldorado do Sul, sua cidade natal.

Ele se sente cada vez menos à vontade quando volta ao município. "Acho que quem permanece em Eldorado perdeu talvez uma inocência, uma luz de trás dos olhos, não sei. Está ficando sombrio aqui", diz.

Ainda assim, diz acreditar que a união dos conterrâneos na reconstrução da cidade pode gerar bons frutos. "Ficou muito um clima de terra arrasada por algum tempo. Em cima disso, a gente constrói o que dá ou o que a gente quer."

O pesadelo de estar em um barco virando acabou, mas Thainan ainda se emociona ao explicar a tragédia a quem não é gaúcho.



[Os voluntários] foram embora. E a gente ficou

Clarice Cavalheiro, 59
conselheira tutelar em Eldorado do Sul



Um ano após atuar em resgates, Octávio Aguiar teme o futuro de Eldorado do Sul Carlos Macedo - 15.abr.2025/Folhapress

Eufrázio

Pessoa em situação de mendigo

Qualquer corrupção linguística para maquiar condição serve só para amenizar nossa culpa

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Tenho ódio sempre que ouço essa aberração do politicamente correto: "Pessoa em situação de rua". Primeiro porque não existe, em nosso idioma, ninguém "em situação" de nada. Nunca estive ou conheci alguém "em situação de gripe". Lá pelo meio-dia não estou "em situação de fome" e depois da meia-noite nunca me descreveria "em situação de sono". Não sei de onde importaram essa frase horrível, só sei que ela não foi bem adaptada à nossa "situação de língua".


Adams Carvalho

Não é a "situação de aberração", porém, que me revolta mais ao falarmos "pessoa em situação de rua". É a mentira que a frase, em sua deliberada assepsia semântica, tenta passar. É como se o sujeito que tá dormindo na calçada, em cima de uma caixa de papelão aberta, coberto com aquela manta de proteger móvel em mudança, com uma garrafa (vazia) de cachaça ao lado, sem tomar banho há semanas, sem laços sociais, familiares, talvez viciado em crack, enfim, é como se essa pessoa ferrada estivesse numa "situação" momentânea que logo, logo, vai ser resolvida. Tipo: o cara perdeu o último ônibus pro seu bairro, ficou em "situação de rua", mas amanhã pegará o busão e estará "em situação de casa".

Mendigo é o nome dessa pessoa. Mendigo não é alguém que simplesmente não tem casa. Não tá em "situação de rua" e nem é "sem teto". É sem tudo. É o fundo do fundo do alçapão no fundo do alçapão do poço. Qualquer corrupção linguística para maquiar sua condição serve só para amenizar nossa culpa. É calhorda. É covarde. Em vez de tentar salvar a pessoa da degradação total, fingimos que ela não está assim tão mal. "Só uma situação".

Fingir é uma grande habilidade de nossa, brasileira. Difícil viver e ser são neste país sem fingir barbaramente um monte de coisa. Finge que o cara tá "em situação de rua". Finge que não vê os miseráveis nos faróis de trânsito. Finge que não vê o mar de favelas sob o Rodoanel. Finge que não teve tentativa de golpe. Finge que é normal o "orçamento secreto". Finge que a CBF tem algum interesse na melhoria do futebol brasileiro. Pensando bem, não é só um fenômeno brasileiro. O mundo finge que não tá acabando.

Fingir é uma grande habilidade de nossa, brasileira. Difícil viver e ser neste país sem fingir barbaramente um monte de coisa

Tudo isso pra chegar na grande mágica, no grande fingimento, não só semântico, mas concreto, urbano, proposto pelo vice da prefeitura: trocar mendigos por carros embaixo do Minhocão. Tirar "pessoas em situação de rua" e colocar "carros em situação de estacionamento".

Se a gambiarra semântica da esquerda parece bizarra, por "amaciar" a existência dos mendigos, o que a direita propõe agora em São Paulo vai muito além. É a metonímia feita ação. É a falta de vergonha: "vamos sumir com esses pobres!". Vai ter matéria mostrando como a área do Minhocão ficou mais bonita. Mais segura. Vai gerar renda. Não tenho a menor dúvida. Varrer a miséria pra longe sempre melhora o perto. Eu, se morasse ali, não seria hipócrita. Adoraria a medida. A questão é que esses pobres existem. Continuarão na rua, em outra rua. Na frente da casa de outra pessoa. E continuarão sem casa, sem trabalho, sem banho, sem porra nenhuma, "em situação de mendigo", em algum lugar.

DOM. Antonio Prata / SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso / TER. Vera Iaconelli / QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques / QUI. Sergio Rodrigues / SEX. Tati Bernardi / SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Turista brasileira morre em viagem ao Japão

Jovem compartilhava fotos e vídeos pelo país em suas redes sociais; Itamaraty atua no caso junto a familiares

SÃO PAULO A brasileira Amanda Borges da Silva morreu no Japão, durante viagem ao país. A confirmação do falecimento foi feita nesta sexta-feira (2) pela Prefeitura de Caldazinha (GO), cidade natal dela.

Em nota, a gestão municipal lamentou a morte e afirmou que o caso deixa um vazio na comunidade. "Amanda era uma jovem cheia de sonhos, querida por todos, e sua partida repentina deixa um vazio profundo em nossa comunidade", publicou a Prefeitura.

"Neste momento de dor, nos solidarizamos com seus familiares e amigos, oferecendo todo o apoio necessário diante dessa irreparável perda", continua o comunicado.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil afirmou, em nota, que não compartilha informações específicas do caso, como a data ou a causa do falecimento, mas confirmou que está assistindo os familiares de Amanda.

"O Ministério das Relações Exteriores, por meio do Consulado-Geral do Brasil em Tóquio, tem ciência do caso e está em contato com os familiares da brasileira, a quem presta assistência consular, e com as autoridades locais japonesas."

Nas últimas semanas, Amanda vinha compartilhando fotos das suas passagens por diferentes locais da Coreia do Sul e do Japão —essas eram as mais recentes.



A turista brasileira Amanda Borges da Silva em um evento da Fórmula 1, da qual era fã, segundo publicações Reprodução

Uma dessas fotos foi feita em um evento de Fórmula 1, esporte do qual a turista era fã, segundo as publicações, inclusive em eventos no autódromo de Interlagos, em São Paulo. Amanda era mestre em letras pela Universidade Federal de Goiás.

O Ministério de Relações Exteriores do Brasil afirmou, em nota, que não compartilha informações específicas do caso, como a data ou a causa do falecimento

Deputado aciona PGR contra cotas para trans

O deputado estadual Guto Zacarias (União-SP) protocolou na Procuradoria Geral da República uma ação direta de inconstitucionalidade contra a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) por instituir cotas para pessoas trans, travestis e não binárias.

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Metalatex-Massa Acrílica 25kg De: 239,90 Por: 188,90
Fani-C54 Torneira Lavatório Mesa 1195 De: 119,90 Por: 89,90
Lorenzetti-Filtro Acqua Bella C/Torneira Branca 7411815 De: 149,90 Por: 119,90
Deca-C35 Acabamento 1/2-3/4-1 Aspen Cromado 4900 De: 66,90 Por: 52,90
Eliane-Porcelanato 60x60 Munari Concreto Ext Cx1,80m2 De: 99,90 Por: 79,90
Kelly-C59 Torneira Cozinha Bica Móvel Parede 1/4v Cromada 162 De: 76,90 Por: 59,90
Quartzolit-Rejunte Ceramicas Flex 1kg **Cores** De: 12,90 Por: 9,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
ESTA BMW pode ser SUA!
VISA
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

Eufrázio



Policiais rodoviários resgatam onça-parda atropelada na BR-153, no interior de São Paulo Divulgação -30.abr.2025/Polícia Rodoviária Federal

Atropelamentos de onças indicam avanço urbano e rural sobre habitat

Estradas paulistas registram 47 mortes de onças-pardas por ano, em média, e especialistas veem relação entre acidentes e expansão de cidades e áreas cultivadas

Leonardo Fuhrmann

SÃO PAULO Nos últimos dez anos, 47 onças-pardas, em média, foram atropeladas anualmente nas estradas paulistas. O número, da pesquisadora Fernanda Abra, da ViaFauna, é um dos principais indicativos das interações da espécie com os seres humanos.

Outros sinais da presença são os avistamentos –como acorrido nas últimas semanas em Mairiporã, na região metropolitana de São Paulo– e os resgates –como foi um caso de Assis (SP), também no mês passado.

Para Rogério Cunha, coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros, do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), os atropelamentos e a caça retaliatória (quando alguém vai atrás para matar um animal silvestre suspeito de atacar rebanhos ou animais domésticos) são as principais causas de morte de onças na interação com humanos.

Especialistas afirmam que os ataques a pessoas são raríssimos e acontecem mais em situações que o animal esteja acuado, como em caças, por exemplo.

Segundo Cunha, em geral, as onças-pardas evitam os lugares onde há seres humanos. Os resgates também são raros, são feitos quando as onças, principalmente filhotes, ficam presas.

O aumento das áreas de cultivo agrícola, de pecuária, de condomínios e o avanço urbano desordenado são apontados como possíveis causas que têm feito porções ocupadas por humanos rotas de passagens dos animais.

O fato de as onças fazerem grandes deslocamentos aumenta a possibilidade de elas passarem por povoamentos.

Os atropelamentos e ataques costumam acontecer em regiões específicas do estado.

"Os animais geralmente cruzam as estradas indo de uma área preservada até outra", afirma.

A redução do habitat natural obriga o animal a ir de um lado para outro. "Na falta de florestas, o cultivo de eucalipto tem sido uma área de permanência desses animais", diz Cunha.

A facilidade de adaptação a outros ambientes faz com que a onça ainda seja encontrada em pequenas reservas florestais.

A extensão da malha rodoviária em relação ao tamanho total do estado contribui para que o número de atropelamentos seja maior em relação a outras regiões do país. Os acidentes acontecem também nas ferrovias.

Cunha explica que os ataques a animais de rebanho são mais comuns nas regiões de criação de cabras e ovelhas e, mais ocasionalmente, de vacas, no norte e oeste do estado.

Felinos silvestres menores, como as jaguatiricas, costumam atacar criações de aves. Nesses casos, muitas vezes, os animais selvagens acabam sendo responsabilizados por ataques que podem ter sido feitos por animais domésticos, como cachorros.

Membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza, o pesquisador Roberto Fusco orienta pecuaristas a evitarem a caça, proibida por lei.

"Com um estudo no local, é possível apontar saídas para evitar os ataques, não só com a instalação de cercas elétricas, mas com a criação de barreiras sonoras e luminosas", explica.

O número de atropelamento de onças-pardas é menor do que o de outros animais ameaçados de extinção no estado, como o lobo-guará (156 por ano) e o tamanduá-bandeira (149 por ano). É também menor do que outros animais silvestres, caso da capivara (5.400 por ano) e da jaguatirica (112 por ano).

Segundo a ViaFauna, as concessionárias têm buscado alternativas para a redução dos acidentes envolvendo as espécies, como passagens subterrâneas.

Para Fernanda Cavalcanti, coordenadora-executiva do Programa de Conservação de Mamíferos do Cerrado, da Universidade Federal de Catalão (GO), os números são preocupantes porque uma espécie de topo de cadeia alimentar costuma já ter um número reduzido de exemplares.

Segundo ela, a onça-parda não está entre as espécies ameaçadas da extinção, mas enfrenta decréscimo de representantes.

"O que existe são regiões específicas do país, como Pernambuco e o Rio Grande do Sul, onde ela está ameaçada", relata.

A destruição de biomas importantes para reprodução, como Cerrado e Mata Atlântica, aumenta o alerta. Com diferentes nomes –leão da montanha, suçuarana e puma–, a espécie era comum em todo o continente. "Em boa parte, foi quase extinta, diz Fernanda.

Para Fernando Tortato, coordenador do Programa de Conservação do Brasil da Panthera, é difícil dizer se há maior presença das onças em ambientes humanos.

"Hoje há mais câmeras que permitem que tenhamos imagens."

Acidente mata dançarinas da terceira idade

Duas integrantes do grupo Dance Ladies, formado por mulheres da terceira idade de Balneário Rincão (SC), morreram em um acidente no final da tarde desta sexta-feira (2) na rodovia BR-280, na Serra de Corupá, norte de Santa Catarina. Elas estavam em um micro-ônibus e participariam, ao lado do grupo, de uma das etapas da competição de dança popular dos Jogos Abertos da Terceira Idade, realizados pela Fundação Catarinense de Esporte em São Bento do Sul.

Além do micro-ônibus, o acidente envolveu uma carreta e um carro. Ao menos 12 pessoas ficaram feridas, e foram levadas para hospitais da região. Segundo o Corpo de Bombeiros, os veículos pegaram fogo após a colisão. Outras duas dançarinas, de 77 e 73 anos, sofreram ferimentos graves. Uma delas teve suspeita de traumatismo cranioencefálico e a outra sofreu queimaduras de primeiro e segundo grau.

Restaurante Popular de Florianópolis não atenderá pessoas em situação de rua

Catarina Scortecci

CURITIBA Localizado na região central de Florianópolis (SC), o único Restaurante Popular da cidade está há mais de dois meses sem funcionar, e, quando reabrir, não atenderá mais pessoas em situação de rua, público majoritário do espaço antes do fechamento das portas.

Para pessoas sem moradia, a única alternativa passou a ser um local chamado Passarela da Cidadania, um espaço de acolhimento com vagas de pernoite, além das refeições. Mas, de acordo com a Defensoria Pública do Estado de Santa Catarina, a prefeitura não ampliou a capacidade de atendimento do local para absorver a demanda do Restaurante Popular. Além disso, a outra fatia dos frequentadores –trabalhadores de baixa renda e estudantes, por exemplo– ficaram temporariamente sem alternativa.

A Secretaria de Assistência Social não informou quando o local será reaberto. A Defensoria recorreu à Justiça Estadual para obrigar o município a prestar o serviço, mas a liminar foi negada.

Em uma rede social, o secretário da pasta, Bruno Souza, publicou um vídeo no final de fevereiro em que ele aparece em frente ao prédio da Defensoria pedindo apoio da população para transformar o Restaurante Popular no "restaurante da família". Segundo ele, a ideia é reabrir como "um espaço seguro para famílias carentes".

"Nós precisamos da sua ajuda para o caos não retornar. Mas tem muita gente lutando contra esta transformação. Por isso, assine o abaixo-assinado e nos ajude a atender quem mais precisa", disse.

Em nota, a pasta afirma que a mudança está ocorrendo porque "frequentes desentendimentos entre pessoas em situação de rua afastaram parte do público que utilizava o serviço".

A proposta, segundo a Assistência Social, é "direcionar a população em situação de rua para a Passarela, onde, além de alimentação, ela tem acesso a abrigo, recebe orientações de profissionais capacitados e pode usar dependências como banheiro e lavanderia".

A defensora pública Ana Paula Fão Fischer, que coordena o Núcleo de Cidadania, Igualdade, Diversidade, Direitos Humanos e Coletivos, disse que a decisão não tem fundamentação e foi tomada sem planejamento. "Como costuma acontecer, a implementação de um serviço de atendimento à população vulnerável escancara a precariedade da política pública".

PODCASTS FOLHA

Quando as portas dos apartamentos se fecham, o mistério começa. Descubra o que o síndico escondia.

O Síndico

por Chico Felitti

▶ Disponível nas principais plataformas de áudio

Assinantes Folha recebem os episódios do podcast em primeira mão!



*Oferta válida para a assinatura digital.

Também quer ouvir antes de todo mundo?

Assine por R$ 1,90 no primeiro mês + 6x de R$ 9,90 por mês*

FOLHA DE S.PAULO ★★★

Eufrázio

53% dos brasileiros que bebem dizem ter reduzido o consumo no último ano

Datafolha perguntou à população sobre seu comportamento em relação ao álcool; saúde é o principal motivo entre abstêmios

ÁLCOOL NA MIRA

Bárbara Blum

SÃO PAULO Quando se trata do consumo de álcool, a população brasileira se divide meio a meio entre os que dizem consumir a substância (51%) e os que não o fazem (49%). Os dados são de uma pesquisa Datafolha feita entre os dias 8 e 11 de abril, com 1.912 entrevistados em 113 municípios de todas as regiões do Brasil.

As respostas dizem respeito aos maiores de 18 anos, marco da maioridade no país e momento a partir do qual a venda de álcool é permitida.

A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Num balanço do consumo do último ano, mais da metade (53%) dos que ingeriram bebidas alcoólicas dizem que o consumo diminuiu, enquanto 12% observaram aumento do consumo e 35% avaliam que não houve mudança.

Os brasileiros, que têm uma média de consumo anual de álcool estimada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 7,7 litros, beberam em média 4,5 doses da substância na semana anterior à pesquisa Datafolha. Para o levantamento, uma dose é entendida como um copo, lata, taça ou drinque de bebida alcoólica.

Dentre os que dizem consumir álcool, 10% beberam 11 ou mais doses na semana anterior ao levantamento, 13% consumiu de seis a dez doses, 16%, de três a cinco doses e 19% consumiu até duas doses.

Cerca de 36% disseram não ter consumido álcool no período e 5% não responderam.

Com relação à frequência de consumo, 3% dos brasileiros que bebem álcool o fazem de cinco a sete dias na semana, 3% de três a quatro vezes em uma semana, 20% o fazem de uma a duas vezes na semana, 10%, uma vez a cada 15 dias e 13% ingerem bebidas alcoólicas uma vez por mês ou menos.

A percepção do consumo foi, no geral, positiva. A grande maioria (81%) avalia que consome bebidas alcoólicas na medida adequada e apenas 18% dizem consumir em excesso.

Dentro desse percentual, 11% dizem beber mais do que deveriam e 7% acham que bebem muito mais do que deveriam.

A redução do consumo é uma tendência mundial, principalmente entre os mais jovens. Os Estados Unidos, o Reino Unido e outros países registram queda consistente no consumo de álcool entre o público.

Um estudo da consultoria Gallup, publicado em 2023, indica que, nos EUA, 62% dos adultos de 18 a 35 anos dizem beber, uma diferença de dez pontos percentuais em relação a duas décadas atrás, quando 72% faziam essa afirmação.

No Reino Unido, um terço dos jovens de 18 a 24 anos diz não consumir bebida alcoólica, de acordo com um relatório da Mintel, também de 2023.

No Brasil, a faixa etária dos 18 aos 34 anos lidera a ingestão de bebidas alcoólicas. Entre eles, 58% dizem consumir álcool.

Na faixa seguinte, dos 35 a 44 anos, o percentual cai para 55%. A queda se acentua entre os que têm de 45 a 59 anos, dos quais 46% dizem beber. Entre os que têm 60 anos ou mais, 35% dizem ingerir álcool.

O consumo entre menores de idade, de 16 a 17 anos, apareceu na pesquisa em contabilização separada dos dados gerais. Nessa faixa, 27% dizem ingerir álcool.

Segundo o levantamento Copo Meio Cheio da empresa de pesquisa Go Magenta, 28% da geração X (nascidos entre 1965 e 1980) começou a beber antes dos 18 anos, percentual que subiu para 37% na geração Y (ou millennials, nascidos entre 1981 e 1996) e para 48% na geração Z (nascidos entre 1997 e 2012).

A relação com bebidas alcoólicas também é impactada pelo gênero.

Segundo a pesquisa Datafolha, os brasileiros bebem mais do que as brasileiras. Entre os homens, 58% consomem bebidas alcoólicas. Entre as mulheres, o percentual cai para 42%.

Mesmo entre os que dizem não beber, 61% dos homens já consumiram bebidas alcoólicas, índice que fica em 40% entre as mulheres.

Entre os homens, 10% dizem beber álcool de três a sete dias na semana, enquanto, entre as mulheres, apenas 2% dizem ingerir a substância na mesma frequência.

Mesmo numa frequência menor de consumo –uma a duas vezes por semana– mais homens do que mulheres dizem beber: eles são 25% dos que consomem álcool e elas, 16%. São elas, também, que citam mais o desagrado com o sabor do álcool como motivo para não beber. A justificativa é dada por 25% das mulheres que não bebem e por 14% dos homens desse grupo.

Os homens são mais propensos do que as mulheres a enxergar abuso no consumo: 21% deles dizem consumir mais ou muito mais álcool do que deveriam. Entre as mulheres, 14% veem exagero na ingestão.

O desagrado com o comportamento de quem bebe foi uma justificativa citado por 7% dos brasileiros que não consomem álcool.

O motivo que lidera a lista é, porém, preocupação com a saúde, citada por 34% dos entrevistados. Casos de dependência na família e medo de dependência foram citados por 8% e 7%, respectivamente, dos respondentes.

Em 2022, OMS declarou que não existe quantidade segura e mais estudos associam o consumo de álcool como fator de risco para doenças como hipertensão, depressão e câncer.

Estudos traçaram associações entre o desenvolvimento de câncer de mama em mulheres e consumo de álcool mesmo em baixas quantidades.

Há, ainda, uma associação entre consumo de álcool e envelhecimento cerebral precoce.

O segundo motivo mais citado para evitar o consumo de álcool é não gostar do sabor, caso de 21% dos respondentes. A questão religiosa fica em terceiro lugar, citada por 13% dos brasileiros que não bebem.

Entre os entrevistados evangélicos, só 27% costumam ingerir bebidas alcoólicas. O percentual sobe entre os católicos: são 58% os que dizem consumir álcool.

Entre os 51% de brasileiros que não bebem, 48% bebiam e pararam e 52% nunca beberam.

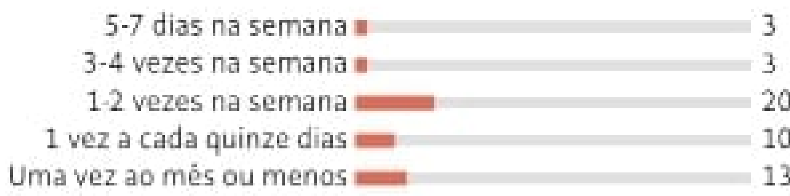
A renda também impacta o consumo. O álcool é menos comum entre os mais pobres –43% dos que tem renda familiar de até dois salários mínimos dizem beber. O percentual vai subindo nas faixas intermediárias. Entre os que ganham de dois a cinco salários mínimos, 54% dizem beber, percentual que vai a 64% entre os que ganham de cinco a dez salários mínimos.

Os mais ricos, com renda superior a dez salários mínimos, bebem menos que a faixa que os antecede diretamente: 59% afirmam consumir bebidas alcoólicas.

Metade dos brasileiros diz consumir álcool

Metade dos brasileiros com 18 anos ou mais diz consumir álcool

Frequência, em %



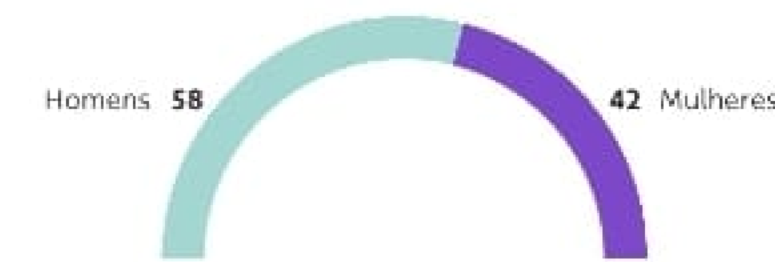
Média de consumo de álcool no Brasil foi de 4,5 doses na semana anterior à pesquisa

Número de doses, em %



Mais homens do que mulheres bebem no Brasil

Consumo por gênero, em %



Consumo de álcool é menos comum entre os mais pobres

Consumo por faixa salarial, em %



Jovens são os que mais consomem álcool no Brasil

Consumo por faixa etária, em %



Maioria dos brasileiros que bebe álcool diz que a quantidade é adequada

Percepção do consumo, em %



Saúde é principal motivo para evitar o álcool entre os que não bebem

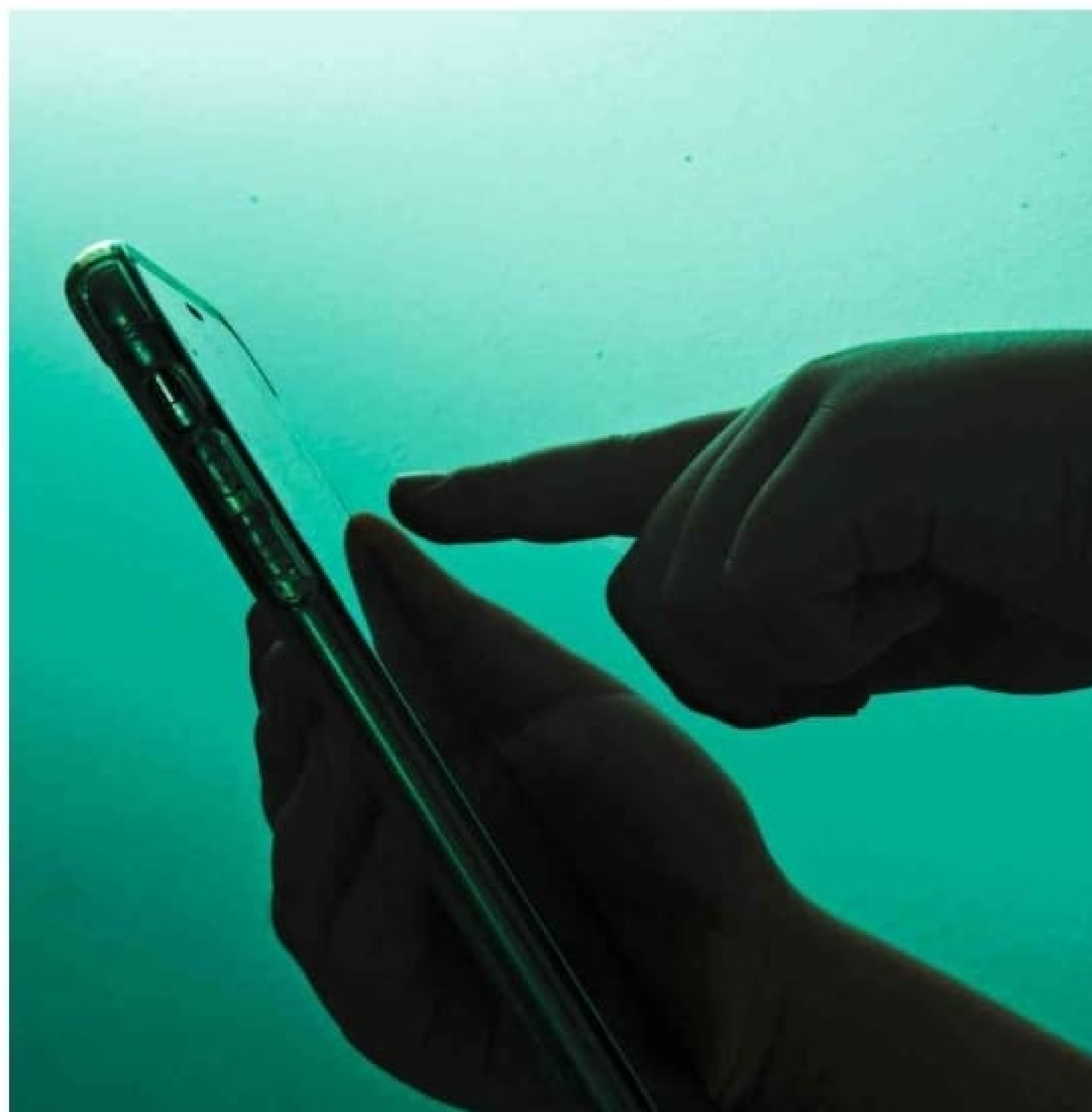
Motivo para não beber, em %



Fonte: Datafolha. Entrevistas presenciais com 1.912 brasileiros acima de 18 anos feitas entre 8 e 11 de abril em 113 municípios. Margem de erro de dois pontos para mais ou para menos

Mais Médicos abre 3.100 vagas com foco em áreas vulneráveis

Na próxima segunda (5), o Ministério da Saúde começará a inscrever interessados em participar do novo edital do Programa Mais Médicos. Das 3.174 vagas, 3.066 serão distribuídas entre 1.620 municípios e 108 destinadas a 26 Distritos Sanitários Especiais Indígenas, com foco em regiões de alta vulnerabilidade e com déficit de profissionais. As vagas contemplam, em sua maioria, regiões vulneráveis de municípios de pequeno porte (75,1%). Os médicos interessados poderão se inscrever até o dia 8 de maio.



Grupo online relatado em livro era hospedado no aplicativo Discord, criado em 2015 Karime Xavier/Folhapress

Pai relata como filha virou vítima de grupo online em novo livro

Adolescente participou de desafios de automutilação; autor quer alertar famílias sobre riscos do universo digital

Paola Churchill

SÃO PAULO Quando Paula, esposa de Paulo Zsa Zsa, morreu em decorrência de um câncer, o empresário achou que não passaria por dor maior. Mas anos depois, o grito da filha Júlia, de 13 anos, abriu uma nova ferida. A adolescente havia tentado tirar a própria vida após participar de um desafio online.

"Esse é um assunto urgente, mas não quero que minha filha sofra bullying pelo que aconteceu", diz Paulo, que decidiu escrever o livro "Aconteceu com a Minha Filha", usando um pseudônimo para preservar a identidade da família.

O estopim foi um episódio que aconteceu em 2024, na casa da família, no Rio de Janeiro. Com sono, Paulo zapeava por um serviço de streaming quando ouviu o grito que o fez despertar na hora. "Ela gritava 'Me interna, me interna, por favor, eu enlouqueci', enquanto mostrava os cortes nos braços. Foi desesperador." Ele levou a filha imediatamente ao pronto-socorro. A pré-adolescente havia tentado desenhar uma suástica no próprio rosto.

"Ela não queria falar muito sobre o que aconteceu. Só disse que era um desafio da internet que saiu do controle", relembra. Sem saber como agir, Paulo pediu à funcionária da casa, Dona Tereza, que investigasse o celular da menina. Foi assim que encontrou prints de conversas no aplicativo Discord.

Criado em 2015 e com mais de 200 milhões de usuários pelo mundo, o aplicativo tem como intuito que pessoas criem servidores privados —grupos fechados onde nem sempre há fiscalização do que é compartilhado.

Segundo Rodolfo Damiano, psiquiatra especializado em crianças e adolescentes e professor da USP, plataformas como Discord, TikTok e Instagram deixaram de ser apenas canais de consumo passivo para se tornarem ambientes de produção de identidade e busca por pertencimento. "Hoje os algoritmos mapeiam precisamente as vulnerabilidades emocionais dos usuários, criando bolhas digitais difíceis de romper, principalmente para adolescentes", diz.

No caso de Júlia, Paulo descobriu que ela participava de um grupo onde aconteciam jogos chamados "Lulz". Lá, adolescentes e alguns adultos incentivaram desafios de automutilação, humilhação pública e comportamentos de risco como entretenimento. "Eles faziam uma criança se ferir para ganhar aplausos. Minha filha foi vítima e vilã", diz Paulo.

Ele passou a investigar o que a filha fazia online. Em um dos vídeos encontrados, a jovem aparece maquiada e fantasiada em estilo cosplay, cumprindo ordens.

"Ela sentava e o sangue começava a escorrer dos cortes das pernas. Era como se estivesse sendo guiada ao vivo, fazendo tudo o que pediam." Em uma das conversas, um dos participantes, já maior de idade, fez comentários sexuais explícitos.

Depois do episódio, Paulo recolheu todos os aparelhos eletrônicos da filha e reforçou o tratamento psicológico e psiquiátrico. "Eu fiz o que pude. Tirei a internet, tirei o celular, mas sabia que isso não seria suficiente. Precisava reconstruir nossa relação de confiança", conta.

Júlia teve outras recaídas, mas hoje, segundo o pai, está bem melhor.

Casos como o dela não são isolados. Segundo dados da SaferNet Brasil, as denúncias de conteúdo violento no Discord aumentaram 272% no primeiro semestre deste ano em comparação a 2024.

Para o psiquiatra, o número de casos cresce por conta da vulnerabilidade dos adolescentes. "O cérebro ainda imaturo torna-os biologicamente mais suscetíveis a impulsos e riscos. Ao mesmo tempo, necessidades de pertencimento, reconhecimento e diferenciação, centrais na adolescência, podem ser distorcidas por grupos online problemáticos", diz.

Aconteceu Com a Minha Filha
AUTORIA Paulo Zsa Zsa (pseudônimo)
EDITORA Geração Editorial
PREÇO R$ 59,90 (176 págs.)

classificados
classificados@grupofolha.com.br
Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

IMÓVEIS
INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS
VENDO LOTE EM PRADO/BAHIA
Com 1.344 m², à Beira Mar, excelente localização, totalmente plano. Ideal para: Hotel, Pousada ou Casa alto padrão. Preço de oportunidade: R$ 600.000,00. Parcelamos parte do Valor. Zap com vídeos do local: 31-99517-0212 - Fátima

LEILÕES
LEILÃO DE ARTE E ANTIGUIDADES

#siga a folha

EMPREGOS
EMPREGADOS PROCURADOS
P
PCD - ÁREAS DIVERSAS

IMPACTO
Estamos contratando: jovem APRENDIZ
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

IMPACTO
Pessoas com Deficiência
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

HASTAS LEILÕES
LEILÃO DA JUSTIÇA DO TRABALHO TRT2
APROX. 160 IMÓVEIS
SOMENTE ON-LINE
Dias: 13 e 15/05 a partir 10h
www.hastasleiloes.com.br
TERRENOS, CASAS APTOS E OUTROS
A PARTIR DE 75% ABAIXO DA AVALIAÇÃO
INFO: 11-2367-9281 94766-3056

AUXILIAR DE LIMPEZA
LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo.
Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.
Ensino fundamental, regime de contratação CLT. Não é necessário experiência na função.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br
IMPACTO

NEGÓCIOS
ACOMPANHANTES
AMANDA

A SPDM - ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA
HOSPITAL GERAL DE GUARULHOS
Contrata:
✓ Pessoas com deficiência para áreas: Administrativas, Técnicas e Operacionais;
Médicos:
✓ Anestesiologista
✓ Clínico Geral - Unidade de P.S e Enfermaria
✓ Endoscopista
✓ Neonatologista - Unidade Neonatal
✓ Intensivista - Adulto e Pediátrico
✓ Ginecologista e Obstetra - Centro Obstétrico
✓ Oftalmologista
✓ Ortopedista
✓ Radiologista
✓ Especialista em Diagnóstico por Imagem
✓ Cirurgião: Geral, Pediátrico, Vascular.
✓ Oncológico, Plástico e Neurocirurgião
Regime CLT, próx. ao aeroporto internacional de Guarulhos. Hospital de Alta Complexidade. Interessados cadastrar o currículo em nossa página de carreira: hgg.gupy.io

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para: Motorista Manobrista Fiscal Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000

ASSINE A FOLHA
www.folha.com/assine

Eufrázio

ciência



Portas alinhadas em Pueblo Bonito, no Chaco Culture National Historical Park, Novo México (EUA)
Brian W. Schaller / Wikimedia Commons

Mistério de prédios deixados no deserto é iluminado por indígenas e DNA antigo

Além de pesquisadores da Europa, dos EUA e do Brasil, indígenas americanos também assinam pesquisa, colaboração ainda rara

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Há cerca de 800 anos, construções majestosas de vários andares no deserto do Novo México (EUA) foram abandonadas para sempre por seus ocupantes, mas uma nova análise de DNA indica que esse povo não desapareceu. De acordo com os dados genômicos, indígenas que ainda habitam a região hoje têm parentesco próximo com os antigos arquitetos.

A continuidade entre o passado remoto e o presente dos nativos americanos foi comprovada numa pesquisa que acaba de sair na revista científica Nature, uma das mais importantes do mundo. O trabalho tem entre seus autores os brasileiros Thomaz Pinotti e Fabrício Santos, da UFMG, e é fruto de uma colaboração ainda pouco comum entre cientistas e povos originários.

Isso porque o artigo também é assinado por representantes da nação tribal Picuris Pueblo, o grupo que provavelmente descende dos construtores do deserto.

"O estudo só existe por causa da relação de confiança de três décadas entre um dos coautores, o Mike Adler, que é um arqueólogo do Texas [da Universidade Metodista do Sul], com os indígenas. Em especial o Richard Mermejo, que trabalhou muito tempo com os cientistas, fazendo essa ponte entre a cultura indígena e a pesquisa, e que infelizmente morreu em 2024", explicou Pinotti à **Folha**. "Então, a gente entrou nessa história com gente já muito escolada, e o processo foi suave."

A colaboração também partiu do pressuposto de que o grupo indígena tinha o direito de tomar decisões sobre a continuidade ou encerramento do trabalho, já que os pesquisadores estavam trabalhando com material genético dos ancestrais deles.

"Tudo passava pelo conselho tribal", diz Pinotti, com doutorado na UFMG e na Universidade de Copenhague, sendo orientado conjuntamente por Fabrício Santos e Eske Willerslev.

"Quando fui defender o doutorado em Copenhague, o pessoal me perguntou se eu estava nervoso, eu respondi que, depois de apresentar o trabalho sobre a história do povo de Picuris para eles mesmos, eu estava muito tranquilo", brinca ele. "O que a história oral indígena diz e o que o DNA mostra são coisas que nem se validam, nem se contradizem, mas são histórias paralelas."

Tanto as narrativas tradicionais da população de Picuris Pueblo quanto a arqueologia já indicavam uma possível relação com os responsáveis pelas construções do chamado Chaco Canyon, entre as quais se destaca a famosa "grande casa" de Pueblo Bonito, com múltiplas portas alinhadas.

Para alguns especialistas, o abandono da região teria sido resultado da exploração exagerada dos recursos naturais por volta de 1150 d.C., com perda da fertilidade do solo e lutas entre os grupos da região levando a um colapso populacional.

No novo estudo, os pesquisadores analisaram o DNA de 16 antigos habitantes do território de Picuris Pueblo, que morreram entre 700 anos e 500 anos atrás. Também estudaram o genoma de 13 membros atuais da comunidade e compararam esses dados com o DNA de quase 600 indígenas das Américas e da Sibéria, antigos e atuais. O mais importante é que essa amostragem para comparação incluía justamente o material genético de antigos habitantes de Pueblo Bonito.

O resultado: entre todos os povos indígenas avaliados, o grupo de Picuris tem a maior semelhança, em seu DNA, com os de Pueblo Bonito. Um dado intrigante apareceu na análise do mtDNA ou DNA mitocondrial, transmitido apenas pelo lado materno, de mãe para filha ou filho.

Em um dos sepultamentos de Pueblo Bonito, havia variante bastante rara de mtDNA presente em vários indivíduos, o que sugeriu a presença de uma espécie de antiga dinastia materna. Entre o povo de Picuris, havia um indivíduo moderno que carregava essa mesma variante.

De quebra, a diversidade genética do grupo pôde ser usada para investigar se houve algum tipo de redução populacional antes da chegada dos europeus. "Nossos dados não mostram absolutamente nenhum sinal [de colapso pré-colombiano]", diz Pinotti.

O pesquisador brasileiro ressalta que a arqueologia já indicava que não tinha ocorrido um colapso repentino da civilização.

"Pueblo Bonito foi intencionalmente abandonado, porque há aposentos que foram cuidadosamente selados e incendiados com oferendas dentro. Foi uma coisa super ordenada", diz ele.

Resta saber o porquê.

O mergulho evolutivo das mulheres do mar

Tradição de ilha fez com que seleção natural moldasse DNA de pescadoras

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Faz séculos —e provavelmente milênios— que elas são conhecidas como Haenyeo, "as mulheres do mar". É bem possível que estejamos falando da última geração de sua ilha a receber esse apelido, já que a idade média das Haenyeo de hoje é de 70 anos. Não há mais quem encare levar a vida semiaquática que as caracterizou por tanto tempo. Mas, mesmo quando todas já tiverem partido, filhas, netas e bisnetas continuarão a carregar em seu material genético as marcas de seus superpoderes marinhos.

Com efeito, ainda que não tenham aprendido a respirar debaixo d'água, as mulheres mergulhadoras da ilha de Jeju, a 80 km da Coreia do Sul continental, tiveram algumas das bases de seu metabolismo alteradas pela convivência de gerações com o mar.

Algumas das pistas acerca desse processo foram descritas num estudo que acaba de sair na revista científica Cell Reports. No trabalho, pesquisadores liderados por Melissa Ilardo, da Universidade de Utah, mostraram que, tanto do ponto de vista fisiológico quanto do genético, as mulheres do mar de Jeju carregam uma herança bastante especial.

O costume das Haenyeo, transmitido de mãe para filha desde tempos imemoriais, é mergulhar ao longo de todo o ano à cata de mariscos, pepinos-do-mar e outros recursos alimentares. Elas não costumam descer a profundidades superiores a 10 metros, e o tempo médio de cada um dos mergulhos fica em torno dos 30 segundos, mas repetem a operação ao longo de até 5 horas diárias. E fazem isso inclusive quando estão grávidas, até o fim da gestação.

O costume das Haenyeo, transmitido de mãe para filha desde tempos imemoriais, é mergulhar ao longo de todo o ano à cata de mariscos, pepinos-do-mar e outros recursos alimentares

Experimentos comparando as Haenyeo com suas vizinhas da ilha que não mergulham e com mulheres da capital sul-coreana, mostraram que seu organismo funciona de um jeito peculiar.

Numa simulação de mergulho (enfiar a cara num balde de água fria e prender a respiração), o coração delas passa a bater muito mais devagar de repente, estratégia comum para minimizar o consumo de oxigênio, e algo que não acontece com as coreanas de fora da ilha. Um dos parâmetros associados à pressão do sangue também é mais alto entre elas, o que também facilitaria a oxigenação do cérebro durante o mergulho.

A comparação do genoma (conjunto do DNA) das nativas de Jeju com a de outros grupos dentro e fora da Coreia ajuda a entender o porquê dessas diferenças. Primeiro, a ilha passou por um considerável isolamento de milênios, fazendo com que sua população fosse consideravelmente diferente dos demais coreanos em termos genéticos.

Mas não é só isso. A pesquisa também flagrou alterações sutis, mas significativas, em áreas do DNA ligadas à produção de glóbulos vermelhos do sangue (os quais, é claro, transportam oxigênio e gás carbônico), à resistência à sensação de frio (muito útil quando você passa muito tempo debaixo d'água) e, mais uma vez, ao controle da pressão sanguínea.

É incrível, sem dúvida, mas as mulheres do mar são só um microcosmo de muitas outras histórias espalhadas pelo planeta. Cada novo ambiente transformado em habitat da nossa espécie continua impactando a evolução da nossa biologia. Ao transformar o mundo, ele também nos transforma até o fundo do DNA. Como diz aquela peixinha do desenho animado, continuemos a nadar.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel SAB. Marcia Castro

Campeão da F2, Drugovich vê na equipe Cadillac chance de ter uma 'merecida vaga' na F1

Piloto luta para ampliar a presença do Brasil na principal categoria do automobilismo a partir da próximo ano em escuderia estreante

Rodrigo França

SAKHIR (BAHREIN) Mesmo campeão com sobras da F2 em 2021, Oscar Piastri ficou sem uma vaga de piloto titular na F1 em 2022. O australiano teve de esperar um ano e agora contabiliza 50 GPs na principal categoria do automobilismo. Vencedor do GP do Bahrein no último fim de semana, passou a ser apontado como um dos favoritos ao título.

A história inspira Felipe Drugovich. Campeão da F2 em 2022, o brasileiro também ficou sem um lugar na categoria de cima na sequência. Conseguiu apenas, a partir de 2023, um posto como piloto reserva e de testes da Aston Martin na F1.

Nas últimas semanas, o nome do paranaense de 24 anos ganhou destaque internacional ao ser vinculado a uma vaga na equipe Cadillac, que estreará em 2026 com apoio da Chevrolet. Drugovich já é piloto da marca nas competições de longa duração, como as 24 Horas de Le Mans.

"Estamos conversando, mas é natural que muitos pilotos estejam conversando, porque são duas novas vagas no grid para o ano que vem", disse o brasileiro, em entrevista à **Folha** no Bahrein, onde participou de um dos treinos livres no lugar do espanhol Fernando Alonso.

A concorrência é grande para o novo time da F1. Pilotos experientes como o mexicano Sergio Pérez e o finlandês Valtteri Bottas estão cotados. Colton Herta, estrela da Indy, também.

Outra hipótese para o Brasil voltar a ter dois representantes na elite do esporte –Gabriel Bortoleto, 20, é titular da Sauber– é na própria Aston Martin.

Alonso tem contrato para o próximo ano, mas a baixa performance do time nas primeiras corridas deste ano pode fazer o espanhol pensar em outros rumos para 2026. Também não se sabe até quando o dono do outro carro, o canadense Lance Stroll, manterá sua motivação em continuar no time que tem o pai como principal acionista.



Lance Stroll e Felipe Drugovich, ambos pilotos da equipe Aston Martin, em um treino feito antes do GP de Bahrein Fadel Senna - 11.abr.2025/AFP

Drugovich esteve perto da estreia da F1 em 2023. Stroll sofreu um acidente de bicicleta e perdeu os treinos de pré-temporada, mas acabou fazendo o GP do Bahrein. "Essa corrida teria mudado toda a minha carreira", disse.

Ele não guarda arrependimento de ter ficado fora das principais academias de pilotos. Andrea Kimi Antonelli, da Mercedes, Isack Hadjar, da Red Bull, e Jack Doohan, hoje na Alpine, são exemplos de pilotos de programas de jovens talentos que entraram no grid em 2025.

"Foi a decisão certa. Depende muito da relação com a academia de pilotos. Algumas vão te dar tudo, mas te impedem de ter chances em outros times. Sou piloto reserva da Aston Martin, sem ter débito com a equipe", afirmou.

Drugovich sente a chance de estrear em 2026. Em 2024, pela primeira vez em mais de 70 anos, não houve mudança no grid de um ano para o outro. Já para esta temporada, há seis "novatos".

"Sendo campeão da F2 em 2022, eu tenho consciência de que a gente vai perdendo força a cada ano que se passa. Mas estou muito mais preparado e em forma agora do que no passado", diz. "Sou o novato com mais experiência na F1 inteira."

"Toda vez que estou no carro eu tenho o mesmo ritmo dos titulares, se não mais rápido. Penso em ter uma vaga no futuro."

Para isso, ele conta com a ajuda do público brasileiro.

"O torcedor tem que torcer e fazer barulho, mostrar que a torcida brasileira é a melhor que tem", diz. "A gente tem que ter a postura por fora de sorrir e mostrar que está tudo bem, mas não vou ficar contente enquanto não tiver minha vaga aqui e esgotar minhas chances."

Sabalenka bate Gauff por 2 sets a 0 e vence WTA 1000 de Madri

SÃO PAULO A tenista Aryna Sabalenka venceu o WTA 1000 de Madri neste sábado (3). Com vitória sobre a americana Coco Gauff, a atleta da Belarus se mantém na liderança no ranking da WTA.

Aos 26 anos, Sabalenka chegou ao 20º troféu de sua carreira e o terceiro na temporada.

A líder do ranking da WTA tem mais de 3.000 pontos de vantagem sobre a vice-líder, a polonesa Iga Swiatek.



A tenista da Belarus Aryna Sabalenka, de 26 anos, vence WTA 1000 de Madri Oscar del Pozo/AFP

O que será de Lamine Yamal?

Menino de 17 anos do Barcelona parece destinado a ser o novo rei do futebol

Juca Kfouri
Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A vida é dura, os caminhos são traiçoeiros, muitas vezes o que parece não é, e o esporte, o futebol em particular, abriga centenas de histórias que começaram promissoras e terminaram decepcionantes.

Para citar um caso, que ficou longe do que prometia, basta lembrar de Alexandre Pato.

Para quem vê futebol, e tem memória forte do que viu desde meados dos anos 1950, o caso eternizado será sempre o do Rei Pelé, que estreou como profissional aos 15 anos no Santos e foi campeão mundial pela seleção brasileira antes de completar 18.

Gênios como Cruyff, Maradona, Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar, Mbappé, que iniciaram suas fabulosas carreiras profissionais antes da maioridade, são raros e por isso chegaram, ou quase, ao topo do pódio, como números 1 do ofício que escolheram para brilhar.

Neymar não chegou e Mpabbé ainda poderá chegar, embora nesta temporada tudo indique que o vencedor será Salah, a menos que uma estrela nascente com ares de Sol atravesse seu destino.

Sim, o catalão Lamine Yamal, que completará 18 anos em julho, desponta como próximo rei do futebol. Pode haver precipitação, pode ser entusiasmo exagerado pelo que o menino fez no primeiro tempo do jogo entre Barcelona e Internazionale, pode ser apenas o desejo de ver nascer mais um fora de série nas últimas sete décadas.

Pode haver precipitação, pode ser entusiasmo pelo que o menino fez no primeiro tempo do jogo entre Barcelona e Internazionale, pode ser apenas o desejo de ver nascer mais um fora de série nas últimas sete décadas, pode ser

Não haverá surpresa se, depois que Pelé virou lenda, Yamal ocupar o trono como o mineiro de Três Corações.

Filho de pai marroquino e mãe guiné-equatoriana, o talento, a personalidade e a coragem fazem dele uma espécie de Garrincha de pernas retas.

Acreditem raras leitoras e raros leitores, o Anjo das Pernas Tortas ficou em patamar muito próximo ao do Rei Pelé, apesar do auge ter sido relativamente curto.

A Catalunha de Adriá, Caballé, Dalí, Gaudí, Guardiola, Miró e Xavi tem um novo tesouro.

Dureza à vista

Se a primeira rodada da Copa do Brasil em sua terceira fase valer para alguma coisa pode-se prever sofrimento para os 16 times da Série A do futebol brasileiro em embates contra os das séries B, C e D.

Só Botafogo e Cruzeiro ganharam por mais de um gol de diferença. Fluminense, Bahia, graças à arbitragem, Inter, Flamengo, São Paulo e Corinthians venceram por apenas um. Vasco, Fortaleza, Atlético Mineiro, graças ao apito, e Santos empataram. Grêmio e Bragantino perderam.

No único jogo entre dois times da Série A, de dificuldade óbvia, o Palmeiras se deu muito bem ao derrotar o Ceará, em Fortaleza.

Juventude, Sport e Vitória ficaram pelo caminho, nem chegaram à terceira fase, e a maior parte dos grandões usou times mistos.

Independentemente disso, as dificuldades iniciais revelam com clareza como o preparo físico, a ocupação de espaços, o conhecimento dos adversários e, com frequência, os maus gramados, servem para equilibrar jogos que poucos anos atrás eram fáceis.

Tostão
Excepcionalmente, o colunsta não escreve nesta semana

DOM. Tostão, Juca Kfouri **SEG. Juca Kfouri**
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SÁB. Marina Izidro



Apagão atinge Europa e provoca transtornos em Portugal e na Espanha

Público deixa ginásio em Madri durante blecaute na segunda (28), que causou caos no transporte público, atrasou voos e limitou atendimento no sistema de saúde; os países trabalham em conjunto para descobrir a causa da falta de luz, a maior da Europa em duas décadas Violeta Santos Moura/Reuters

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Escândalo no INSS e acordo sobre 8/1 marcam semana

Noticiário repercute investigação de esquema nacional de descontos indevidos em aposentadorias e negociação da pena de condenados por atos golpistas de 2023; veja dicas



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Apagão atinge parte da Europa e gera caos em transporte e comunicação

Um apagão atingiu partes da Europa, especialmente Espanha e Portugal, nesta segunda-feira (28), gerando caos no transporte público, no sistema de saúde e queda no sinal de celular. A operadora de distribuição de energia portuguesa aponta como causa um fenômeno atmosférico raro, produzido por variações de temperatura no interior da Espanha.

De Brasília, a repórter Constança Rezende relata que a Polícia Federal negou ao presidente demitido do INSS Alessandro Stefanutto informações a respeito de investigações sobre descontos irregulares de beneficiários do órgão.

3ª

Acordo entre Congresso e STF sobre 8/1 prevê pena menor para crimes praticados por multidão

De Brasília, os repórteres Bruno Boghossian e Cézar Feitoza relatam a negociação envolvendo o Congresso e o Supremo Tribunal Federal para reduzir as penas de condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023. A proposta prevê uma alteração na lei para aplicar penas menores para aqueles que estiveram nos atos, mas não tiveram papel de planejamento ou financiamento.

Conheça também quais são as empresas vencedoras do prêmio O Melhor de São Paulo 2025. A pesquisa realizada pelo Datafolha indica os melhores serviços da capital em 39 segmentos, como saúde, compras e educação.

4ª

'Careca do INSS' recebeu R$ 53,5 mi de entidades e atuou para liberar descontos, diz PF

De Brasília, o repórter Mateus Vargas escreve sobre o papel de Antônio Carlos Camilo Antunes, o "Careca do INSS", apontado em investigação como "epicentro da corrupção ativa". Ele recebeu R$ 53,58 milhões de entidades associativas e de intermediárias, segundo a Polícia Federal.

Destaco também reportagem sobre a produção cinematográfica do Brasil abordando a ditadura. Um levantamento realizado pela **Folha** mostra que o país produziu menos filmes com essa temática do que a Argentina e o Chile.

6ª

Segundo inquérito, agente da Polícia Federal facilitou trânsito de suspeitos do INSS

De Brasília, o repórter Ranier Bragon relata que a investigação da Polícia Federal sobre a suspeita de fraude no INSS encontrou US$ 200 mil (R$ 1,1 milhão) durante uma busca e apreensão contra um agente da corporação. O relatório da PF também listou vídeos do agente Philipe Roters Coutinho conduzindo dois investigados em área restrita do aeroporto de Congonhas, em 2024.

Recomendo também texto de Patrícia Campos Mello sobre uma cabeleireira transgênero brasileira que foi presa por agentes da imigração tentando entrar nos Estados Unidos e ficou detida na prisão de Guantánamo em uma ala destinada a homens.

Devido ao feriado, a newsletter não circulou na quinta-feira (1º)

FRASES DA SEMANA

Que vai ter coisa errada, vai, com certeza. Muitas instituições abusaram e devem pagar por isso. Os beneficiários têm que ser restituídos. Mas não pode generalizar, senão a gente instaura um tribunal de inquisição

Carlos Lupi
então ministro da Previdência Social, na segunda (27), sobre crise no INSS, dias antes de deixar o cargo

Da primeira vez eu tinha duas coisas para fazer, mandar no país e sobreviver [...] Nesta segunda vez, eu mando no país e no mundo

Donald Trump
presidente dos EUA, ao The Atlantic, na segunda (28), sobre seu governo

Quando Heloísa Teixeira foi eleita, ela lembrou que era a décima mulher a entrar na ABL. Eu quero seguir os passos como a 12ª —o que é pouco para uma história de 128 anos

Miriam Leitão
jornalista, na quarta (30), após ser eleita para a ABL

A gente não desiste nunca porque tem muita fé e esperança de dias melhores

Patrícia da Rocha
enfermeira, na quarta (30) sobre retomar vida, um ano após perdas nas enchentes no RS

Muita gente quer ficar com a família, mas trabalha até no fim de semana

Flávia da Silva
auxiliar de produção, na quinta (1º), em protesto no Dia do Trabalhador, sobre escala 6x1

Eufrázio

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2025 B1

ilustríssima ilustrada

Não espere sentado

Segundo a OMS, o sedentarismo vai alcançar o cigarro no número de mortes precoces e evitáveis no nosso século. Ficar sentado 8 horas por dia pode gerar 'amnésia' dos glúteos B4 e B5

➔ Poesia brasileira perdeu a fúria, disse Affonso Romano B8

➔ Revisionismo ocidental apaga papel decisivo da URSS na 2ª Guerra B14



Ilustração
Julio Lapagesse

Eufrázio

MÔNICA BERGAMO
monica.bergamo@grupofolha.com.br

Mika Lins

Atores são precarizados desde Shakespeare, mas teatro não será substituído

Diretora de teatro e atriz conta que descobriu durante a pandemia como poderia ensinar outras pessoas a conquistar o público por meio da leitura em voz alta

Por **Laura Intrieri**



A diretora de teatro e atriz Mika Lins em seu apartamento no centro de São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

O que começou como um experimento online no auge do isolamento da pandemia se tornou uma carreira —e, mais importante do que isso, um "ótimo pagador de boletos"— para a diretora de teatro e atriz Mika Lins.

☆

Em seu apartamento no 28º andar do Copan, no centro de São Paulo, com vista panorâmica para a serra da Cantareira e o skyline da cidade, ela recebe a coluna com bolo de limão caseiro. E conta como transformou décadas de experiência teatral em uma profissão inédita. No curso Ler em Voz Alta, a diretora ensina pessoas a trabalhar com sua voz e conquistar o público através da leitura, seja em podcasts, audiobooks ou na vida profissional. "Deve ter mais alguém [atuando no mesmo campo profissional], mas ainda não conheço", diz ela.

☆

Mika estreou nos palcos como atriz em 1984, em "A Casa de Bernarda Alba". Atuou em produções teatrais como "Cacilda" (1998), dirigida por Zé Celso, e "Frankensteins" (2002), sob comando de Jô Soares. Após protagonizar o monólogo "Memórias do Subsolo" (2009-2010), de Dostoiévski, migrou para a direção teatral.

☆

"A direção me colocou em um lugar em que gosto mais de estar. Não tive mais saudade de trabalhar como atriz, nunca mais lembrei que eu era atriz", diz. O ponto de virada veio logo no início do isolamento social na pandemia. Ao ver pessoas compartilhando leituras nas redes sociais, decidiu transformar sua experiência em algo estruturado. "Criei um curso de cinco dias, e a turma encheu rapidinho." Os módulos seguintes da formação atraíam profissionais como professores, executivos e advogados de diferentes estados do Brasil.

☆

Em paralelo ao desenvolvimento do curso, ela e o marido, o cineasta Sérgio Glasberg, tentavam transformar um livro em série de podcast. O projeto não deu certo, mas, entre uma reunião e outra, abriu as portas para que a Rádio Novelo, produtora de áudio, a convidasse para dirigir um de seus programas.

☆

Desde então, Mika dirigiu narrações para outros podcasts e audiobooks. Na editora Fósforo, ela comanda um clube de leitura e assina a direção de versões em áudio de obras.

☆

Para ela, o sucesso no trabalho com voz vem da autenticidade —e é nesse ponto que ela mesma aponta um paradoxo no momento atual. Modelos de inteligência artificial (IA) ficam cada vez melhores em imitar vozes humanas e criar narrações quase perfeitas. A presença humana autêntica, por outro lado, continua tendo um valor distinto.

☆

"A IA vai substituir médico, professor, fotógrafo, nossa, coitado de você [se referindo ao fotógrafo da **Folha** Eduardo Knapp, que se equilibrava para fazer registros da atriz entre gestos e mudanças de posição durante a conversa]."

☆

"Só acho que tem uma área em que a IA não vai reinar: o teatro. Como você vai substituir um ator ao vivo? Nem que você use um holograma", afirma. "A Fernanda Montenegro fazendo aquela leitura no [parque] Ibirapuera, aquela sensação, não tem como substituir."

☆

A atriz de 95 anos fez uma série de leituras dramáticas no ano passado, com sessões esgotadas. No parque paulistano, atraiu cerca de 15 mil pessoas.

☆

Para Mika Lins, não é necessariamente a chegada da IA que representa problemas para a classe artística.

☆

"Essa precarização não aconteceu essa semana, não", diz. "Mesmo antes da internet. Quem tinha contrato de trabalho? Ator da Globo ou do SBT". "Não há novidade, desde Shakespeare é assim. Agora, a gente [enquanto classe artística] não é capaz de brigar. 'Tô bem com o meu contrato na TV, que se lasque o mundo', entendeu?."

☆

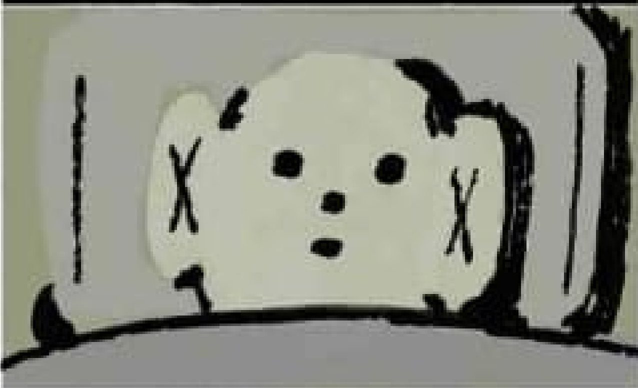
Quando se levanta para se dedicar à sessão de fotos que será feita em seu apartamento, comenta outra transformação em sua vida. "Agora que emagreci 40 quilos, meu amor, eu tô tão feliz", diz.

☆

Ela se adianta à pergunta inevitável. "Não foi Ozempic, não. [Só consumia] 800 calorias por dia. Nunca furei a dieta. Mas agora tenho que ficar bem atenta. Se bobear, como esse bolo inteiro."

QUADRÃO

João Montanaro

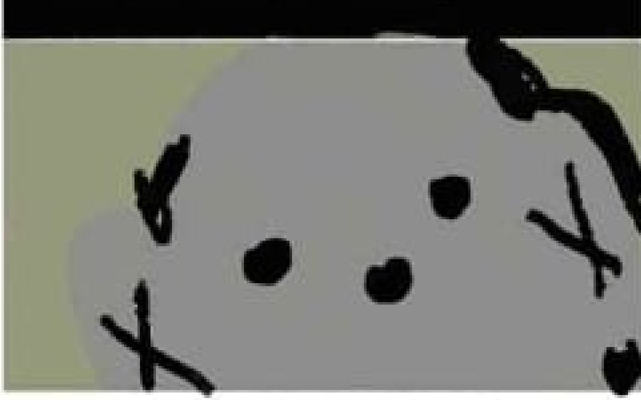




















DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angel, Laerte

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

	8			1				
	9			4			3	1
1		6			5			9
9		3					5	4
		7				9		
8	1					7		3
3			8			2		6
6	5			2			1	
				3			9	

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	8	4	9	1	3	6	7	5
7	9	5	6	4	2	8	3	1
1	3	6	7	8	5	4	2	9
9	6	3	2	7	8	1	5	4
5	4	7	3	6	1	9	8	2
8	1	2	5	9	4	7	6	3
3	7	1	8	5	9	2	4	6
6	5	9	4	2	7	3	1	8
4	2	8	1	3	6	5	9	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. O ponto mais distante do Sol na órbita de um planeta / Em música, abreviatura de fortíssimo **2.** (Inform.) Vínculo, ligação / Cobertura para os ombros **3.** (Ingl.) Deus / (Pop.) Homem vistoso, atraente pelo seu físico **4.** Parte do canal que une a faringe ao estômago **5.** Lado contrário à esquerda **6.** Amaciar **7.** Que fabrica redes de fios de metal **8.** Inquérito Policial Militar / A peça que faz furos para parafusos **9.** O músico mineiro Ilustrada (1928-2003) / O estilo musical de Criolo e "Racionais MC's" **10.** Arbusto de folhas com odor desagradável e propriedades diuréticas, sedativas e antiespasmódicas **11.** Presságio, vaticínio / Tom Zé, músico baiano **12.** Corpo de Bombeiros / Arbusto que se cultiva como ornamental **13.** Em pontuação, cada uma das partes do parêntese / O metal da medalha do primeiro colocado.

VERTICAIS

1. Pulseira para detido / (Pop.) Mau cheiro **2.** Cabos de energia / Parte da carroceria que protege o motor do veículo / Grã-Bretanha **3.** (Bot.) Relativo à camada mais interior do córtex **4.** Leandro Karnal, filósofo / A cassete era usada para reprodução de músicas / O signo do zodíaco que vai de 21/04 a 20/05 **5.** Mal-educado **6.** Tratar com o elemento químico O / Autômato mecânico controlado por tecnologia digital **7.** Aquela que ajuda, patrocina / O símbolo químico do lutécio **8.** Pudim de leite e ovos, assado em forno / (Anat.) Proeminência da ponta superior do fêmur **9.** O técnico Vicente, campeão mundial de futebol em 1958 / Jovem.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1							■		
2					■				
3				■					
4								■	
5		■							
6									■
7	■								
8				■					
9						■			
10		■							
11							■		
12			■						■
13					■				

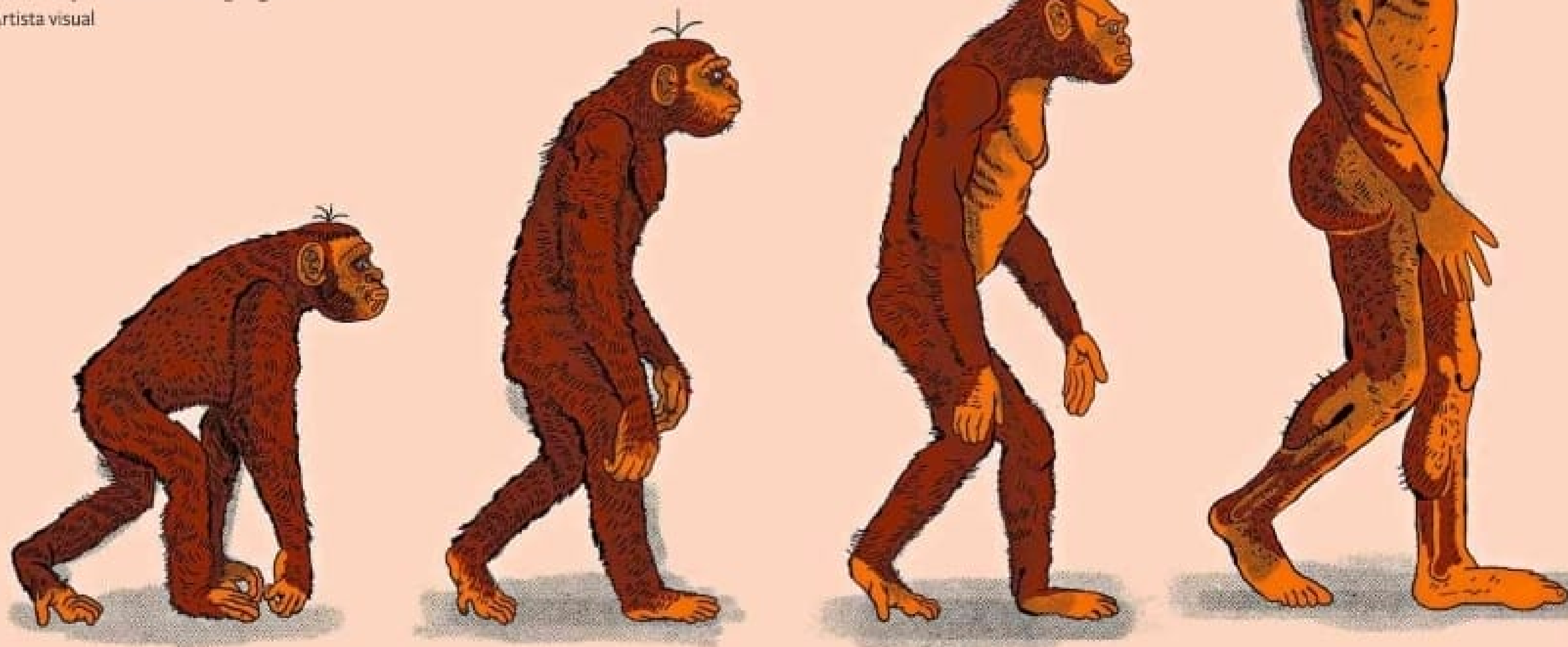
HORIZONTAIS: 1. Afélio, FF, **2.** Link, Xale, **3.** God, Tipão, **4.** Esôfago, **5.** Direita, **6.** Acetinar, **7.** Aramador, **8.** IPM, Broca, **9.** Noite, Rap, **10.** Coirana, **11.** Agouro, TZ, **12.** CB, Roble, **13.** Arco, Ouro. **VERTICAIS: 1.** Algema, Inhaca, **2.** Fios, Capô, GBR, **3.** Endodérmico, **4.** LK, Fita, Touro, **5.** Tarimbeiro, **6.** Oxigenar, Robô, **7.** Apoiadora, Lu, **8.** Flã, Trocânter, **9.** Feola, Rapaz.

Homo sedentarius

[RESUMO] Ficar muito tempo sentado é tão prejudicial à saúde quanto fumar —e não importa o que você faça enquanto está sentado, se é por trabalho ou por lazer, por preguiça ou mesmo falta de opção. Segundo a OMS, o sedentarismo vai alcançar o cigarro no número de mortes precoces e evitáveis no nosso século, 800 milhões de pessoas

Por **Teté Ribeiro**
Jornalista, autora de "Minhas Duas Meninas", "Divas Abandonadas" e dois guias de Nova York. Foi apresentadora do programa "Saia Justa" e editora da revista Serafina

Ilustração **Julio Lapagesse**
Artista visual



Vamos ao pior de tudo logo de cara, que assustados costumamos agir. Ou, pelo menos, prometemos mudar os hábitos nocivos na próxima segunda-feira. Ei-lo: mesmo quem vai à academia religiosamente ou corre dez quilômetros toda manhã e depois passa a maior parte do resto do dia sentado é considerado um sedentário.

A palavra sedentário, aliás, vem do latim "sedentarius", que significa "aquele que permanece sentado", derivado de "sedere", que significa "sentar". Originalmente, o termo era usado para descrever pessoas ou estilos de vida associados a pouca movimentação física —como agricultores fixos em um lugar (em contraste com povos nômades). Com o tempo, passou a ser usado especialmente para descrever hábitos de vida com pouca atividade física, como passar muito tempo sentado ou inativo.

"Na medicina de estilo de vida, se você passa oito horas por dia sentado, não importa se faça ginástica programada sete dias por semana, você tem um comportamento sedentário. Isso será um indicativo para problemas crônicos de saúde", diz a fisioterapeuta Valdirene Morette Canhestro.

Canhestro é especializada em RPG (reeducação postural global) e tem pós-graduação em medicina do estilo de vida. É a primeira —e, até agora, a única— fisioterapeuta do Brasil certificada em medicina de estilo de vida pela IBLM (International Board Lifestyle Medicine), uma organização internacional sediada na Califórnia que tem a missão de padronizar e certificar profissionais de saúde nessa modalidade.

Por sua vez, a medicina de estilo de vida é uma abordagem médica focada na prevenção, no tratamento e até na reversão de doenças crônicas por meio da modificação de hábitos cotidianos. Já ouviu falar em boa alimentação, exercício físico, bom sono, gerenciamento de estresse, vida social e não a substâncias tóxicas? Pois são esses os pilares da medicina de estilo de vida.

Até agora. A partir de diversos estudos publicados nos últimos anos, vai ter que incluir mais um mandamento: não passar muito tempo sentado. "Assim como a circunferência abdominal é um fator de risco para problemas cardiovasculares, mesmo que a pessoa seja magra, se ela tem uma circunferência abdominal maior do que deveria (80 cm para mulheres, 94 cm para homens), tem esse risco. O estar sentado já é, hoje, considerado um fator de risco à parte", afirma a fisioterapeuta.

"Essa informação é relativamente nova para mim, surgiu no meu horizonte há quatro, cinco anos", diz Drauzio Varella, médico, escritor e colunista da **Folha**. "Tem muitas coisas que a gente sente no corpo, mas que levam um tempão para serem demonstradas cientificamente. Por exemplo, eu corro e, já nos anos 1990, eu dizia que a atividade física é antidepressiva e ansiolítica. Mas toda vez que eu discutia isso com os psiquiatras naquela época, eles diziam: 'Não, Drauzio, não existe essa informação, não tem nenhuma evidência científica'."

"Hoje, a gente sabe que são liberadas pequenas moléculas na contração muscular —as endorfinas são as mais famosas, mas não são só elas—, e essas moléculas atravessam a barreira hemo-liquida, que existe entre o sangue e o liquor, e elas agem no sistema nervoso central, no centro de recompensa. Isso dá uma tranquilidade e existe um substrato molecular que justifica", completa.

"A história da nossa vida é a história do movimento", afirma o ortopedista Rafael Ortiz. "Somos herdeiros genéticos de uma grande cadeia evolutiva de indivíduos que se habituaram a se movimentar. Nosso corpo é preparado para isso. Temos centenas de ossos, músculos, tendões, ligamentos cobertos por uma pele elástica que permite que a gente se mova para um lado e para o outro. É contra a natureza passar tanto tempo sentado."

Mas não é que esse comportamento seja novidade. Poupar energia, ou seja, ficar sentado em vez de em movimento ou mesmo jogado em um sofá na frente de uma tela, na sua versão mais atual e realista, são instintos tão naturais quanto sexo e comida, que um dia foram essenciais para a nossa sobrevivência, assim como a capacidade de estocar gordura. Esse tempo, no entanto, ficou para trás.

Então, por que nosso corpo não se adaptou às mudanças de comportamento? Por que não encurtaram nossas pernas, nossos braços, nossos pescoços? Por que, ó céus, não afinaram de vez nossas cinturas?

"As mudanças genéticas acontecem por causa de pressão de seleção. Elas não acontecem porque alguma coisa não tem mais uso, e sim porque o indivíduo que tem uma modificação corporal que facilita a vida dele tende a deixar mais herdeiros. Coisas que não atrapalham continuam existindo", afirma Ortiz.

Além do que, essas coisas demoram a se manifestar. Nós somos mais ou menos os mesmos há 300 mil anos. As últimas alterações genéticas significativas na nossa espécie aconteceram há cerca de 10 mil anos, impulsionadas principalmente pelo surgimento da agricultura e pela domesticação de algumas espécies animais.

As mais perceptíveis são a tolerância à lactose na vida adulta, a adaptação a altitudes elevadas e a maior resistência a doenças infecciosas. Não é que a evolução humana esteja estagnada, esse processo não para nunca. Talvez estejamos selecionando novas gerações de pessoas resistentes a alimentos ultraprocessados, com olhos adaptados à luz artificial das telas e com sistema respiratório imune à poluição. Pena que não vamos estar aqui para ver.

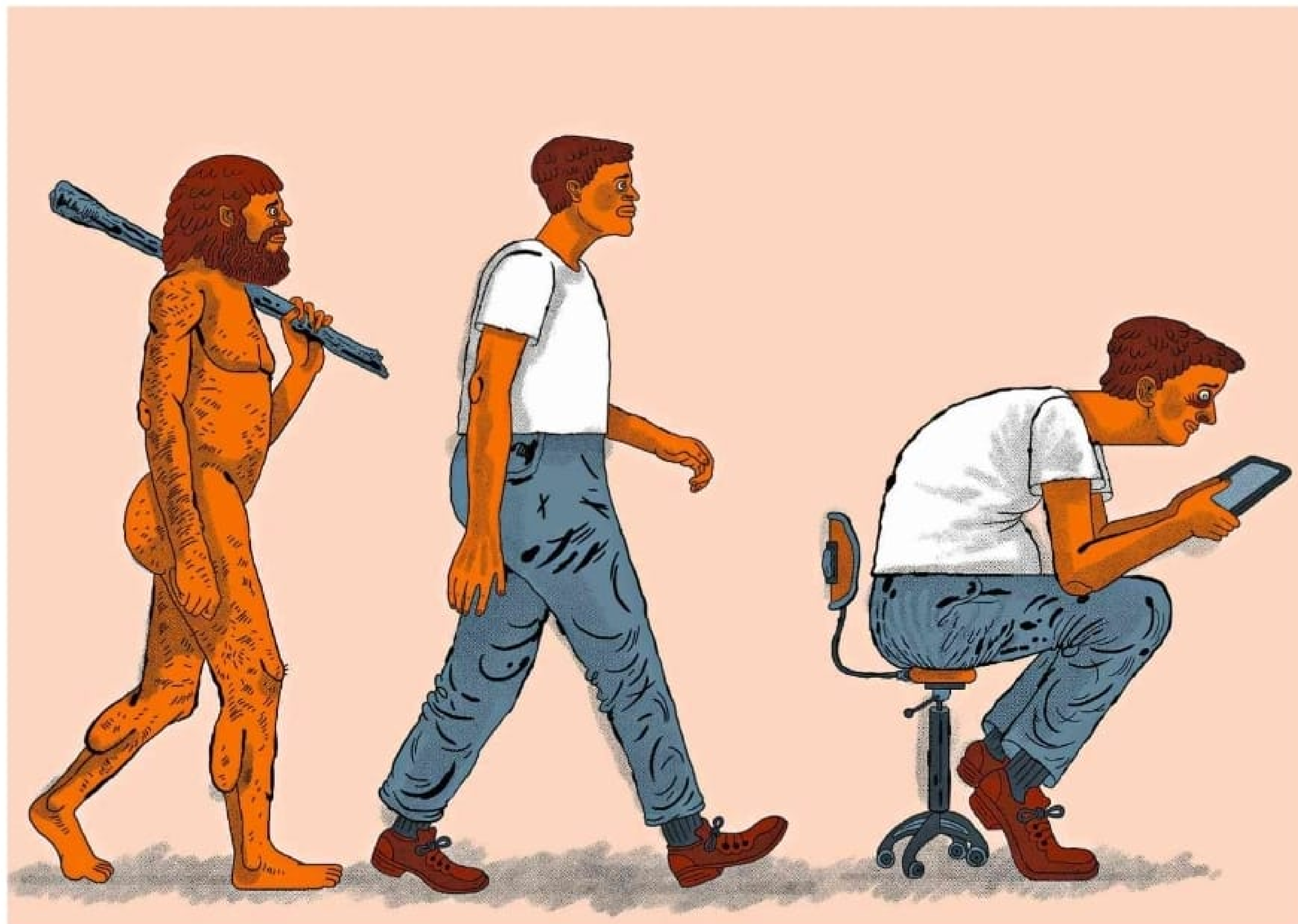
"Na minha observação, depois da pandemia provocada pela Covid-19, estamos vivendo uma outra pandemia, essa de tendinite glútea e bursite trocantérica", diz a professora de ginástica e dança Cláudia Mello, criadora de um método próprio de ginástica que une fisioterapia, RPG, dança, pilates e musculação. Ou seja: tem muita gente com dores novas, que não tinha antes, na região do quadril e da bunda, propriamente dita.

"Em cada classe de 15 ou 16 alunos, tenho pelo menos 3 com esses sintomas", afirma Mello. "Tudo por falta de função nos glúteos, que são três músculos grandes e fibrosos que formam nossas nádegas e existem para facilitar nosso deslocamento em pé, para ajudar o corpo a se manter ereto em movimento. Esses músculos ficam totalmente amassados, esmigalhados, quando sentamos."

A função dos músculos, assim como dos ossos, das vértebras, dos olhos e até dos nossos gestos são objeto de estudo constante da professora, que não para nunca de pesquisar o corpo humano e criar aulas que acompanhem o que há de mais moderno em termos de estudos científicos, ao mesmo tempo que honra as limitações de cada aluno e não despreza a passagem do tempo.

"Na biologia, tudo o que não tem função perde a função, tudo", diz Mello.

Continua na pág. B5



Continuação da pag. B4

É que nem na vida. Se você não pratica uma língua que estudou na infância, esquece. Se não treinar um esporte que aprendeu em um acampamento de verão, pode até continuar sabendo as regras, mas não vai mais jogar tão bem. Até andar de bicicleta, que costuma ser o exemplo de algo que, uma vez aprendido, não se esquece jamais, se não tiver prática, não tem solução.

Agora, se essa conversa está parecendo um pouco distante de suas preocupações mais elementares e cotidianas, apelamos ao que não costuma falhar: a vaidade. As revistas de moda e beleza, comumente voltadas ao público feminino, já batizaram o mais temível dos sintomas da pandemia de sedentarismo com um nome devidamente assustador: amnésia glútea.

Pode-se chamar de síndrome do glúteo adormecido ou simplesmente de bunda mole. Em inglês, o nome é imbatível: "dead butt syndrome", síndrome da bunda morta. Não é uma amnésia real, não acontece no cérebro, é um termo informal para a inibição neuromuscular desses três músculos, que acontece por falta de uso. Mas, se não for corrigida, pode causar dores crônicas, provocar desequilíbrio e comprometer a performance física, inclusive da função para a qual veio ao mundo: a caminhada.

A moleza da bunda, ou falta de firmeza, ou mesmo a tendência a apontar mais para baixo que para trás, portanto, não deve ser vista com o mesmo desprezo com que se enxergam, por exemplo, as rugas de expressão. Não é só por uma questão de concorrência que devemos manter nossas bundas firmes, muito menos para disfarçar nosso tempo na Terra. As bundas não são almofadas para aconchegar a posição sentada nem um acessório que realça o caimento de certas peças de roupa. Elas existem para nos fazer ir adiante.

Além disso, por melhor que seja a cadeira em que passamos muitas horas sentados, com a tela do computador na altura dos olhos, o teclado anatômico e seja mais o que se invente para tornar o tempo de trabalho menos problemático, a verdade é que a gente vai se desmontando com o passar das horas.

Aí, em vez de manter os pés firmes no chão, o peso igualmente distribuído e em cima dos ísquios, um dos três ossos do quadril (junto com o ílio e o púbis), localizado na parte de trás da pelve, entre o fim da coxa e o começo da bunda, a coluna empilhada como a natureza quis, com uma curva na lombar devidamente apoiada e outra na cervical e os olhos na horizontal, sem fazer a cabeça pender para baixo, forçando o pescoço, a gente vai achando uma maneira mais confortável de ficar na cadeira.

Quem acaba com grande parte do nosso peso é a região lombar, que não tem o menor talento de halterofilista e é uma das campeãs das dores nos consultórios de ortopedistas e fisioterapeutas. O peso excessivo e repetitivo na lombar provoca hérnias de disco e um achatamento em todas as articulações envolvidas nessa posição que não é natural.

Além disso, as pernas, mesmo se ficarem na melhor posição possível, com ângulos de 90 graus entre a pelve e a coxa assim como entre a coxa e a canela, dificultam horrores a volta do sangue, que tem na contração dos músculos da panturrilha, o que só acontece quando estamos em movimento, seu grande propulsor.

Até o que já nos foi ensinado para melhorar nossa saúde durante as horas de trabalho acaba por nos prejudicar. Tanto a cadeira confortável quanto a onipresente garrafinha de água que garante nossa hidratação nos tornam mais sedentários.

As revistas de moda e beleza, comumente voltadas ao público feminino, já batizaram o mais temível dos sintomas da pandemia de sedentarismo com um nome devidamente assustador: amnésia glútea. Não é uma amnésia real, não acontece no cérebro, é um termo informal para a inibição neuromuscular desses três músculos, que acontece por falta de uso. Mas, se não for corrigida, pode causar dores crônicas, provocar desequilíbrio e comprometer a performance física, inclusive da função para a qual veio ao mundo: a caminhada

"O melhor é ter uma boa cadeira, mas também uma boa ampulheta, ou um toque no celular, que seja, que nos lembre de levantar e nos movimentar a cada uma hora, no máximo", diz Valdirene Canhestro. "E não traga a água para a mesa de trabalho, vá até o bebedouro coletivo sempre que tiver sede. Até porque, cada vez que a gente se levanta, quando senta de novo tende a fazê-lo da forma correta", completa a fisioterapeuta.

"Tem que se movimentar durante o dia, não tem outra opção. Nosso corpo foi feito para o movimento. A gente precisa recuperar essas atividades cotidianas que, nas cidades grandes, acabaram terceirizadas. Precisamos levar os filhos na escola a pé, ir à padaria do bairro, passear com os cachorros", diz Claudia Mello.

"Nenhum atleta de alta performance, nenhum jogador da seleção, nenhuma bailarina clássica, nenhuma ginasta olímpica usa os mesmos músculos, da mesma maneira, oito horas por dia", afirma a professora de ginástica e dança.

Então, quem somos nós, pobres mortais, para nos tornarmos sedentários de alta performance sem pagar um preço alto por isso? Dá saudade do tempo em que as pesquisas científicas ameaçavam com doenças terríveis só os que se divertiam além da conta, com muita comida, muita bebida, drogas, pouco sono.

"Tem uma frase do Machado de Assis que eu gosto muito. É terrível, mas muito boa. Ele diz algo assim: 'O câncer não respeita as virtudes da pessoa'", afirma Drauzio Varella. "Eu diria que o modo de vida moderno não nos favorece e a natureza é impiedosa." ←

Além da aparência

[RESUMO] Criadora de obra de enigmática beleza, com cores depuradas e realização simples e primorosa, Eleonore Koch (1926-2018) enfim tem sua produção reconhecida, como atesta exposição em São Paulo

Por **Paulo Pasta**
Pintor, desenhista e gravador

As pinturas de Eleonore Koch nos atingem com uma força calma, um agudo senso de ordem e espaço reposicionados em enigmática beleza. Revelam um persistente sentido de harmonia, herdado sobretudo da relação entre cores e formas, construída pela ótica da síntese.

Não é difícil gostar de suas telas, inclusive por essas virtudes. O mais intrincado talvez seja entender sua aceitação atual, e, em contrapartida, a demora para que isso tenha ocorrido. Vou me atrever a aventar algumas hipóteses.

A distância, no tempo, da associação de sua obra à de Volpi talvez seja uma delas (possivelmente hoje suas diferenças se sobreponham a suas afinidades). Outra poderia ser sua condição de mulher —conhecida por sua vida autônoma e solitária, atrelada à indiferença a que sua produção foi submetida num passado não muito distante. E, sobretudo, as transformações que sofreu o meio da arte no Brasil.

O país deixou de lado muitas das mazelas locais, a exemplo das querelas tardias entre figuração/ abstração, construtivismo/ informalidade, temas que entre nós determinaram o atraso de muitas reputações.

A artista, a exemplo de Mira Schendel, sempre manteve um saudável afastamento dessas dicotomias e de muitas das teses nacionalistas, o que só ajudou a deixar mais ampla e diversa nossa própria concepção de arte brasileira.

A relação de Koch com Volpi, sabemos, foi profícua, indo muito além das simples aquisições técnicas —como a têmpera, por exemplo. Ela alcançou o mestre em referências mais complexas e mais difíceis de serem notadas. Como ele, tinha com a memória um vínculo muito produtivo.

Dizem que Volpi, na época em que trabalhava a partir da observação, gostava de olhar bastante para o motivo, para, em seguida, e de costas, evocá-lo em sua síntese. Essa condensação volpiana adquiriu características variadas ao longo de sua trajetória.

Seus temas quase sempre serão convertidos em esquemas, por exemplo, mas penso que suas pinturas, mesmo as do início, carregam um sentido de solidariedade entre as coisas, sua rememoração é acompanhada de um traço marcante de afeição, às vezes próximo do júbilo.

Quanto a Koch, sua imbricação com a memória se aproxima à de Volpi, embora sua pintura faça alusões a conteúdos poéticos diferentes. A solidão presente em suas composições, por exemplo, seria uma delas.

Parece-me que sua pintura tinha um desejo, talvez encoberto, de identificar reflexão com vida, invenção com recordação. E, a despeito de sua elegância, tais trabalhos não estariam muito disponíveis ao livre comércio do mundo: seriam muito misteriosos para que isso pudesse ocorrer.

Ao lembrarmos de alguma coisa, perdemos grande parte da diversidade do acontecido para fixarmos o que "sobrou", e esse resíduo traz como marca a essencialidade e a estabilidade. Também refletindo nessa direção, entendo que a pintora não buscava praticar um testemunho realista do que via, mas que se empenhava em alcançar uma verdade para além das simples aparências. Uma possível prova disso seriam seus inúmeros e sensacionais estudos preparatórios.

Esses exercícios, antes de sua concretização final, em tela, eram comumente feitos sobre papel, a partir de uma imagem original. As cores, depuradas, construídas, também estariam distantes de uma simples imitação do mundo. E, se consigo alcançar o real significado de "colorista" atribuído a um pintor, acredito que Lore Koch foi uma das mais originais da nossa pintura.

Ao discorrer sobre o trabalho da artista, o colecionador e crítico Theon Spanudis apontou uma espécie de sacralização na representação de seus objetos, aspecto que ele associa ao universo da pintura metafísica italiana.

Suponho, porém, que muito do alheamento das telas da artista, além de decorrer desse lugar, estaria mais próximo da evocação de certa domesticidade solene, modesta e quase cenográfica.

Suas cores francas, sua fatura primorosa e simples, e mesmo seus temas não fazem alusão a questões filosóficas, não sugerem uma busca por conteúdos extrapictóricos, tampouco questionam suas essências. Parecem felizes em realizar, de maneira fenomenológica, suas aparências.

Outro dia reli o texto de Jean Genet sobre Giacometti. Ao refletir sobre algumas pinturas do artista, ele diz: "Cada objeto cria seu espaço infinito". Em seguida, afirma que seria necessário, para a plena fruição da pintura, apreender sua dupla solidão: a imagem impressa pelo artista e a do objeto por ele representado.

Ao realizarmos esse duplo movimento, estaríamos conhecendo o real do espaço e a solidão dos seres e das coisas. Genet conclui com uma frase significativa: "Quem nunca ficou maravilhado com essa solidão, não conhecerá a beleza da pintura".

Ao propor a equivalência de beleza e solidão, remetendo o objeto a uma espécie de buraco negro, ao oposto mesmo de sua condição, à infinitude, Genet me fez pensar nas pinturas de Eleonore Koch.

Diferenças e exageros à parte, creio que ela, em companhia de alguns outros artistas, realizou, entre nós, a difícil tarefa de encarnar o mistério, de tornar a aparência condição existencial. ←

Eleonore Koch – Não São Coisas do Cotidiano, Só Parecem
ONDE: Galeria Paulo Kuczynski (alameda Lorena, 1.661, São Paulo). **QUANDO:** até 17 de maio; segunda a sexta, das 10h às 18h30; sábados, das 11h às 15h. **QUANTO:** grátis

"Sunshine on My Island' (1974), tela de Eleonore Koch Fotos Reprodução



Cartas exemplares

Correspondência de Hannah Arendt e Gershom Scholem ensina a dialogar com a diferença

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Entre 1939 e 1964, Hannah Arendt e Gershom Scholem trocaram cerca de 141 cartas, entre as quais a mais célebre talvez seja aquela em que, após a leitura de "Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal" (1963), o historiador do misticismo judaico e professor da Universidade Hebraica acusa a filósofa de falta de amor ao povo judeu ('ahavat yisrael').

Scholem afirma que a tese de Arendt sobre a banalidade do mal carece de seriedade. Ele também discorda da maneira como a amiga julga a atuação das lideranças judaicas durante a guerra e argumenta que muitos dos conselhos judaicos eram compostos por gente perfeitamente comum que se viu obrigada a tomar decisões terríveis em circunstâncias extremas pelas quais nem ele, nem Arendt tiveram que passar.

A principal crítica de Scholem, no entanto, talvez se refira ao tom de irreverência da amiga ao escrever sobre o julgamento de Eichmann. Pois, em se tratando de uma ocasião tão grave como aquela, ele esperava que Arendt tivesse se portado com um pouco mais do que ele chamou de "Herzenstakt" ("tato do coração").

Arendt não deixa barato e responde Scholem à altura, afirmando, entre outras coisas, que ser judia pertence aos fatos incontestáveis da sua vida, mas que ela nunca se sentiu motivada por amor a um povo ou a uma coletividade: "Eu amo realmente 'apenas' os meus amigos e o único amor que eu conheço e em que eu acredito é o amor por pessoas".

Arendt e Scholem se tornaram amigos em 1938, por intermédio do filósofo e ensaísta Walter Benjamin, que, assim como Arendt e tantos outros refugiados, vivia uma existência precária em Paris, aguardando uma oportunidade segura de deixar a Europa.

Arendt apela para que Scholem perceba que "um ser humano é mais valioso do que as opiniões"

Scholem foi responsável pela preservação do manuscrito de Arendt sobre a vida da escritora alemã Rahel Varnhagen e foi através de Arendt que ele tomou conhecimento da morte de Benjamin.

Durante o pós-guerra, Scholem e Arendt trabalharam em uma comissão para o resgate de tesouros culturais judaicos que haviam sido tomados pelos nazistas, bem como reuniram esforços para publicar uma coletânea de ensaios de Benjamin em inglês.

Nessa época, Arendt estava recomeçando a vida nos Estados Unidos e trabalhava como editora na Schocken Books, responsável pela publicação de um dos livros mais conhecidos de Scholem: "As Grandes Correntes do Misticismo Judaico" (1941).

Esses e outros temas são abordados na correspondência que Arendt e Scholem mantiveram durante um quarto de século, mas o que realmente chama a atenção do leitor dessas cartas é constatar que sempre existiu entre eles uma enorme diferença de opinião política.

As desavenças entre os dois têm início na década de 1940, com a publicação de "Sionismo Reconsiderado" (1944), ensaio no qual Arendt reflete sobre o que julgava inadequado na política sionista do período.

Scholem então responde ao texto com indignação: "Nunca em meus sonhos pensei que seria mais fácil para mim concordar com Ben-Gurion [primeiro-ministro de Israel] do que com você! [...] Considero a orientação política de Ben-Gurion desastrosa, porém, ao mesmo tempo, muito mais nobre [...] do que aquela que teríamos caso seguíssemos o seu conselho".

Diante da agressividade dos comentários de Scholem, não deixa de ser um milagre que a amizade entre eles tenha sobrevivido durante tanto tempo. Pois, naquela ocasião, a própria Arendt admitiu não saber se os dois ainda seriam capazes de se relacionar depois de tamanha orgia de sinceridade.

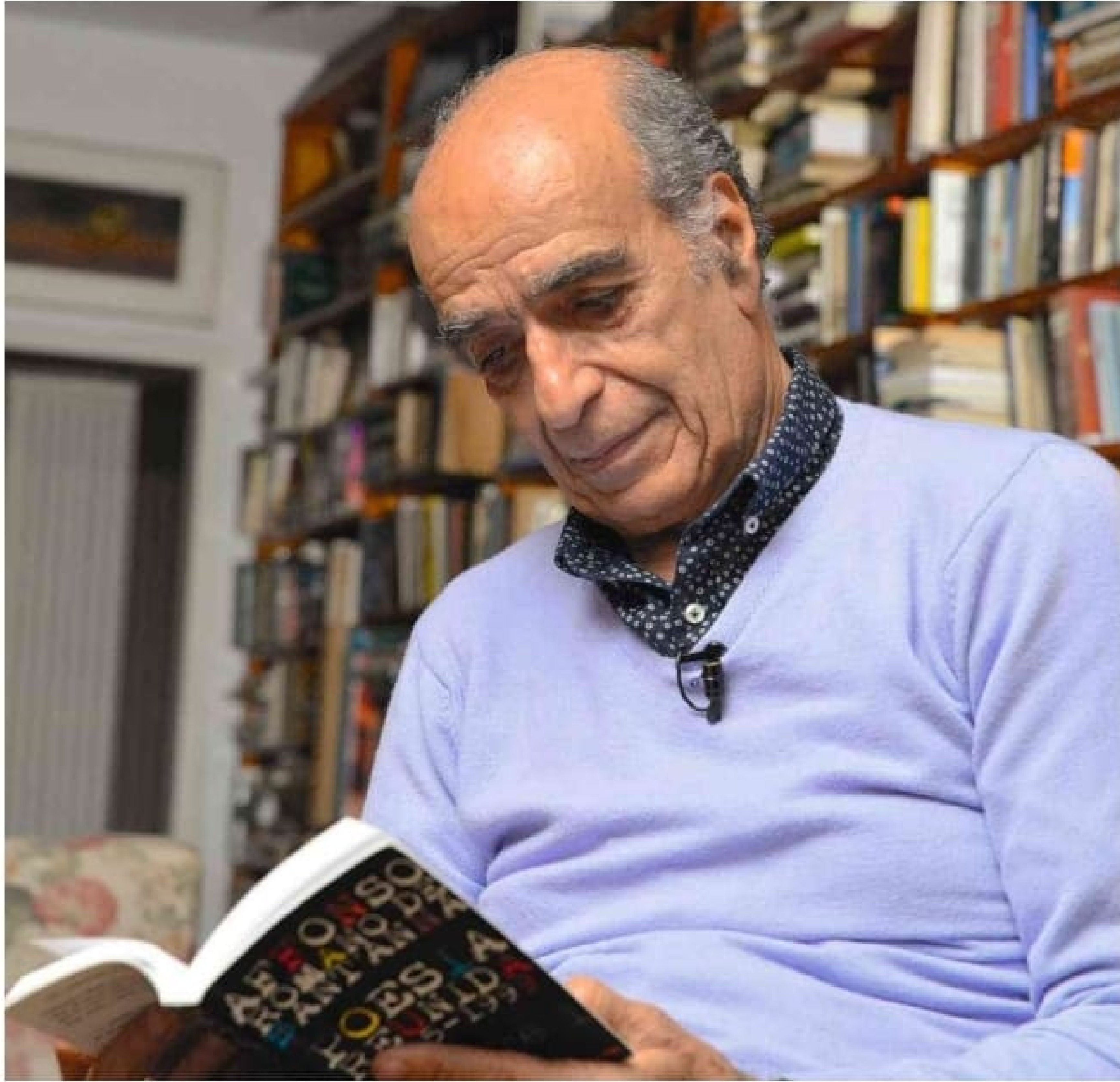
Independentemente da dúvida, Arendt encerra a sua carta apelando para que Scholem siga o seu exemplo e perceba que "um ser humano é muito mais valioso do que as opiniões que ele sustenta, pela simples razão de que humanos são de fato muito mais do que eles fazem ou pensam."

O resultado desse apelo é um belíssimo volume de correspondências entre dois dos mais influentes intelectuais do século 20, que oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre o que sempre podemos aprender mesmo com quem pensa diferente da gente.





No alto da página, 'Motivo Japonês' (1959), têmpera sobre tela; abaixo, 'Cadeira e Gaiola Verde', trabalho sem data



O poeta Affonso Romano de Sant'Anna em sua casa, no Rio Clarissa Barçante-17.mai.17/Divulgação/ALMG

As sombras do poeta

[RESUMO] Affonso Romano de Sant'Anna, um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea, morreu em março, aos 87 anos. Dez anos atrás, em Paris, ele concedeu a entrevista publicada a seguir, em que repassou seu percurso literário e pessoal

Por **Roberto Doring Pinho da Silva**

Diplomata

ENTREVISTA

Affonso Romano de Sant'Anna morreu em 4 de março. Entrevistei-o dez anos antes. Era março de 2015, e conversamos no saguão do Hotel Bedford, em Paris. O poeta, cronista e crítico falou de coisas da vida e da literatura, de arte em geral, sobre sua necessidade de entender o mundo à volta e de dar vazão, através da poesia, à fúria de seu tempo.

Tendo por ponto de partida a Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, onde se graduou (nasceu em Belo Horizonte, em 1937), Affonso Romano fora partícipe dos principais movimentos de vanguarda da poesia brasileira; sucessor de Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil; autor de dezenas de influentes ensaios; professor em universidades brasileiras, norte-americanas e europeias; presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

E chegava, àquela altura, a um momento de balanço —de tranquila reconstituição de seu engajamento nas lutas nacionais, de serena reconciliação com a finitude. Como escreveu sobre Drummond em estudo seminal dedicado à poesia do conterrâneo, chegava a um eu poético-existencial não maior que o mundo, não menor que o mundo, mas sabiamente igual ao mundo.

*

Em conferência de 2012, Affonso Romano de Sant'Anna perguntava-se: "O que a poesia feita atualmente nos diz? [...] Tem ela dado conta da perplexidade de nossa época ou tem sido, em alguns casos, um amontoado hábil de metáforas e sons em que falta a fúria de nosso tempo?". Afinal, sente-se na poesia brasileira hoje a fúria de nosso tempo? Não, não se sente. Existe uma dispersão muito grande. Não há mais uma unidade que havia até os anos 1980. Nos anos 1960 e 1970, sobretudo, havia grupos que, ainda que hostis uns aos outros, eram coesos na preocupação que tinham com a linguagem, com a renovação. Cada grupo escolhia a sua estratégia, mas havia a ideia de um projeto de linguagem.

Tenho a sensação de que, depois da poesia marginal, caímos numa geleia geral. Você lê alguns poemas de poetas mais jovens e não sabe se é prosa ou poesia. Eles cortam o verso onde bem querem, não têm uma noção do verso como unidade a um só tempo rítmica, sonora e semântica. Você não pode cortar o verso onde bem quer.

E você termina de ler o poema e não sabe sobre o que o poeta esteve falando. O poeta muitas vezes está remoendo coisas narcisistas, pessoais, que não têm o menor interesse nacional ou social.

A que atribui isso? É difícil dizer. Na verdade, esse é um fenômeno que vai além do Brasil. No Chile e em tantos outros países, também se encontra um tipo de poética, que se pode chamar de pós-moderna, que fica muito rarefeita. Não sei se é porque venho da experiência modernista, porque passei pela geração de 1945 e porque depois estive nas vanguardas, mas o fato é que tenho uma noção de rigor formal muito própria. Acho que cada poema é um acontecimento.

Existe poesia sem rigor formal? Pode haver, aparentemente. É complicado isso. Nesse meu livro que acabou de sair sobre as poéticas de Cabral e de Drummond ["Entre Drummond e Cabral", 2014], discuto duas perspectivas. Cabral acreditava na realização racional do poema —era "o engenheiro".

Já Drummond trabalhava de maneira mais ampla. Trabalhava, na verdade, com o conceito de epifania, com o qual também trabalho muito —como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Joyce...

O poema pode acontecer de repente. O poema de Bandeira sobre Pasárgada, ele mesmo diz, aconteceu de repente —depois, por vários anos, foi gestado.

Eu tenho um poema, num livro novo que devo publicar, que diz que a poesia é como um raio. Às vezes o raio cai em cima de você. Às vezes não cai em cima, cai perto de você —e você ouve o ruído e não consegue recuperar. Então, essa ideia de que se você só trabalhar muito vai conseguir chegar à poesia não é verdadeira. Você tem de ter um para-raios de modo a captar os impulsos.

Costumo dizer —disse num poema— que as frases passam diariamente perto da gente. E o poeta, quando está ligado (e ele nem sempre está ligado), percebe que determinadas frases têm uma unidade rítmica diferente e podem conduzir a um poema. Ele acaba anotando aquilo como o princípio de alguma coisa.

No seu caso específico, em geral vem um primeiro verso que é depois desenvolvido? Trabalho de maneiras variadas. Por exemplo, tenho um livro chamado "O Homem e sua Sombra" (2006). É um livro de 50 poemas que surgiu por acaso. Estava em minha casa em Friburgo (RJ), fazendo nada, e de repente me veio uma frase à cabeça: "Era um homem com sombra de cachorro".

Primeiro, levei um susto: como um homem pode ter sombra de cachorro? "Mas sonhava ter sombra de cavalo." Ficou mais estranho ainda... E eu acabei trabalhando isto: como a pessoa que tem sombra de cachorro, mas sonhava ter sombra de cavalo, convivia com essa circunstância?

De repente, o sujeito saía galopando. E no dia seguinte veio outro poema, espontaneamente. Acabei fazendo uns 50 poemas. A sombra que estava grávida, a que era homem, a que era mulher, a que desafiava o dono para um duelo, a que fugia de casa...

Depois me fui dar conta de que a sombra era um tema na literatura e no folclore. Vários autores haviam lidado com isso. Evidentemente, eu estava trabalhando algo inconsciente. Jung fala sobre a sombra com outro sentido... Esse é, portanto, um tipo de criação inconsciente. Por outro lado, fiz muito poema a pedido, para televisão, para jornal. Ou impelido por urgências nacionais.

Como é fazer poesia nesta era de velocidade e simultaneidade? Como é escrever poemas em meio a tuítes e mensagens no WhatsApp? Pois é. Você sabe que estou numa fase de balanço da minha atividade, de balanço da própria vida. E uma sensação que tenho é que a poesia, ou um tipo de poesia que hoje me interessa, é a poesia como se fosse um segredo. Por vezes lemos um poeta iraniano, vietnamita, e encontramos lá um verso, um pedaço de poema, que nos diz coisas que ninguém nos tinha dito até então.

Continua na pág. B9

Continuação da pág. B8

Alguém que já morreu, que nem conhecemos, nos dá um recado. Então, a poesia tem algo de segredo. Alguém, do outro lado do planeta, colhe alguma coisa e dialoga conosco. Essa é a permanência da poesia. Por isso a poesia não vai morrer nunca. São segredos que ficam transitando pela internet, sem internet. Que transitam pela música popular, pelo jornal, pela publicidade.

Parte de suas manifestações públicas nos últimos anos se dá sob o signo do balanço, como acabo de ouvi-lo dizer uma vez mais. Um balanço marcado pela serenidade da reconciliação com a morte. Como nos versos de "Exercício de Finitude", último poema de "Sísifo Desce a Montanha", de 2011: "Só a ausência/ (a ausência plena)/ é plenitude". É isso mesmo? Eu diria que estou exercitando um aprendizado da morte. Tenho um livro anterior, "O Lado Esquerdo do Meu Peito" (1992), que tem uma parte dedicada ao aprendizado da morte.

Em "Sísifo Desce a Montanha", acerco-me da morte. Quando você não tem mais 21 anos, começa a olhar a vida de outra maneira. Já casou, já teve filho, já exerceu uma profissão, já está aposentado, já viajou pelo mundo inteiro, já viu coisas de que até Deus duvida. Já pode fazer um balanço.

E, no Brasil, algo que me preocupa e me interessa muito é a dimensão social da morte individual. A Bélgica, por exemplo, tem meios de assistir o cidadão que queira morrer dignamente. Na França essa é uma questão presente. Parece que em Israel também. A Holanda tem um sistema ótimo. Alguns estados norte-americanos têm seus mecanismos.

E eu comecei uma série de palestras no Brasil sobre isso. E dei um curso, com a historiadora Mary Del Priore e o doutor Neif Musse. Não se trata apenas da morte pessoal, mas da morte pessoal como um problema social. É preciso cuidar disso com humildade. Porque todos vamos morrer, não tem jeito. Como dizia Heidegger, você não pode escolher como vai nascer, mas tem a liberdade de escolher como vai morrer.

A morte é uma coisa sua muito mais do que o nascimento. Tem de haver o direito à escolha. Lembro-me do exemplo de Rubem Braga. Ele descobriu que tinha câncer de laringe. Foi ao médico e perguntou qual seria, se fizesse a operação, a possibilidade de que sobrevivesse e que tipo de vida levaria.

O médico explicou que ele ia ficar avariado, que ia ter uma vida de merda. Que não via muito futuro. Rubem Braga não teve dúvida: foi a São Paulo e contratou sua cremação (não havia cremação no Rio de Janeiro). O funcionário da funerária ainda perguntou: "Mas onde está o corpo?" Resposta: "O senhor está falando com ele".

Voltou para o Rio, internou-se num hospital, auxiliado por um médico que o conhecia, e acordou morto. Tomou o remédio e morreu. Despediu-se dos amigos e pronto. É uma coisa digna. Não ficou entrevado, não ficou dependendo de ninguém. Já tinha vivido o essencial [morreu aos 77 anos]. Tinha o direito de escolher a sua morte.

É isso que precisa ser oficializado no Brasil de alguma forma. E "Sísifo Desce a Montanha" faz parte dessa visão abrangente da morte —como lidar com um problema que é de todos.

O senhor inscreve-se na tradição dos poetas críticos. Haveria uma necessidade, como diz Leyla Perrone-Moisés em "Altas Literaturas", "de buscar individualmente suas razões de escrever, e as razões de fazê-lo de determinada maneira"? Tenho esse dilema: tenho de entender as coisas. Da mesma maneira que pergunto "Que País É Este?" [livro de 1980], tenho de entender o meu tempo. Então, a crítica e o ensaio são maneiras de entender o mundo e me entender.

Quando estava na universidade, trabalhei sobre três vertentes principais. Uma é a vertente psicanalítica. Fiz psicanálise durante alguns anos, é algo que conheço por dentro. E, como criador, é importante você saber os mecanismos inconscientes que pensa dominar. Elaborei, a partir disso, "O Canibalismo Amoroso" (1993), que é uma leitura do desejo. Uma leitura da evolução do desejo na poesia ocidental, mais do que brasileira.

Outra vertente é a da carnavalização. É uma forma de entender a sociedade brasileira, de entender uma determinada vereda da literatura brasileira: "Quincas Berro d'Água", por exemplo, ou "Macunaíma". É uma vereda, não é "a literatura", mas uma vereda que explica um Brasil: essa irresponsabilidade brasileira, esse não chegar na hora, esse não começar nada muito certo, essa vaguidão. Essa coisa que uns acham ótimo, os estrangeiros costumam achar, mas que eu, como brasileiro, acho péssimo.

A terceira vertente que privilegiei, que me implicava muito, é a das vanguardas. Fui educado dentro das vanguardas. Seja o modernismo, sejam as vanguardas dos anos 1960 e 1970. A vanguarda traz a marca da utopia. Todo vanguardista acredita saber onde está o futuro.

Aliás, eles se apossam do futuro. O futuro não está mais lá, está aqui. É o erro de Haroldo de Campos e de outros. Eles lotearam o futuro, e o futuro se desviou deles. A poesia brasileira não tem nada a ver com eles hoje, apesar da presença que tiveram. A vanguarda, portanto, criou uma ilusão utópica.

Também como cronista o senhor tem um lugar relevante. Penso ter dado uma certa contribuição, aí é uma pretensão minha, à crônica brasileira. Escrevi crônica desde sempre. O primeiro texto que escrevi na vida, aos 16 anos, foi uma crônica, que saiu num jornal de Minas Gerais. Em 1984, comecei a escrever crônica regularmente.

Há duas contribuições específicas que eu posso ter dado à crônica brasileira. Uma é a questão da violência. A sociedade brasileira mudou muito. No tempo de Rubem Braga, de Fernando Sabino, você podia ficar contando historinhas emocionais etc., porque a sociedade era mais organizada e ingênua.

Publiquei um livro chamado "Nós, os que Matamos Tim Lopes" (2002). Um livro sobre violência. O Brasil está ali. A história de um país é também a história de seus bandidos. Incluí no livro um ensaio sobre isso. Temos de estudar os bandidos para entender o país.

Não é só Lampião, Mineirinho, são os bandidos de verdade. Talvez seja mais importante estudar os bandidos do que os poetas! Os bandidos são sintomas e são metáforas. Eu levantei, então, por motivos históricos e de participação social, essa questão da violência.

A outra contribuição que posso ter dado é com a chamada "crônica de ideias". O que é isso? É uma crônica que não é apenas o devaneio, como Rubem, Paulinho [Paulo Mendes Campos], Fernando. Mas a crônica que discute, em linguagem humana simples, assuntos mais elaborados, que são interessantes.

No livro "A Cegueira e o Saber" (2006), discuto distintos aspectos da criação. Em "A Sedução da Palavra" (2000), trato também do processo de criação. Isso é a crônica de ideias, que não existia no Brasil.

O senhor conhece como poucos a nossa tradição literária. Seu leitor pode identificar vestígios de Bandeira, Drummond, João Cabral, Vinicius de Moraes em seus versos. Pode-se entreouvir Pessoa. Existe a angústia da influência de que fala Harold Bloom? Há a célebre obra de Harold Bloom ["A Angústia da Influência"]. Eu até a cito no meu ensaio sobre Cabral e Drummond, publicado na Coleção ARS que a UNESP lançou ["Entre Drummond e Cabral", 2014].

Cabral começou plagiando Drummond. Depois, foi-se distanciando. Quanto mais ele se distanciava, mais Drummond ficava preocupado! Uma relação edipiana meio complicada.

No meu caso, tenho um poema —"Sou um dos 999.999 Poetas do País" [do livro "O Lado Esquerdo do Meu Peito", 1992]— em que digo que tenho influência de todo mundo: de Bandeira, de Vinicius, todo mundo... Sobretudo dos maus poetas.

Bandeira falava da importância dos maus poetas para sua formação... E tinha razão. O mau poeta ensina muito. Você bate os olhos nele e diz: eu não posso escrever uma coisa dessas! Esse troço é muito ruim, meu Deus! Aí, quando você de algum modo reverbera aquilo, você corta imediatamente. Mas não tenho a veleidade de ser original. Original pode ser o conjunto.

Mas sente a angústia da influência? Não, não sinto. É claro que, de repente, você pode escrever uma coisa e pensar, a posteriori: isso aqui está parecendo fulano...

Continua na pág. B10

Porto apresenta
FRONTEIRAS '25 DO PENSAMENTO
Ideias inspiradoras para um mundo em evolução
A NIGERIANA QUE TRANSFORMOU A LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA
Mackenzie > 16/06
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE
+2 ENCONTROS IMPERDÍVEIS: Jonathan HAIDT ▸ 19/05 António DAMÁSIO ▸ 11/08
No Auditório Ruy Barbosa | Mackenzie
5X DESCONTO E PARCELAMENTO EXCLUSIVO para clientes cartão Porto Bank.
NOVIDADE Ingressos para palestras individuais também disponíveis.
pwc Mackenzie mills FOLHA NEOOH piauí DelosBureau
Vagas limitadas fronteiras.com/25

As sombras do poeta

Continuação da pág. B9

Aí você fica preocupado e joga fora, deixa para lá. Uma coisa que sempre digo é que o problema do escritor é descobrir a sua voz. Cada um tem uma voz. Esse é um caminho estritamente individual.

É como na música popular. Há quem começa a cantar como João Gilberto. Não adianta: se você tem vocação para Orlando Silva, Nelson Gonçalves, o vozeirão, não pode cantar igual a João Gilberto. O que eu tento é descobrir qual é a minha voz. Acho que a obra literária é isso.

Gostaria de escutá-lo mais sobre a relação entre crítica e poesia. Penso em seu comentário recorrente de que a estilística redescobriu o barroco literário. É verdade. Fui criado pela estilística. Quando estudei letras, a estilística estava no seu auge. Primeiro, havia os "estilos de época", que Afrânio Coutinho trouxe para o Brasil —a sucessão de estilos no tempo, o barroco, o arcadismo, o romantismo...

Acho que é útil. O sujeito tem de saber que há uma história, uma progressão, uma derivação. Há os críticos que dizem que é necessário esquecer isso. Mas não. É como na música: você aprende harmonia, para depois poder ser desarmônico.

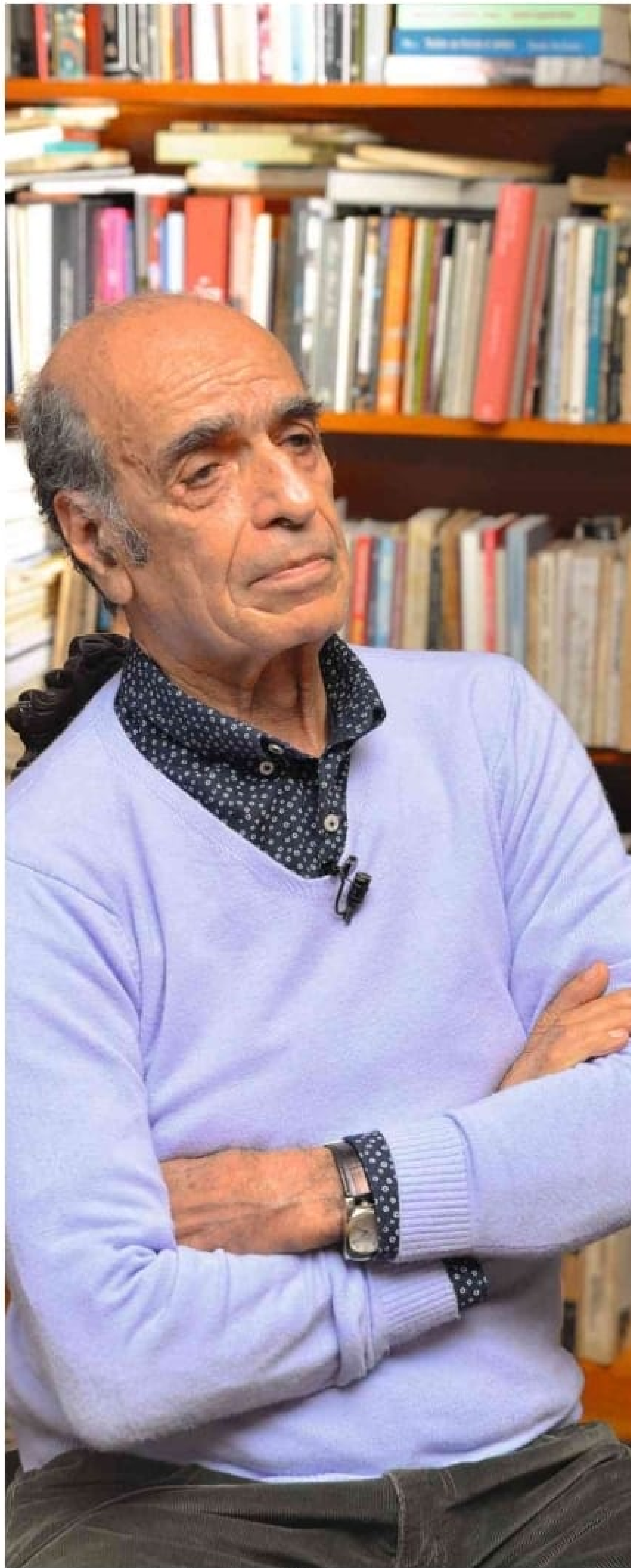
Em literatura, você aprende que existe aquela progressão, para em seguida desaprender. É o desaprender a lição, para chegar ao que considero ideal, que é a análise estrutural.

A análise estrutural, em vez de privilegiar a evolução sintagmática, estabelece paradigmas. E, aprofundando os paradigmas e os sintagmas, chega à estrutura. Esse tipo de análise tem muito a dar —e até hoje isto não foi explorado— à história das artes plásticas.

Você toma qualquer livro de história da arte e encontra uma sucessão de movimentos. Quando, na realidade, em vários aspectos, uns são iguais aos outros. Se você fizer uma análise estrutural, concluirá que aqueles, digamos, 40 movimentos podem ser reduzidos a 10 constantes.

Identifico dez constantes na arte contemporânea, que existem na pop art, na instalação, no happening etc. Trata-se de detectar as constantes e, a partir daí, descortinar o modelo. É como a análise estrutural pode ajudar a entender a sociedade contemporânea —e o que me interessa é isso, tenho de entender onde estou.

A análise estrutural, nesse sentido, é a-histórica. De repente, alguma coisa que aconteceu no século 12 é semelhante ao que aconteceu agora. Eu estava lendo outro dia Stefan Zweig. Ele falava, em 1913, do seu espanto diante das renovações que o mundo experimentava então. É igual ao que há hoje. O pânico dele era o pânico que temos hoje: frente à velocidade, à simultaneidade, à internet. Mudaram os nomes dos agentes.



Affonso Romano de Sant'Anna em sua biblioteca Divulgação/ALMG

O senhor, como professor, foi precursor na promoção da interdisciplinaridade nos cursos de pós-graduação em letras na universidade brasileira. E da interdisciplinaridade nos estudos literários extraiu leituras profícuas e inovadoras —exemplo inequívoco é "O Canibalismo Amoroso". Nessas leituras, nota-se o cuidado em não permitir que se dilua, no mar dos aparatos conceituais, a especificidade do fenômeno literário. Que especificidade é essa? Essa é uma questão complexa. Os formalistas russos acharam haver chegado à "literariedade". Havia uma coisa no texto que, se encontrada, definiria o específico literário. Do ponto de vista de pesquisa, isso é importantíssimo e não deve ser dispensado.

Mas o próprio Tynianov [escritor e crítico literário russo] dizia algo curioso. Que uma carta de Victor Hugo, uma carta do século 19, que tinha o sentido de carta, passava a ter, no século 20, um outro valor, um outro sentido.

Muda-se a relação do texto com o leitor. Aí, o trânsito entre o literário e o não literário se revela ambíguo. Não sei como determinar isso.

Agora, há algo na poesia, e na literatura em geral, que não varia: é o espanto. De repente, você lê um texto e, sem saber por que, o texto pega você pelo pé, você gosta daquilo —por motivos pessoais, psicológicos, de formação. Há um lado imponderável que não sabemos o que é.

Por isso tanta escola literária, tanta briga, tanta versão diferente, todo o mundo tentando achar esse tesouro escondido, que ninguém sabe onde está.

Esse segredo. O segredo. Ou, de repente, uma coisa que para você não é segredo coisa nenhuma.

Chega uma pessoa perto de você e mostra um soneto. Um soneto parnasiano, direitinho, sobre o amor, a solidão, a mulher que foi embora... Você lê aquilo e é como se fosse uma coisa do passado. O que dizer a essa pessoa? A pessoa está "atrasada" cento e tantos anos, não? Mas ela está ligada naquilo.

Isso explica, por exemplo, Paulo Coelho. Faz sucesso, e se entende. Ele escreve para um público determinado. Como o vanguardista escrevia para um público determinado. É muito complexo.

Como dizia Borges, o autor ajuda a fazer o público. Você toma um leitor de Guimarães Rosa, por exemplo, e vê que é um leitor curioso. Porque ou entra de cabeça ou não entra. Com Clarice é a mesma coisa. E o João Cabral também tem isso. Você se torna cúmplice.

Uma última pergunta: qual a função social da poesia? Ou será descabida a pergunta? A poesia tem várias funções.

A poesia pode não ter função? Também pode não ter função nenhuma, a ideia de jogo.

Mas aí o senhor diria faltar a ela a fúria de seu tempo, não? Não necessariamente. Veja Rilke. A alienação em pessoa. Não estava nem aí. Pedia emprestado o castelo para escrever as "Elegias de Duíno"... Mas tem gente apaixonada por Rilke. Eu mesmo gostava, lia-o quando era jovem. Depende da hora. Sempre digo que cada livro tem a sua hora e o seu leitor determinado. Há livros que marcam mais quando se é mais jovem. Por isso Machado de Assis é um pouco complicado. Você dá Machado para um jovem ler e nem sempre funciona.

A vantagem de Machado é que tem várias camadas de leitura. Por isso mesmo. Há um exemplo claro que é Drummond. Tenho este livro de análise da poesia dele: "Drummond: O Gauche no Tempo" (1972). Volta e meia, aparece uma pessoa que diz que adora Drummond. Frequentemente, a pessoa não sabe o que é Drummond, o que é a poesia dele. Leu um poema ou outro e aprecia aqueles poemas. Mas não tem noção da estrutura que ele inconscientemente montou. Ou seja, é um leitor ingênuo.

No livro que publiquei como uma espécie de balanço das minhas atividades ["Trajetória Poética e Outros Ensaios", 2014], menciono umas dez leituras possíveis de Drummond. Há também o ensaio "Como Ler a Poesia de Carlos Drummond de Andrade" [de "Entre Drummond e Cabral"]. Você pode ler filologicamente, estilisticamente, explorar o tema da morte, da infância... Pode fragmentá-lo todo.

E há a leitura do conjunto. O público, em geral, não tem a menor ideia do conjunto. Quando eu dava aulas sobre Drummond —dei mais de cem conferências sobre ele, dei cursos—, os alunos ficavam perplexos: "Mas é isso...". Porque Drummond é um tipo de poeta que pensava o mundo. Ele fez na poesia o que um filósofo faz. Tinha uma visão filosófica, talvez sem sabê-lo. Trabalhava a coisa metaforicamente.

Bandeira tem menos essa visão filosófica, não? Tem menos. Bandeira trabalhava mais circunstancialmente. Drummond era mais tinhoso... E mentia muito, não? Dizia que fazia poesia assim por acaso... Pois sim! Não pensava em outra coisa! ←

Eufrázio



A cantora Lady Gaga em apresentação na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, neste sábado Pedro Martins/Folhapress

Lady Gaga faz show repleto de homenagens ao Brasil e aos fãs

Cantora reúne 2,1 milhões em Copacabana para apresentação histórica, depois de mais de dez anos sem vir ao Brasil, com fãs emocionados mesmo com perrengues

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Não foi sem atraso que Lady Gaga subiu ao maior palco de toda sua carreira, o da praia de Copacabana, na noite deste sábado. A expectativa da Prefeitura do Rio de Janeiro era que 1,6 milhão de pessoas comparecessem à apresentação, gratuita. A artista disse que eram 2,5 milhões de fãs espalhadas pelas areia, mas os responsáveis pelo show afirmaram que o público final foi de 2,1 milhões, maior que o de Madonna, no ano passado, estimado em 1,6 milhão.

Os fãs aguardaram impacientes por cerca de meia hora a mais do que o combinado. Mas, quando a cantora subiu ao palco, qualquer perrengue que tenha sido estar ali parece ter ficado para trás. E não era pouca dificuldade: a multidão não foi fácil de enfrentar, nem no metrô, nem na areia, nem na área VIP, destinada aos convidados dos patrocinadores.

A cantora, no entanto, conhece bem seu público, que espera há mais de uma década por esse show, desde sua primeira vinda ao país, em 2012. Ela então, pouco depois de iniciar a apresentação, com "Abracadabra" e "Alejandro", usou um vestido todo azul, mas com detalhes em amarelo e verde, as cores da bandeira do Brasil. Foi o suficiente para que os fãs entrassem em polvorosa. E assim transcorreu a apresentação, na qual ela desfilou hits como "Vanish Into You", de seu novo disco, "Mayhem", cumprimentando os fãs na grade, e os já clássicos "Poker Face", "Born this Way" e "Shallow", este de seu filme "Nasce uma Estrela", com o qual concorreu a um Oscar.

O show no Brasil, intitulado "Mayhem on the Beach", é uma espécie de prelúdio da turnê do disco "Mayhem", assim como foram os shows do festival Coachella, nos Estados Unidos, e o do México. Oficialmente, a turnê começa em Las Vegas, em julho. Dividida em atos, a apresentação incorpora uma estética de ópera gótica. Na interpretação, repleta de luzes estroboscópicas com destaque para os tons de vermelho, preto e branco, a artista encena a sua própria morte, o enterro e a ressurreição. Gaga "mata" sua própria persona ao fim de "Poker Face", música que a lançou ao estrelato, e ressurge ao som de "Perfect Celebrity", que ironiza as dores de ser uma estrela mundial do seu calibre.

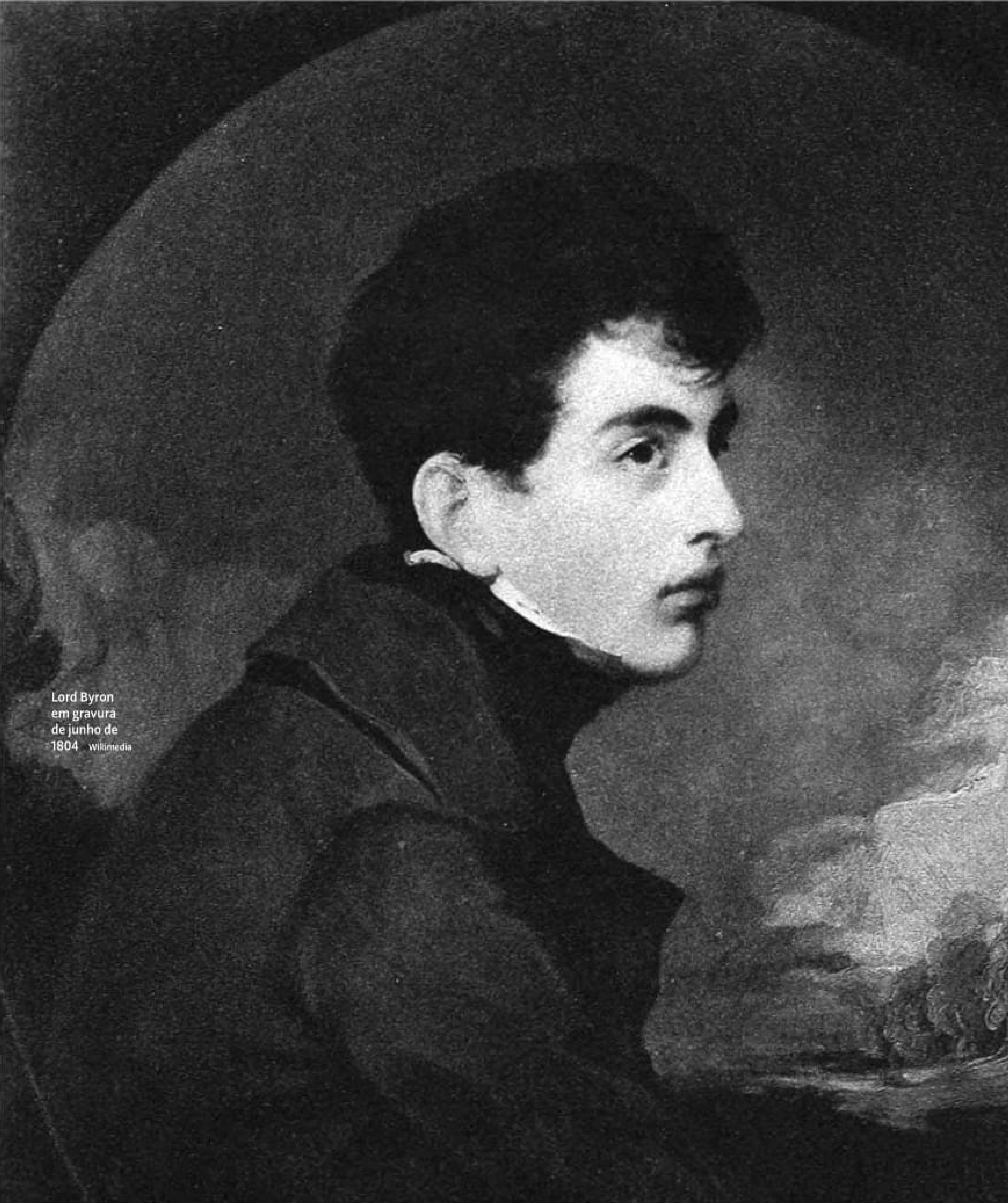
Um dos momentos mais marcantes do show aconteceram quando Gaga, do alto da estrutura de seu palco, pendurou uma bandeira do Brasil para ler uma carta aos fãs —com a ajuda de um intérprete brasileiro— e, em seguida, cantou "Alejandro", outro de seus principais hits, com a bandeira do Brasil à frente.

A carta foi uma espécie de mea culpa pelo cancelamento de seu show no Rock in Rio, em 2017. "De todas as coisas pelas quais poderia agradecer, tenho esta: vocês esperaram por mim por mais de dez anos. Podem estar se perguntando porque eu demorei tanto para voltar. A verdade é que eu estava me curando, estava ficando mais forte, mas enquanto eu me curava, algo poderoso acontecia: vocês continuavam torcendo por mim e pedindo para eu voltar quando estivesse pronta. Brasil, eu estou pronta. Eu amo vocês", disse a artista, por meio do intérprete.

Além das homenagens aos fãs brasileiros, Gaga fez um aceno especial às pessoas queer logo antes da canção "Born this Way", que se tornou um hino para a comunidade LGBTQIA+. "Só quero falar do meu amor pela comunidade LGBTQIA+ aqui no Brasil. Obrigada", disse.

Pela emoção com o show e o fascínio, pareceu que os perrengues passados pelo público para chegar até a praia e conseguir uma boa visão do palco valeram a pena. Cerca de três horas antes da apresentação, a estação de metrô Cardeal Arcoverde, a mais próxima ao palco, ficou lotada. O fluxo de fãs era tão intenso que os corredores ficaram congestionados, dificultando a circulação. Enquanto tentavam sair, os passageiros faziam uma sinfonia de leques.

Já na praia, muitos construíram barricadas improvisadas com sacos de gelo cheios de areia. Os sacos prontos eram vendidos por R$ 25, enquanto os vazios, para que cada um enchesse por conta própria custavam R$ 10. Outras pessoas buscaram abrigos no alto de árvores para poder ter a melhor visão de sua mãe monstro, como a cantora ficou conhecida por seus fãs, os eternos monstrinhos. **Eduardo Moura, Ítalo Ferreira, Leonardo Viceli, Lola Ferreira, Pedro Martins e Vitor Hugo Batista**



Lord Byron em gravura de junho de 1804 Wikimedia

A exuberância de Lord Byron

[RESUMO] Lord Byron viveu apenas 36 anos, tempo suficiente para firmar-se não apenas como grande poeta, mas também como uma das personalidades singulares da literatura mundial. Portentosa antologia organizada e traduzida por André Vallias tenta dar conta dos múltiplos aspectos do escritor britânico

Por **Marcelo Tápia**

Doutor em teoria literária e literatura comparada pela USP, é poeta e tradutor, autor de "Refusões – Poesia 2017-1982" e "Nékuia – Um Diálogo com os Mortos"

A "renascença" de Byron vem, assim, ligada à releitura de sua poesia mais "atrevida e espirituosa", como diria Augusto de Campos. O interesse por ela não escapou ao também poeta concreto Décio Pignatari, que traduziu um conjunto de estrofes de "Don Juan", publicado em seu livro "31 poetas 214 poemas" (1996)

Amado e odiado, cultuado e esquecido, "uma das personalidades mais paradoxais da literatura mundial", George Gordon Byron (1788-1824), conhecido como Lord Byron, é dono de extensa e diversificada obra que tem encontrado oportunidades de redescoberta e reavaliação crítica a partir dos anos 1990, cenário em que se situa a recém-lançada antologia "Byron – Poemas, Cartas, Diários &c.", organizada e traduzida pelo poeta e designer André Vallias, autor da frase citada acima.

Mosaico flamejante: uma possível metáfora, essa, para o conjunto ora publicado. A palavra "mosaico" surge no texto de Carlos Adriano para a orelha do livro, qualificação pertinente para a multifacetada obra do poeta inglês tal como espelhada neste alentado volume, que permite avistar a exuberância do todo da produção e da "breve e rocambolesca existência" que já rendeu mais de 200 biografias, como constata o organizador.

O singular meteoro do universo da poesia —no dizer de Otto Maria Carpeaux, "Byron apareceu como um meteoro; e desapareceu como um meteoro"— ressurge fulgurante num noturno céu tropical na forma de livro com capa na qual se insinua também a luz solar (pela cor laranja combinada ao azul), criada por Vallias, que assume a tarefa do trabalho como um todo, de sua concepção ao projeto gráfico, fortalecendo sua coerência.

As "contradições" de Byron, às quais aludimos de início, coroam a também múltipla introdução ao volume, cuja última parte cumpre a função de sucinto comentário crítico sobre a obra antologiada e seu autor.

Trata-se de um inventário sugestivo das "antinomias que se entrelaçam nos 36 anos de sua vertiginosa trajetória", tais como: famoso & infame; hétero & homo; indomável & submisso; sedutor & repulsivo; desmesurado & conciso; caótico & ordenado; heroico & jocoso; bélico & antimilitarista; arrojado & tradicionalista; sentimental & sarcástico... (Para Vallias, Byron seria um "acrobata do &" —pode-se ver o signo do "et" latino como possível símbolo de ligadura, a apontar a indissociabilidade dos opostos que agrega.)

Ponto alto da introdução, a abordagem crítica do tradutor faz pensar que ela poderia ser de maior extensão e profundidade, tendo-se em conta a dimensão abrangente e detalhada das demais seções do texto introdutório; mas não se pode querer tudo de um empreendimento que, por sua natureza, impõe opções de delimitação dos seus constituintes.

Segundo André Vallias, este seu trabalho, desenvolvido por cerca de dois anos, radicaliza o procedimento que adotara em suas antologias anteriores (uma dedicada a Heine, outra a Brecht), intercalando "segmentos de prosa no conjunto dos poemas para propiciar a contextualização".

Tal como representada, a obra de Byron permite, decerto, a visão dos textos relacionada a seus contextos; o que se vem a saber por meio de suas cartas e seus diários, juntamente com as anotações sobre a recepção de sua obra em diversos países, inclusive o Brasil, e a sua biografia, presentes na introdução, causam a impressão de uma vida-obra que, se o autor não pode mostrar em sua plenitude, dedica-se a roteirizá-la para o palco que contemplamos, demarcado por suas escolhas.

Tais escolhas se afinam com o conceito de "re-visão" de escritores tal como empreendida pelos criadores da poesia concreta entre nós, empenhados no redimensionamento de obras que não teriam encontrado oportunidade de leitura crítica e valorização à altura de sua relevância —particularmente sob o aspecto da inventividade— no contexto da história literária.

Augusto e Haroldo de Campos, à luz da visão de Ezra Pound, promoveram, por meio de ensaios críticos e traduções, um renovado modo de ver a contribuição de poetas da tradição universal e brasileira, caso de Sousândrade (1833-1902), praticamente desconsiderado antes de sua "re-visão" pelos irmãos Campos.

Aliás, da parte do poema "O Guesa", de Sousândrade, por eles denominada "O Inferno de Wall Street", proviria o interesse de Augusto por Byron, citado em versos da obra; tal interesse culminou em sua tradução de excertos de alguns cantos de "Childe Harold's Pilgrimage" e da mais famosa obra do poeta, "Don Juan", reunidos no livro "Byron e Keats – Entreversos" (2009).

Para Augusto, Byron seria "carnal e concreto, crítico de seu tempo, moderníssimo em suas 'digressões' colagísticas que atropelam a narração, vertendo poesia em prosa e prosa em poesia".

Vallias se orienta diretamente, em seu empenho tradutório, pelo conceito de "tradução-arte" de Augusto de Campos e, em particular, pelo que este realizou com a obra byroniana: "suas traduções e seus ensaios sobre Byron me serviram de modelo —inalcançável— e guia".

Tal afinidade resulta em diálogo, sob diversos aspectos, com as recriações de Augusto: por exemplo, a opção de traduzir as estrofes 8 a 16 do Canto I do "Don Juan", tendo Augusto publicado a tradução das sete iniciais; e, do Canto VII, as estrofes 8 a 18, sendo que Augusto traduziu da terceira à sétima.

Tratando-se de considerar a afinidade de propósitos ao se traduzir, a opção coincide com a visão do poeta concreto, manifesta na apresentação a seu "Byron e Keats": "não refazer o que já foi feito bem ou melhor é para mim uma regra inteligente, embora não inflexível, de 'economia processual'". Do "Childe Harold", há uma estrofe que ambos traduziram: a 114 do Canto III.

Mas voltemos a dizer algo mais de Byron e, também, da recepção e influência de sua obra.

"Byron, nascido belo como a noite, também nasceu manco como um verso de sátira", diz, em artigo, o também tradutor Lucas Zaparolli de Agustini, associando o poeta a "Hefesto, o deus, por assim dizer, protetor da poesia iâmbica antiga", que "era manco também", "protetor" da poesia "de invectiva, de crítica mordaz" (Agustini, diga-se, realizou a tradução completa de "Don Juan", incluída em sua tese de doutorado apresentada na USP em 2020).

De fato, o que se vê, na retomada crítica da obra do inglês, é o prevalecimento de seu veio satírico; para Otto Maria Carpeaux, "salve-se a poesia satírica de Byron; condenou-se sem apelação sua poesia pseudorromântica".

Segundo o crítico, o "classicista contaminado pelo romantismo" e o "rebelde contra as convenções morais da sua terra" criaria "um novo tipo de poeta, até um novo tipo de homem, admirado e imitadíssimo"; mas, "com o tempo, inverteu-se tudo isso".

Como conclui a pesquisadora Solange Ribeiro de Oliveira, em artigo de 2011, "sua obra é hoje mais apreciada pelo realismo satírico dos três grandes poemas classicizantes de sua maturidade [...] do que pelas criações marcadas pela efusão emotiva que, de imediato, associamos com o byronismo".

Cabe relembrarmos que o byronismo se destaca na memória da poesia brasileira romântica: como sintetiza Alfredo Bosi, os "estudantes boêmios" de então "se entregam ao 'spleen' de Byron", "vivendo na província uma existência doentia e artificial [...]: Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Fagundes Varela...".

A "renascença" de Byron vem, assim, ligada à releitura de sua poesia mais "atrevida e espirituosa", como diria Augusto de Campos. O interesse por ela não escapou ao também poeta concreto Décio Pignatari, que traduziu um conjunto de estrofes de "Don Juan", publicado em seu livro "31 poetas 214 poemas" (1996).

A presente antologia, porém, não se restringe à poética mais mordaz ou subversiva de Byron, incluindo poemas produzidos em toda a sua vida, dividida em períodos, como logo se vê no sumário do livro: Infante (1798-1809), Viagem (1809-1811), Fama (1811-1816), Exílio (1816-1819), Revolta (1820-1823) e Grécia (1823-1824).

O conjunto traz estrofes da criação que propiciaria a fama súbita do poeta, em 1812, cujo título ora se traduz por "Peregrinação do Infante Harold – Uma Romança". Vejamos uma das "Spencerian stanzas" (compostas por oito versos pentâmetros iâmbicos, seguidos de um hexâmetro) do Canto II, a XXXIX, recriada por Vallias em oito dodecassílabos seguidos de um verso de 14 sílabas, mantendo-se o esquema rímico: "O Infante Harold navegou, passou defronte / Do árido ponto de onde Penélope via / As ondas; mais adiante o inesquecível monte, / O refúgio do amante, a tumba em que jazia / A lésbia. Safo escura! a tua poesia / Houvera de salvar um peito já imortal? Eternizou a vida, por que morreria? / Se a vida eterniza da espera a lira, que ao / Filho da Terra serve de único Céu usual."

O acréscimo de sílabas pode ser visto como opção coerente com a tradução ao português de textos em idioma mais sintético, como é o inglês; contudo, tal expediente de adição, do qual o tradutor lança mão diversas vezes, não é sua regra: decidindo "caso a caso", traduz, por exemplo, tetrâmetros trocaicos em heptassílabos também trocaicos, caso dos "Versos ao Sr. Hodgson" ("Bend the canvas o'er the mast / From aloft the signal's streaming" – "O velame sobe ao largo / O sinal também se agita").

Questões como a correspondência métrico-rítmica e outras tantas, próprias da tarefa de tradução poética, podem ser vislumbradas e discutidas por meio desta antologia —que também permite, diga-se, perceber as forças de consonância e dissonância na própria história literária.

Observemos mais dois breves exemplos da tradução de Vallias: primeiro, alguns versos (dodecassílabos) do início e do fim do poema cujo título traduziu por "Breu", "Darkness": "Eu tive um sonho que não foi de todo um sonho / A luz do sol estava extinta, enquanto estrelas / Erravam pelo espaço, escuras e sem rumo; [...] Na estagnação do ar, os ventos sufocavam, / E as nuvens pereciam: Breu não precisava / De ajuda alguma deles – Ele era o Universo".

Esse poema —associado ao período em que o céu da Europa se escureceu devido à assombrosa erupção do Monte Tambora, na Indonésia— foi, recorde-se, traduzido por Castro Alves e incluído em seu "Espumas Flutuantes".

Toda nova tradução de um poema lembrado em marcante tradução anterior enfrentará o apego ao já conhecido e apreciado; confesso que a mim ecoam ainda, melódicos e soturnos, os versos finais do poeta romântico: "No estagnado céu murchara o vento; / esvaíram-se as nuvens. E nas trevas / era só trevas o universo inteiro". Por sinal, Vallias nos conta que sua antologia "começou a germinar" após a leitura de um artigo de Bráulio Tavares, no blog do autor, acerca desse poema e da tradução de Castro Alves.

Por fim, citemos para sua apreciação, leitor(a), algo do "Don Juan", escrito em pentâmetros iâmbicos, desta vez traduzidos na medida correspondente em português, o decassílabo: "Eu, que com Musas mais pedestres ando, / Não luto com vocês num alazão / Alado: lhes desejo sorte, e quando / Prestígio cobiçado e o gênio tão / em falta vierem, lembrem-se que dando / o justo mérito, um poeta não / Perde, e a lamúria de hoje não conduz / À glória que em futuro céu reluz".

Não devo encerrar este artigo sem reafirmar a força que adquirem as informações advindas da pesquisa do organizador e dos documentos do próprio escritor, relativos a um contexto distante do nosso, que podem nos causar profunda sensação e espanto, caso da imagem de Byron já doente e enfraquecido quando morava na Grécia —onde atuou com forte liderança na luta contra o domínio do Império Otomano—, recebendo sucessivamente em suas têmporas muitas sanguessugas, o que por certo apressou a morte do poeta enquanto jovem pelo esvaimento de seu sangue febril, agora com novas chances de revivescência. ←

Byron – Poemas, Cartas, Diários &c.
AUTOR: Lord Byron. **EDITORA:** Perspectiva. **TRADUÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO:** André Vallias. **QUANTO:** R$ 149,90 (640 págs.)



Bandeira da URSS hasteada no Reichstag, sede do parlamento em Berlim, depois do suicídio de Hitler e a tomada da cidade pelo Exército Vermelho 2.mai.45/AFP

O Dia D soviético

[RESUMO] Autor sustenta que a definição do país responsável por selar a derrota de Hitler se tornou o principal terreno de disputa da historiografia sobre a Segunda Guerra Mundial, influenciado pelo conflito entre EUA e URSS durante a Guerra Fria. O revisionismo ocidental, escreve, vem distorcendo eventos históricos para minimizar o papel do Exército Vermelho e justificar a teoria dos dois demônios, que compara a URSS ao regime nazista

Por **Breno Altman**
Jornalista e fundador do site Opera Mundi

Batizou-se de Guerra Fria o período no qual, de 1947 a 1991, o mundo se viu dividido entre o campo capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o socialista, comandado pela União Soviética. Muitas foram as frentes desse conflito —entre elas, a historiografia. O principal choque de narrativas deu-se sobre a luta contra o nazifascismo e se estende até os nossos dias.

Cumpria papel ideológico e cultural fundamental definir qual teria sido a força decisiva na derrota da Alemanha hitlerista, empreitada na qual os soviéticos estiveram aliados às democracias liberais. Inserido na disputa geopolítica, esse debate sempre foi reavivado, nos últimos 20 anos, pela decadência do bloco ocidental.

Os fatos de guerra, porém, constituíam enorme obstáculo para o discurso antissoviético. Mais de 25 milhões de cidadãos da primeira pátria socialista haviam sido mortos, contra cerca de 1 milhão de norte-americanos e britânicos. Quando ocorreu o desembarque na França, em junho de 1944, a sorte dos alemães já estava selada: os soldados da URSS haviam quebrado a coluna vertebral dos exércitos inimigos na Batalha de Stalingrado, finalizada em fevereiro de 1943, e marchavam rumo a Berlim.

Alguns estudiosos exaltam a ajuda material norte-americana à URSS, mas os próprios dados acessíveis nos Arquivos Nacionais dos EUA revelam um suporte periférico.

A Lei de Empréstimos e Arrendamentos, aprovada em 1941, permitiu o fornecimento de armas e equipamentos no montante de US$ 50 bilhões. Desse total, somente US$ 11,3 bilhões foram destinados à URSS —aproximadamente US$ 180 bilhões em valores atuais contra cerca de US$ 280 bilhões que os EUA, o Reino Unido e a União Europeia forneceram desde 2022 à Ucrânia, em uma guerra de envergadura infinitamente menor.

Esse aporte foi importante para resolver estrangulamentos específicos da logística soviética, deficiente em transporte, com a entrega de caminhões e locomotivas que chegaram a representar mais de 35% dos meios de mobilidade. Em seu livro "Russia's Life-Saver: Lend-Lease Aid to the U.S.S.R. in World War II", o norte-americano Albert L. Weeks, assessor do Departamento de Estado, reivindica que o auxílio prestado foi essencial em vários setores, mas não contesta os números soviéticos, de que seu volume ficou apenas entre 4% e 10% de toda a produção industrial da URSS de 1941 a 1945.

Durante a beligerância antinazista, de toda maneira, o protagonismo da URSS foi ressaltado pela indústria cinematográfica e a imprensa estadunidenses, que contrabalançavam tal predomínio com a exaltação de batalhas no oceano Pacífico contra o Japão imperial, depois incorporando o desembarque na Normandia e outras façanhas. Poucos meses após a derrocada do Eixo, tudo mudou: uma escalada de filmes, livros e estudos acadêmicos foi desatada para reescrever a história e torná-la útil na nova jornada anticomunista.

As batalhas travadas pelos soviéticos foram sendo atiradas ao limbo, enquanto feitos ocidentais, como a retirada de Dunquerque (1940) e o Dia D (1944), viravam epopeias e passavam a ser apresentados como mitos fundadores da saga antinazista.

Ainda que essa campanha tenha colhido frutos na opinião pública internacional, mesmo na contramão da realidade, era insuficiente para transformar Josef Stálin e seus companheiros de heróis antinazistas em inimigos da democracia. Não bastava a crítica aos abusos autoritários, verdadeiros ou falsos, da experiência socialista: era necessário aparentá-lo ao nazismo, para que a bandeira democrática fosse, de vez, um monopólio do Ocidente.

Nazismo e bolchevismo deveriam ser tratados como irmãos de berço, separados ao nascer. Aspectos pontuais vieram a ser descontextualizados, destacados e comparados para justificar a teoria dos dois demônios, embalada sob o conceito de totalitarismo e lapidada por liberais como Hannah Arendt.

A contradição central da humanidade, pelas lentes da Guerra Fria, era exibida como uma queda de braço entre sistemas democráticos e regimes totalitários.

Continua na pág. B15

Continuação da pág. B14

Mas haveria sempre espaço, na primeira categoria, é claro, a ditaduras sanguinárias que tivessem sido impostas para conter o risco, real ou imaginário, de revoluções socialistas.

O episódio mais relevante para provar o suposto parentesco do comunismo com o nazismo tem sido, nesse longo período, o Pacto Molotov-Ribbentrop, assinado em 23 de agosto de 1939 pelos chanceleres da URSS e da Alemanha. Seria a evidência definitiva do renascimento, em pleno século 20, dos irmãos Abel e Caim.

O Parlamento Europeu decidiu, em 2009, consagrar a data desse acordo como dia da memória das vítimas de todos os regimes totalitários. A escolha considera o tratado germano-soviético o estopim do conflito mundial, ao repartir a Polônia e os Estados bálticos, que supostamente teria aberto caminho para a ação alemã em 1º de setembro de 1939.

Essa posição omite as circunstâncias daquele pacto e falsifica seu alcance estratégico. Simplesmente ignora o empenho soviético, desde 1933, para estabelecer uma coalizão com as democracias liberais contra Hitler, frustrada pela preferência ocidental em incentivar que a tirania nazista atacasse e destruísse a URSS.

Sob a liderança de Stálin, Moscou aderiu à Liga das Nações pouco depois da ascensão do hitlerismo ao poder. A partir de 1934, a Internacional Comunista adotou como linha política a construção de frentes populares contra o fascismo, enquanto expoentes liberais continuavam flertando com Mussolini e Hitler.

A prova de fogo foi a Guerra Civil Espanhola, detonada por um fracassado golpe em 1936. Os franquistas receberam pleno apoio da Alemanha e da Itália, enquanto os republicanos eram acolhidos pela solidariedade soviética — e os governos ditos democráticos lavavam as mãos no sangue de Guernica.



Naquela mesma época, de 1933 a 1939, vários governantes preferiram estender a mão ao ditador nazista. Projetavam que sua sede expansionista, conforme anunciado em "Minha Luta" (1925), estaria limitada ao país dos sovietes. Apostavam que a pugna pelo espaço vital germânico, o "Lebensraum", mediante acenos diplomáticos e concessões territoriais, poderia poupar outras nações.

A Polônia de Józef Pilsudski puxou a fila, em 1934, assinando pacto de não agressão com Berlim, seguida por outros governos. O ápice dessa estratégia ocorreria em setembro de 1938, quando Reino Unido e França aderiram ao Acordo de Munique, subscrito também por alemães e italianos, pelo qual parte da Tchecoslováquia foi cedida a Hitler. Tratava-se da política de apaziguamento dos primeiros-ministros Neville Chamberlain e Édouard Daladier, resposta objetiva aos apelos da URSS por uma frente antinazista.

Como está registrado no livro "Stalin's Wars", do historiador inglês Geoffrey Roberts, o chefe comunista ainda tentaria, nos meses seguintes, dobrar Londres e Paris. Apresentou uma derradeira proposta de proteção à Polônia e à Romênia contra o regime nazista, dispondo-se a mover suas tropas até a fronteira alemã, pelo território polaco, desde que contasse com o engajamento franco-britânico em uma tripla aliança militar contra Hitler.

Os líderes poloneses e romenos, ferrenhamente anticomunistas, recusaram-se a dar passagem aos soldados soviéticos. Chamberlain e Daladier cruzaram os braços, insistindo que as conversações continuassem exclusivamente no plano diplomático. Stálin sentiu cheiro de traição no ar. Aos seus olhos, França e Reino Unido estavam empurrando a Alemanha para cima da União Soviética. Virou o jogo e mudou de tática. O resultado seria a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop.

Poucos meses após a derrocada nazista, tudo mudou: uma escalada de filmes, livros e estudos acadêmicos foi desatada para reescrever a história e torná-la útil na nova jornada anticomunista. As batalhas travadas pelos soviéticos foram sendo atiradas ao limbo, enquanto feitos ocidentais, como a retirada de Dunquerque (1940) e o Dia D (1944), viravam epopeias e passavam a ser apresentados como mitos fundadores da saga antinazista

Considerando o que a economia e a defesa de seu país precisavam de prazo para estarem à altura de uma guerra solitária contra a Alemanha, o sucessor de Lênin tratou de convencer Hitler de que uma ofensiva a oeste seria sua melhor opção. Em troca de um cordão sanitário que deveria ir da Finlândia ao trio báltico (Estônia, Letônia e Lituânia), passando por um pedaço do território polonês, Stálin assumia um compromisso de não agressão e oferecia outras facilidades para os exércitos alemães.

Ganhar tempo e se fortalecer ao máximo possível eram os objetivos soviéticos. A guerra era inevitável, mas foi adiada por quase dois anos. A URSS só entrou em combate quando atacada. Essa prorrogação terá sido decisiva? Só nos resta julgar pelo desfecho que conhecemos: a invasão alemã de 1941 deparou-se com a mais tenaz resistência que o mundo já viu e terminou com a chegada épica do Exército Vermelho na capital alemã.

O hasteamento da bandeira soviética sobre as ruínas do parlamento germânico deu vida à foto mais marcante de como terminou o maior de todos os embates militares. Desde então, a sôfrega missão do revisionismo histórico tem sido apear e destruir, pelas armas da propaganda, o estandarte que simbolizou o fim do regime nazista.

A verdade, no entanto, é que Moscou continua a ser o lugar certo para celebrar a capitulação do Reich de mil anos. ←

ANIMUS
Sofisticação e autenticidade
Uma experiência gastronômica única
Rua Vupabussu 347 Pinheiros

MULTITELA

Suspense de espionagem com Michael Fassbender estreia nas lojas digitais

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com



Código Preto
Lojas digitais, 14 anos
Além do título do novo filme de Steven Soderbergh, "código preto" é a expressão usada pelo casal de espiões interpretados por Cate Blanchett e Michael Fassbender quando não podem revelar nada sobre suas missões. O casamento vai bem e ambos mantêm seus segredos profissionais. Mas, quando ela é suspeita de vazar um programa de software, o marido tem uma semana para descobrir se ela é culpada —e escolher entre a lealdade ao casamento ou ao país.

Vai Corinthians
TNT e Max, quarta-feira, dia 7
A histórica invasão da torcida do Corinthians no Japão durante o Mundial de Clubes de 2012 foi documentada neste filme que mostra a barulhenta presença de torcedores brasileiros que viajaram para apoiar o time na conquista do título —e conseguiram contagiar até mesmo os reservados torcedores japoneses.

Karol G: Mañana Fue Muy Bonito
Netflix, a partir de quinta-feira, dia 8
Uma das poucas mulheres a gravar o reggaeton, gênero predominantemente masculino, Karol G conta sua história de sucesso neste documentário que faz referência a seu álbum "Mañana Será Bonito", grande sucesso de 2023, e acompanha os bastidores da turnê mundial.

Star Wars: Histórias do Submundo
Disney+, 12 anos
Com animação mais escura, explícita e estética de marionete, a antologia do universo de "Star Wars" tem como foco a assassina Asajj Ventress e o bandido Cad Bane. Enquanto Asajj ganha uma nova chance em sua vida e decide fugir, Cad confronta um velho amigo que se tornou um notório delegado.



Rita Lee: Mania de Você
O novo documentário promete revelar um retrato profundo de uma das maiores artistas do Brasil, a paulistana Rita Lee, incluindo uma carta escrita por ela pouco antes de sua morte, em 2023, e endereçada aos três filhos, ao marido e parceiro musical, Roberto de Carvalho. Dirigido por Guido Goldberg, o filme reúne depoimentos de outros nomes da música, como Gilberto Gil e Ney Matogrosso, e revisita a trajetória da cantora, abordando tanto seus momentos de brilho quanto suas vulnerabilidades e excessos, consolidando seu legado como ícone do rock nacional. Ainda em maio, outro documentário estreia nos cinemas. 'Ritas' é dirigido por Oswaldo Santana e Karen Harley, e narrado pela própria Rita Lee. São dois novos filmes que celebram a nossa grande rainha do rock nacional

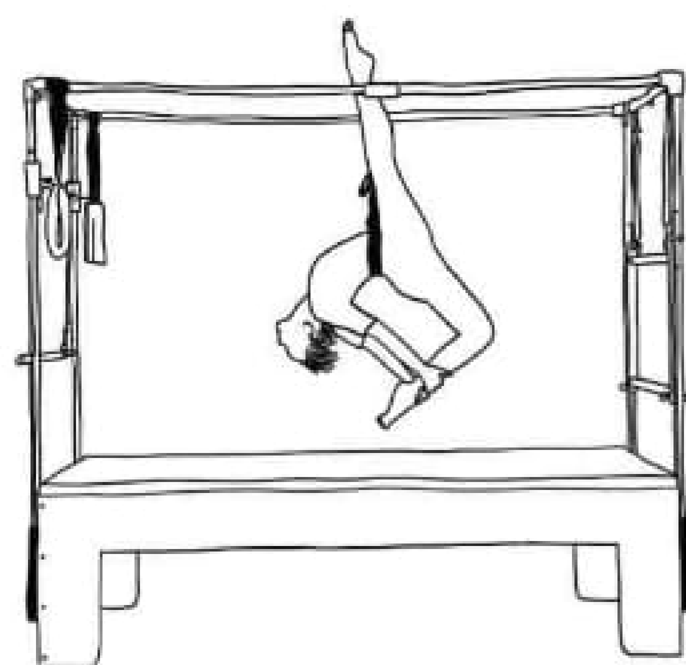
Malditos
Max, 16 anos
Sara lidera uma comunidade cigana no sul da França que está ameaçada de despejo. Para salvar seu negócio e garantir um futuro para seus filhos, ela tem de fazer novas alianças, enquanto um segredo guardado há muito tempo está prestes a ser revelado. O suspense policial é uma produção francesa.

Troféu Imprensa
SBT e Disney+, 19h, livre
Neste ano, o evento celebra uma parceria inédita ao ser exibido também no streaming. Com apresentação de Patrícia Abravanel e Celso Portiolli, tem, entre os participantes, Mateus Solano, Angélica, Blogueirinha, Fábio Júnior, a dupla Chitãozinho & Xororó e Tata Werneck.

Tá Rindo de Quê?
Curta!, 19h39, 12 anos
O documentário reúne depoimentos de grandes nomes do humor que conseguiam driblar a censura e transformavam o riso em arma política durante a ditadura militar. É dirigido por Alê Braga, Claudio Manoel e Álvaro Campos.

Canal Livre
Band, 0h, livre
O médico infectologista e diretor do Instituto Butantan, Esper Kallás, participa do programa para discutir o atual cenário da dengue no Brasil — doença que infectou mais de 1 milhão de pessoas e causou mais de 700 mortes apenas nos primeiros meses de 2025.

Rio Congelado
HBO Mundi, 18h40, 14 anos
Quando o marido rouba suas economias e desaparece, Ray começa a ajudar uma amiga de origem indígena a ganhar a vida contrabandeando imigrantes do Canadá para os Estados Unidos pelo rio São Lourenço. O filme é dirigido por Courtney Hunt e estrelado por Melissa Leo, Misty Upham, Charlie McDermott, Michael O'Keefe e John Canoe.



Luiza Pannunzio

James Bond contra o pilates

O 'core' eu acabei não fortalecendo muito, mas os esfíncteres se tornaram de pedra

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Indiferentes às convenções internacionais sobre direitos humanos, as aulas de pilates continuam. Falo com propriedade porque alguém se lembrou de que eu deveria fortalecer o "core" e resolveu me infligir uma sessão de pilates.

Trata-se de torcer e esticar partes do corpo que não deveriam ser torcidas nem esticadas. Somos obrigados a adotar posições e a efetuar movimentos que, à primeira vista, são um pouco desagradáveis, mas que com as indicações adicionais se tornam realmente muito desagradáveis.

Movido por ressentimento e desejo de vingança, decidi investigar quem foi o inventor do pilates. Descobri que o inventor de pilates foi Zé Pilates. Joseph Pilates, nascido em Mönchengladbach, em 1883.

Pergunto-me se a prática esportiva teria o mesmo prestígio se tivesse sido inventada por Vítor Meireles. Se alguém diria, com admiração: "Nossa, como você está enxuta! Dá para ver que anda no meireles!". E se alguém responderia: "Obrigada, querida, mas agora não posso falar, tenho aula de meireles".

O corpo vai ser torcido, dobrado e apertado. Vai ser tratado como bisnaga de creme dental. Mantenham a tampa apertada. Para evitar desgraças, eu me concentrei nos esfíncteres

Deixo um alerta para o seguinte: os professores de pilates vão dizer que pilates não é apenas exercício físico. Também requer concentração. Vão perguntar: "Está concentrado nos movimentos?" Não façam isso. Concentrem-se antes em contrair todos os esfíncteres que o corpo tiver".

O nosso corpo vai ser torcido, vai ser dobrado, vai ser apertado. Vai ser tratado como uma bisnaga de creme dental. Mantenham a tampa bem apertada. Para evitar uma desgraça, eu me concentrei nos esfíncteres. O "core" não fortaleci muito, mas os esfíncteres são pedra.

Não me surpreenderia se o próximo filme do 007 incluísse um diálogo como: "Nos encontramos de novo, senhor Bond. E algo me diz que você vai me dar as informações de que preciso".

"Não me faça rir, Blofeld. Você tem aí uma máquina de tortura sofisticada? Fui treinado para resistir."

"Não, não. Tenho aqui um PT chamado Márcio."

E entra o Márcio: "James, é o seguinte, nós vamos dar uma melhorada na sua flexibilidade. Primeiro você vai deitar de barriga para cima. Isso. Agora faz uma tesourinha no ar com as pernas. Vinte vezes. Contrai o glúteo. Faz a retroversão pélvica para mim, James. Respira. Dez, nove, oito...".

"Okay, tragam um mapa", interrompe Bond. "Eu digo exatamente onde a marinha da Sua Majestade escondeu os submarinos."

DOM. Ricardo Araújo Pereira **QUA.** Bia Braune
QUI. Flávia Boggio **SEX.** Renato Terra **SÁB.** José Simão

'Ainda Estou Aqui' estreia na Coreia do Sul e evoca passado semelhante

Nathalia Durval

SÃO PAULO "Ainda Estou Aqui" estreou na Coreia do Sul, na última quinta-feira, com sessões esgotadas no Festival Internacional de Cinema de Jeonju, um dos mais importantes do país asiático.

O Oscar de melhor filme internacional e a crítica positiva ajudam a atrair espectadores. Isso fez, inclusive, com que a Netflix comprasse os direitos de transmissão do longa nos Estados Unidos. O filme brasileiro tem previsão de estreia na plataforma de streaming no dia 17 de maio. Mas, para além disso, o longa de Walter Salles sobre a ditadura militar brasileira dialoga com um passado político semelhante ao dos coreanos.

"A história do Brasil na jornada rumo à democracia é também a da Coreia do Sul", diz Moon Seok, um dos responsáveis pela programação da mostra de Jeonju, cidade perto da capital Seul. Ambos países viveram ditaduras ao mesmo tempo —o regime vigorou aqui de 1964 a 1985 e, na nação asiática, de 1961 a 1987.

"Há muitos pontos de ressonância", afirma Moon. Ele descreve "Ainda Estou Aqui" como "muito interessante e comovente" e conta que a equipe do festival se identificou com a trama. "Tanto os mais velhos, que vivenciaram uma história sombria, quanto os mais jovens, devido à influência do estado de emergência de 3 de dezembro."



A atriz Fernanda Torres Divulgação

Em dezembro do ano passado, o presidente Yoon Suk-yeol tentou impor a lei marcial, num movimento golpista. A forte oposição da população levou ao impeachment de Yoon. Desde então, a Coreia do Sul vive uma crise política, com trocas constantes no governo interino até a nova eleição.

Embora haja diferenças entre as duas ditaduras, Moon diz que a ligação central com o longa brasileiro está na opressão desses regimes e a resistência do povo. "Aqueles no poder mobilizaram os militares e a polícia para prender inúmeras pessoas, muitas das quais morreram em circunstâncias suspeitas."

Kim Cheul-hong, que há dois anos vive no Brasil para gerenciar o Centro Cultural Coreano, em São Paulo, destaca como os personagens lidaram com a dor. "Na Coreia também houve momentos trágicos semelhantes ao apresentado no filme, e muitas pessoas e famílias conseguiram ultrapassar isso com muita resiliência", ele afirma.